

# ppgmat

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE MATEMÁTICA

BRUNO ELIAS DOMINGUES

UMA INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A ESCOLA  
ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA

CORNÉLIO PROCÓPIO

2023

BRUNO ELIAS DOMINGUES

**UMA INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A ESCOLA  
ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA**  
A HISTORIOGRAPHIC INVESTIGATION ABOUT ITINERANT SCHOOL VALMIR  
MOTTA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campi* Cornélio Procópio e Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Matemática.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa**

CORNÉLIO PROCÓPIO

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação**  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
**Campus Londrina**



BRUNO ELIAS DOMINGUES

**UMA INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA  
DE OLIVEIRA**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino De Matemática.

Data de aprovação: 05 de Maio de 2023

Dra. Linlya Natassia Sachs Camerlengo De Barbosa - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Mirian Maria Andrade Goncalez - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Silvana Matucheski - Instituto Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 06/05/2023.

## AGRADECIMENTOS

*Ao final do estudo realizado, é necessário fazer um certo reconhecimento, direcionado àqueles que, de alguma forma, me apoiaram e ajudaram no caminho percorrido até aqui.*

*Em primeiro lugar, gostaria de agradecer especialmente à minha orientadora, Dra. Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa. Obrigado por participar deste grande feito na pesquisa. Sua experiência, sua dedicação e seu rigor tornam este estudo completo e mais aprimorado a cada versão. Além do trabalho, é claro, essas características me fizeram admirá-la cada vez mais como profissional na área de Educação Matemática. Obrigado por todas as orientações, sugestões, incentivo.*

*Agradeço imensamente aos colaboradores, que contribuíram compartilhando suas histórias comigo. Vocês enriqueceram essa pesquisa. Portanto, muito obrigado aos colaboradores: Karina Aparecida da Silva, Dahiane Inôcencia Silveira, Marlene Araujo, Pedro Cândido do Rosário, Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário, Jonathan de Campos Meireles, Franciela Ferreira Machado, José Pedro Oliveira, Ademar Herdt e Varlete Ines Calixto.*

*Minha eterna gratidão é para minha mãe, Rose, que primeiro acreditou em mim e sempre me incentivou com suas orações, carinho e recursos. Agradeço a todos os meus familiares que, de alguma forma, me ajudaram durante todo o percurso.*

*Agradeço também ao Grupo Educação Matemática do Campo – Estudos e Pesquisas, por todas as discussões e ensinamentos que me proporcionou. Obrigado a meu amigo Jader Gustavo, que participou das visitas na escola, horas de estradas e muitos desafios encontrados.*

*Por fim, agradeço o apoio financeiro para a realização desta pesquisa, por meio de uma bolsa de estudos da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação do campus Cornélio Procópio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.*

*As cercas  
Crescem com o dia  
Demarcam  
A imensidão  
Do latifúndio  
E calam  
O murmúrio  
Das sementes*

*Nas madrugadas  
O camponês  
Arma o coração  
Da derrubada  
O arame farpado  
Não deterá jamais  
O grito  
Da aurora  
Ocupada!*

(CARLOS PRONZATO, 2021, p. 1).

DOMINGUES, Bruno Elias. **Uma investigação historiográfica sobre a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira**. 2023. 196 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procopio, 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada no Acampamento Valmir Mota de Oliveira, no município de Jacarezinho, estado do Paraná. As escolas itinerantes do Paraná têm como intuito garantir o acesso à educação para crianças e jovens durante períodos, muitas vezes longos, de ocupação de terra em acampamentos rurais, organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa escola, especificamente, iniciou suas atividades em agosto de 2008, logo após a ocupação da Fazenda Itapema, e segue até os dias atuais. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos como fundamento teórico-metodológico a História Oral, a partir da qual foram realizadas nove entrevistas, que constituem narrativas, que são as principais fontes historiográficas desta investigação. Com isso, foram realizadas reflexões sobre os seguintes temas: a oposição entre escolas itinerantes e escolas urbanas; o início da escola antes mesmo de existir uma construção que possa ser chamada de escola; e as dificuldades de colocar em prática a proposta educacional dessas escolas. Também foi elaborado como produto educacional um livro paradidático com o objetivo de apresentar uma história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira principalmente às crianças que lá estudam. Esse produto educacional tem o formato de um livro de história em quadrinhos e registra a constituição da escola, tratando do acampamento nas Fazendas Itapema e Cambará, dos lugares improvisados para a realização das aulas e o grande trabalho coletivo que a comunidade fez para erguer a escola e manter o seu funcionamento.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Escola Itinerante. História Oral. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

DOMINGUES, Bruno Elias. **A historiographical investigation about Itinerant School Valmir Motta de Oliveira**. 2023. 196 p. Dissertation (Master's degree in Mathematics Education) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, 2023.

### **ABSTRACT**

This research aimed to carry out a historiographical investigation about the process of constitution and functioning of the Itinerant School Valmir Motta de Oliveira, located in the Valmir Mota de Oliveira Camp, in the municipality of Jacarezinho, state of Paraná. Itinerant schools in Paraná aim to guarantee access to education for children and young people during periods, often long, of land occupation in rural encampments, led by the Landless Rural Workers Movement. This school, specifically, began its activities in August 2008, shortly after the occupation of Fazenda Itapema, and continues to this day. For the development of this research, we used Oral History as a theoretical-methodological basis, from which nine interviews were carried out, which constitute narratives, which are the main historiographical sources of this investigation. With that, reflections were carried out on the following themes: the opposition between itinerant schools and urban schools; the beginning of the school even before there was a building that could be called a school; and the difficulties of putting into practice the educational proposal of these schools. A paradidactic book was also prepared as an educational product with the objective of presenting the history of the Valmir Motta de Oliveira Itinerant School, mainly to the children who study there. This educational product is in the format of a comic book and records the constitution of the school, dealing with the camp at Fazendas Itapema and Cambará, the improvised places for classes and the great collective work that the community did to build the school. and maintain its operation.

**Keywords:** Rural Education. Itinerant School. Oral History. Landless Workers' Movement.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Escolas itinerantes em funcionamento no Estado do Paraná até o ano 2022. ....	22
<b>Figura 2:</b> Trajeto de Bandeirantes até a Fazenda Itapema .....	32
<b>Figura 3:</b> Linha do tempo de Karina Aparecida da Silva.....	43
<b>Figura 4:</b> Linha do tempo Dahiane Inocência Silveira.....	64
<b>Figura 5:</b> Linha do tempo Marlene Araujo.....	80
<b>Figura 6:</b> Linha do tempo Pedro Cândido do Rosário e Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário.....	86
<b>Figura 7:</b> Linha do tempo Jonathan de Campos Meireles.....	94
<b>Figura 8:</b> Linha do tempo Franciela Ferreira Machado.....	101
<b>Figura 9:</b> Linha do tempo José Pedro Oliveira.....	107
<b>Figura 10:</b> Linha do tempo Ademar Herdt.....	113
<b>Figura 11:</b> Linha do tempo Varlete Ines Calixto.....	124
<b>Figura 12:</b> Capa do produto educacional.....	147
<b>Figura 13:</b> Fotografia da estrutura física da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira....	148
<b>Figura 14:</b> Página 5 do produto educacional.....	149
<b>Figura 15:</b> Página 6 do produto educacional.....	150
<b>Figura 16:</b> Fotografia da paisagem próxima ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira....	151
<b>Figura 17:</b> Página 7 do produto educacional.....	152
<b>Figura 18:</b> Fotografia de um espaço improvisado para realização de aulas na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira .....	153
<b>Figura 19:</b> Página 8 do produto educacional.....	154
<b>Figura 20:</b> Página 9 do produto educacional.....	155
<b>Figura 21:</b> Fotografia do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, em 2010.....	156
<b>Figura 22:</b> Fotografia do ônibus para transporte escolar utilizado no Acampamento Valmir Mota de Oliveira.....	156
<b>Figura 23:</b> Página 10 do produto educacional.....	158
<b>Figura 24:</b> Fotografia da aula ocorrendo junto ao pasto no Acampamento Valmir Mota de Oliveira.....	159
<b>Figura 25:</b> Página 11 do produto educacional.....	160
<b>Figura 26:</b> Fotografia do lote da colaboradora da pesquisa, Marlene Araújo.....	161
<b>Figura 27:</b> Página 12 do produto educacional.....	162
<b>Figura 28:</b> Fotografia do casarão da Fazenda Itapema, onde era servido o lanche.....	163



<b>Figura 29:</b> Fotografia das cocheiras, que eram um espaço improvisado para realização das aulas.....	164
<b>Figura 30:</b> Página 13 do produto educacional.....	165
<b>Figura 31:</b> Fotografia da estrada em frente à Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira...	166
<b>Figura 32:</b> Página 14 do produto educacional.....	167
<b>Figura 33:</b> Fotografia da construção da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira .....	168
<b>Figura 34:</b> Página 15 do produto educacional.....	169
<b>Figura 35:</b> Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira .....	170
<b>Figura 36:</b> Página 16 do produto educacional.....	171
<b>Figura 37:</b> Fotografia de um quadro com a imagem de Valmir Motta de Oliveira.....	172
<b>Figura 38:</b> Fotografia externa da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira parcialmente destruída após temporal, em 2011. ....	173
<b>Figura 39:</b> Fotografia do telhado da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, que foi parcialmente destruída após temporal, em 2011. ....	173
<b>Figura 40:</b> Página 17 do produto educacional.....	174
<b>Figura 41:</b> Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.....	175
<b>Figura 42:</b> Página 18 do produto educacional.....	176
<b>Figura 43:</b> Página 19 do produto educacional.....	177
<b>Figura 44:</b> Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira .....	178
<b>Figura 45:</b> Página 20 do produto educacional.....	179

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 Um momento .....	11
<b>2. BREVE HISTÓRICO .....</b>	<b>13</b>
2.1. Educação do Campo e Escolas Itinerantes .....	18
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>27</b>
3.1 História Oral .....	27
3.2 Procedimentos metodológicos .....	29
3.3 Caminho da pesquisa .....	31
<b>4. NARRATIVAS: MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO E DA TRAJETÓRIA DA ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA .....</b>	<b>43</b>
4.1. Narrativa: Karina Aparecida da Silva .....	43
4.2. Narrativa: Dahiane Inocência Silveira .....	63
4.3. Narrativa: Marlene Araujo .....	79
4.4. Narrativa: Pedro Cândido do Rosário e Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário .....	86
4.5. Narrativa: Jonathan de Campos Meireles .....	94
4.6. Narrativa: Franciela Ferreira Machado .....	100
4.7. Narrativa: José Pedro Oliveira .....	107
4.8. Narrativa: Ademar Herdt .....	113
4.9. Narrativa: Varlete Ines Calixto .....	124

<b>5. UM OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS.....</b>	<b>134</b>
<b>5.1 Escolas itinerantes <i>versus</i> escola urbana .....</b>	<b>134</b>
<b>5.2 A escola começa antes mesmo de ter escola.....</b>	<b>137</b>
<b>5.3 Dificuldades de se colocar em prática a proposta educacional.....</b>	<b>141</b>
<b>6. PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>146</b>
<b>7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>181</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXO A – FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL .....</b>	<b>187</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS .....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM E VOZ (TCUISV).....</b>	<b>194</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por desigualdades diversas, entre elas de acesso à terra. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) evidencia esse dado por meio do índice Gini. Esse indicador de desigualdade, amplamente utilizado, varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade, e, quanto mais próximo de 0, menor a desigualdade. No Brasil, o índice Gini referente à propriedade fundiária mantém-se superior a 0,8 desde 1967 (DIEESE; MDA, 2011).

Diante dessa realidade, foi constituído o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1984. Desde então, o MST tem liderado grande parte da luta por uma distribuição mais igualitária da terra no país, travando embates com entidades governamentais para que uma reforma agrária popular seja realizada em todo o país.

Junto a essa luta, o MST vem se organizando e lutando pela garantia de direito à educação pelas populações camponesas. Destacamos, nesse sentido, a construção e a implementação das escolas itinerantes do estado do Paraná, com o intuito de garantir o acesso à educação para crianças durante períodos, muitas vezes longos, de ocupação de terra em acampamentos rurais. Essas escolas fazem a Itinerância junto aos movimentos dos acampamentos – que são provisórios e instáveis<sup>1</sup>. A ideia é que as crianças e os jovens em idade escolar não deixem de ter acesso à educação, mesmo que haja despejo ou mudança de localidade, e que essa educação seja pensada a partir dos princípios pedagógicos estabelecidos por esse coletivo.

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, que iniciou suas atividades em 2008 e que seguem até os dias atuais, localizada no Acampamento Valmir Mota de Oliveira<sup>2</sup>, no município de Jacarezinho, pertencente à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense. A realização desta pesquisa se justifica pela escassa bibliografia e que, por se tratar de uma história recente e atual, há a possibilidade de conhecê-la por meio dos atores que participaram desse processo – por isso, a opção pela História Oral.

---

<sup>1</sup> É importante diferenciar acampamento de assentamento: acampamento é um espaço de ocupação e importante instrumento de luta para a realização da reforma agrária; já o assentamento é o resultado desse processo, isto é, quando uma terra pública ou privada, por meios legais, destina-se a assentar famílias em lotes que se tornam unidades produtivas.

<sup>2</sup> Os nomes da Escola Itinerante e do Acampamento homenageiam a mesma pessoa, Valmir Motta de Oliveira; porém, há uma diferença na grafia: “Motta” no nome da Escola e “Mota” no nome do Acampamento.

A partir da segunda seção, apresentamos um breve histórico sobre a luta pela terra no país, a Educação do Campo e as escolas itinerantes no estado do Paraná, o percurso da pesquisa, contemplando o referencial teórico-metodológico adotado, as nove narrativas constituídas a partir de entrevistas realizadas com colaboradores, que contribuíram para a constituição de fontes historiográficas sobre a escola, um texto final elaborado com vistas a contribuir para a compreensão do processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira e, por fim, a apresentação do produto educacional desenvolvido. Antes disso, porém, faremos uma breve explanação da trajetória pessoal do pesquisador culminando nesta investigação. Para referirmo-nos a alguns caminhos ou vivências subjetivas, optamos por utilizar a primeira pessoa do singular, excepcionalmente nessa subseção.

### **1.1 Um momento**

É um tanto engraçado falar sobre um breve momento da minha vida, nesta pesquisa, pois sou uma pessoa extremamente fechada, que raramente fala da sua vida particular para as pessoas, porém entendo que uma das minhas maiores qualidades, da qual tenho orgulho, talvez seja escutar o que o outro tem a dizer e refletir sobre o que ouço. Sou graduado em licenciatura plena em matemática e professor de uma escola privada. No desenvolvimento desta pesquisa, tive a alegria de poder ouvir vozes e histórias, que muito me ensinaram.

Se eu pudesse voltar no tempo e dizer algo para aquele garoto sonhador, lá de 2005, gostaria de dizer-lhe que deu tudo certo e recomendar que viva intensamente cada dia, sem sofrer antecipadamente por tudo, que respire e mantenha um sorriso no rosto.

O motivo de voltar a tanto tempo atrás é para recordar na minha memória que, apesar de tão novinho, com apenas cinco anos, pude ter uma curta experiência e de alguma forma um conhecimento, sobre o MST – e hoje, 26 anos após aquele momento, poder assimilar o que vivi à época. Perto do sítio onde viviam meus avós naquela época, havia sido montado um acampamento à beira da rodovia (PR-518), entre os municípios de Bandeirantes<sup>3</sup> e Santa Amélia<sup>4</sup>, cerca de 60 km da cidade de Santo Antônio da Platina<sup>5</sup>. Havia muitas famílias

---

<sup>3</sup> O município de Bandeirantes está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procópio, e está a uma distância de 408 km da capital Curitiba.

<sup>4</sup> O município de Santa Amélia está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procópio, e está a uma distância de 397 km da capital Curitiba.

<sup>5</sup> O município de Santo Antônio da Platina está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

acampadas lá. Meu pai e minha mãe chegaram a participar por alguns meses do acampamento, porém, depois de alguns meses, desistiram. Morávamos em um sítio e minha família doava alimentos, sempre que possível, a acampados que pediam ajuda.

A história dos meus pais e familiares sempre foi de muita luta e superação no campo, de onde tiravam o seu sustento. Meus avós eram proprietários de um sítio, onde morávamos. Nessa época, meus pais trabalhavam com meu avô; até que, em um momento, as coisas ficaram muito difíceis e meus avós decidiram vender o sítio e ir para a cidade. Meus pais continuaram morando no sítio e passaram a trabalhar como assalariados. Eles contam que viveram e presenciaram muitas injustiças e exploração da mão de obra, com salários baixos suficientes apenas para comprar o necessário. Não apenas na minha família a miséria acompanha o trabalhador rural por muitos anos.

Apesar de ter morado no campo até os meus 15 anos, não me recorro de ter aprendido a respeito da desigualdade na distribuição de terras no país e da necessidade de uma reforma agrária popular. O que me vem à memória quando penso sobre essa época, é que eu perguntava para meus pais o que eram aquelas pessoas embaixo das lonas pretas e bandeiras vermelhas, com quem tínhamos contato frequente. Era um pouco confuso para mim, pois o que eu via era totalmente diferente do que a mídia mostrava em telejornais, retratando as pessoas que participavam do MST como agressivas, como vândalos que invadiam propriedades privadas; eu via pessoas simples, sempre bondosas e educadas. Com esta pesquisa, tenho a oportunidade de revisitar essas memórias e compreender um pouco sobre o que acontecia ali e em outros tantos acampamentos no Brasil.

## 2. BREVE HISTÓRICO

A história do Brasil a partir da colonização portuguesa explica, em grande parte, a concentração de terras de forma desigual no país. Até os dias atuais, não foi implementada uma política de reforma agrária que modificasse essa situação.

Já em 1494, quando os reis espanhóis e portugueses assinaram o Tratado de Tordesilhas, as terras do que hoje chama-se Brasil foram divididas e consideradas propriedade europeia. Mas, naquele momento, não era a “nova” terra que importava para Portugal, quando a prioridade era descobrir um caminho para o Oriente.

Neste sentido, Germani (2006, p. 118) afirma:

Este descobrimento o colocaria em contato direto com as Índias e suas preciosas especiarias, que tanto agradavam aos europeus sem precisar da intermediação dos italianos e turcos que dominavam este comércio na época. Se foi culpa dos ventos ou resultado dos seus conhecimentos anteriores, o que se sabe é que o navegador português Pedro Álvares Cabral, partindo de Lisboa em direção as Índias, desviou sua rota e chegou a costa brasileira, em 22 de abril de 1500. A “nova” terra foi chamada inicialmente de Vera Cruz, logo depois Santa Cruz e finalmente Brasil. Cabral tomou posse oficial em nome do Rei de Portugal, D. Manoel I.

De acordo com Germani (2006), os registros encontrados, de Américo Vespúcio, dos povos que moravam no Brasil, na época da chegada dos europeus, relatam que a terra não possuía dono, “era um bem comunitário que pertencia a todos” (p. 116). Em suas palavras:

[...] as condições históricas sociais que regularam a ocupação do espaço agrário brasileiro tornaram, pouco a pouco, as terras livres – onde se desfrutava de “paz e sossego” – em terras aprisionadas nas mãos de poucos onde se convive com manifestações constantes de violência sem igual. Uma história de ocupação que gerou e consolidou uma estrutura de propriedade das mais concentradas do mundo e, o pior, uma imensidão de terras sem uso algum. Como consequência, uma legião de agricultores sem trabalho e sem terras. (GERMANI, 2006, p. 142).

A princípio, o colonialismo português não estava interessado em ocupar a região, mas apenas em extrair matéria-prima e riqueza daqui e, por isso, só desenvolveu certas atividades extrativistas que funcionavam arrendando terras para exploração, por meio de reserva. O monopólio real, mais tarde, foi substituído pela “liberdade de comércio”, que significava o pagamento de um quinto das mercadorias exportadas para a corte (GERMANI, 2006).

Segundo Germani (2006, p. 119),

Em relação à propriedade da terra, em certa medida, respeitava-se o regime comunal de propriedade sob o qual viviam os habitantes primitivos do Brasil. Neste período não se instalou nenhum povoado e não se fez nenhuma distribuição de terras. Os poucos estabelecimentos militares construídos serviam como base para a coleta de madeira, sendo abandonados em seguida.

Esse tratamento muda quando França e Espanha invadem as terras no Brasil. Foi aí que Portugal iniciou outro tipo de povoamento na área, o de povoamento e colonização. Isso

modificou a natureza da relação com a terra e os povos indígenas: “o escambo foi dando espaço à escravidão do índio e as terras começaram a ser divididas e a ter donos” (GERMANI, 2006, p. 119).

Especificamente na área que corresponde ao estado do Paraná, Serra (1992, p. 62) afirma que:

[...] tanto no caso dos espanhóis, quanto no caso dos mineradores paulistas, a penetração em território paranaense embutiu interesses que se distanciavam da posse da terra “descoberta”. Tal tipo de interesse vai ocorrer em 1614 quando da concessão da primeira carta de sesmaria no Paraná, beneficiando o cidadão paulista Diogo Unhates. A carta foi assinada em nome da Coroa portuguesa pelo capitão-ouvidor de Santos, Pedro Cubas, e dava direito de propriedade a Diogo Unhates sobre extensa faixa de terras na Baía de Paranaguá, litoral paranaense.

A sesmaria de um lado e o ano de 1614 de outro é que vão, portanto, se constituir em referências para estudos voltados aos processos de repartição é apropriação da terra agrícola no Paraná; paralelamente, os mineradores paulistas é que vão se constituir nos primeiros povoadores do território, isto considerando que os espanhóis, embora tendo chegado antes, não levaram avante o processo de ocupação que iniciaram no século XVI.

O sistema de sesmaria evolui para outras formas jurídicas e até mesmo não jurídicas de acesso à propriedade da terra enquanto que a primeira frente de ocupação sobe a Serra do Mar, atinge o planalto de Curitiba e a zona dos Campos Gerais para continuar avançando no sentido Sudoeste.

As sesmarias no Brasil eram oferecidas de forma permanente e, em geral, eram grandes áreas. “A grande extensão das sesmarias no Brasil devia-se ao fato da grande quantidade de terra para explorar e, também, porque era uma necessidade para o cultivo da cana-de-açúcar, além de ser uma motivação para atrair o futuro sesmeiro” (PAIÃO, 2019, p. 19). Diante disso, Germani afirma que: “desta forma, e em parte justificada pelas exigências do cultivo e da moenda da cana, se introduz no País a grande propriedade territorial” (GERMANI, 2006, p. 123).

Germani (2006, p. 126) afirma que “as doações de terras para o estabelecimento de engenhos só diminuiram no século XVIII quando a produção de açúcar entrou em crise e começou a corrida do ouro”.

No estado do Paraná, já em fins do século XIX:

Ao contrário da primeira frente de ocupação, que teve nas pastagens a sua atividade econômica predominante e no regime de sesmarias a base jurídica de repartição da terra, as novas frentes vão ser sustentadas, em termos econômicos, pela agricultura de mercado interno e externo, sendo a colonização empresarial a base do processo de repartição da terra. (SERRA, 1992, p. 62).

No ano de 1850, com a Lei de Terras, “a questão das terras devolutas ensaia trilhar novos rumos, abertos pelos diferentes níveis de interesse embutidos no texto da nova legislação” (SERRA, 1992). Essa lei definiu, em seu artigo primeiro: “ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra” (BRASIL, 1850).



Serra (1992, p. 78-79) descreve o impacto da lei no estado do Paraná:

Só em 1850, com a vigência da Lei de Terras (Lei 601/1850) é que vai ser redefinida a política de terras no Brasil e que no Paraná a questão das áreas devolutas ensaia trilhar novos rumos. [...] a nova lei teve em particular para o Paraná levando em conta que foi editada apenas três anos antes do Paraná se emancipar como Província independente de São Paulo (a emancipação aconteceu em 1853). Com isso, a nova Província contou com as facilidades de um instrumento legal recente para dar destinação ao que havia restado do estoque de terras devolutas.

Além disso, a lei também impediu o acesso à terra para a população escravizada, mesmo após o fim da escravatura no país, mantendo a concentração fundiária. Sobre isso, Oliveira (2001, p. 186-187) afirma:

A concentração da propriedade privada da terra no Brasil não pode ser compreendida como uma excrecência à lógica do desenvolvimento capitalista. Ao contrário, ela é parte constitutiva do capitalismo que aqui se desenvolve. Um capitalismo que revela contraditoriamente sua face dupla: uma moderna no verso e outra atrasada no reverso. É por isso minha insistência na tese de que a concentração fundiária no Brasil tem características *sui generis* na história mundial. Em nenhum momento da história da humanidade houve propriedades privadas com a extensão das encontradas no Brasil. A soma da área ocupada pelas 27 maiores propriedades privadas no país é igual à superfície total ocupada pelo estado de São Paulo, ou, se for somada à área ocupada pelas 300 maiores propriedades privadas no país, ela equivale a duas vezes a superfície total deste mesmo estado (OLIVEIRA, 2001, p. 186-187).

Ao longo da história, houve diversos conflitos decorrentes da disputa por terras (BEZERRA NETO, 1999). Um marco na discussão sobre reforma agrária foi a organização das Ligas Camponesas, na década de 1950. Com o golpe militar de 1964, a luta camponesa pela redistribuição de terras no país foi duramente reprimida:

Os movimentos camponeses foram aniquilados, os trabalhadores foram perseguidos, humilhados, assassinados, exilados. Todo o processo de formação das organizações dos trabalhadores foi destruído. Igualmente significou a impossibilidade dos camponeses ocuparem seu espaço político, para promoverem por seus direitos, participando das transformações fundamentais da organização do Estado brasileiro. O golpe significou um retrocesso para o País. Os projetos de desenvolvimento implantados pelos governos militares levaram ao aumento da desigualdade social. Suas políticas aumentaram a concentração de renda, conduzindo a imensa maioria da população à miséria, intensificando a concentração fundiária e promovendo o maior êxodo rural da história do Brasil (FERNANDES, 1999, p. 30).

Diante disso, foram constituídas, após o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), as Ligas Camponesas, que, no entanto, “foram perseguidas e praticamente dizimadas. As ações ditatoriais levaram ao desmonte dessa organização social, diminuindo expressivamente sua participação política e social nas lutas do campo”. (PAIÃO, 2020, p. 24). É nesse contexto que alguns modos de resistência foram sendo construídos:

Não há repressão que consiga controlar todo o tempo e todo o espaço. São diversos os caminhos possíveis de serem criados nas formas de resistência, no desenvolvimento da luta de classes. Assim, os camponeses começaram a romper as cercas da repressão da ditadura militar. Sofrendo a violência dos latifundiários, que aproveitavam a conjuntura política para expulsar os trabalhadores de suas terras, os camponeses organizaram seus espaços de socialização política, de construção do

conhecimento, para transformação da realidade. E nesse andar matreiro, próprio de quem sabe como lutar, construíram novos caminhos de resistência camponesa (FERNANDES, 1999, p. 33).

Diante do ocorrido, no aspecto socioeconômico, os povos camponeses, moradores do campo “tiveram fechadas essas duas portas de saída – o êxodo para as cidades e para as fronteiras agrícolas. Isso os obrigou a tomar duas decisões: tentar resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra nas próprias regiões onde viviam” (STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 19).

Nesse sentido, Serra (2009) destaca algumas situações favoráveis para essa resistência já na década de 1980: a discussão sobre reforma agrária ter sido retomada nacionalmente desde o fim da década anterior, a gradual abertura política ainda no regime militar, a mudança de posição da igreja católica (passando a se colocar contrária à concentração fundiária e ao lado dos camponeses) e a expulsão de trabalhadores rurais do campo com a modernização da agricultura e a construção de usinas hidrelétricas.

Vários movimentos regionais de trabalhadores rurais despossuídos de terra foram constituídos à época no estado do Paraná: o Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste do Paraná (MASTRO), o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste do Paraná (MASTES), o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Litoral do Paraná (MASTEL), o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná (MASTEN) e o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Centro-Oeste do Paraná (MASTRECO).

A malha do Movimento camponês estava, assim, constituída em todo o território paranaense, sendo que a partir daí duas metas passam a ser perseguidas, sob o enfoque político da organização e mobilização: a) manter a unidade dos movimentos regionais em torno de um comando central; b) interligar a mobilização camponesa do Paraná com a mobilização que, na mesma época e pelos mesmos motivos, eclodia em outras regiões do País, particularmente no Rio Grande do Sul (SERRA, 2009, p. 13).

É nesse contexto que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é fundado em 1984, no município de Cascavel, no Paraná, como um movimento unificado nacional. Assim, “todos os movimentos de alcance regional criados no Paraná foram extintos, como meio de não dividir, mas centralizar a luta em nível nacional” (SERRA, 2009, p. 13). A principal forma de atuação do MST passa a ser a ocupação de terras improdutivas, como um modo de pressionar o Estado a realizar a reforma agrária. “A Reforma, que não conseguiu acontecer de cima para baixo, a partir da iniciativa do Estado, agora começava a ocorrer em sentido contrário: de baixo para cima, a reboque da pressão social” (SERRA, 2009, p. 13).

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, consta que:

Art. 184. Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor

real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

§ 1º As benfeitorias úteis e necessárias serão indenizadas em dinheiro.

§ 2º O decreto que declarar o imóvel como de interesse social, para fins de reforma agrária, autoriza a União a propor a ação de desapropriação.

§ 3º Cabe à lei complementar estabelecer procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo judicial de desapropriação.

§ 4º O orçamento fixará anualmente o volume total de títulos da dívida agrária, assim como o montante de recursos para atender ao programa de reforma agrária no exercício.

§ 5º São isentas de impostos federais, estaduais e municipais as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária.

De acordo com Bôas (2008, p. 157). “o Brasil assistiu nas décadas posteriores à redemocratização ao acirramento das contradições da questão agrária”. Por um lado, a aliança entre latifúndio e capital, intensificando o “projeto agroexportador” do Brasil, e, por outro, a força dos movimentos “sociais de massa do campo”, lutando por seus direitos.

Especificamente sobre o MST, Bôas (2008, p. 157) afirma: “Esse grau de organização do MST implica no aumento das ocupações de terra, em ações organizadas nacionalmente, e por consequência em maior pressão política em defesa da política da reforma agrária”.

Desde seu surgimento, o MST teve sua imagem associada, pela grande mídia, à desordem e até a um suposto terrorismo. “Chama a atenção o esforço dos meios de comunicação de massa por naturalizar a comparação, ofuscando as inúmeras dessemelhanças, e reforçando a imagem de uma alteridade perigosa, a alteridade dos excluídos do mundo do trabalho” (BÔAS, 2008, p. 162).

Nesse sentido, segundo Bôas (2008, p. 158) “a abordagem desses meios em relação aos movimentos sociais de massa é responsável pela produção da incompreensão, da ignorância em relação às causas, motivações e métodos de ação desses movimentos”.

A parcialidade dos meios na forma de abordagem faz frutificar, da ignorância consentida, a intolerância, o medo, e o ódio. A absoluta intolerância e violência simbólica destinada às formas de auto-organização popular têm a ver com a aposta incondicional na estrutura de Estado criado pela elite para garantir a manutenção de seus privilégios, extraindo mais valia da perpetuação da desigualdade social brasileira. (BÔAS, 2008, p. 158).

Paião (2019, p. 39) afirma que, “para manter a condição de privilégio sobre a propriedade concentrada da terra, desqualifica-se a ação dos movimentos sociais que buscam a garantia de direitos legalmente garantidos”.

O MST e outros movimentos sociais têm lutado, de forma aliada à defesa da reforma agrária popular, pelo acesso da população camponesa a direitos quase sempre negligenciados. Entre eles, está o direito a uma educação de qualidade.

As ocupações de terra “continuam a ser a principal forma de pressão de massas que os camponeses têm para, de forma prática, fazer a reforma agrária avançar e acesso direto à terra

para trabalhar. Trabalho, escola para seus filhos e a oportunidade de produzir” (STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 117).

## 2.1. Educação do Campo e Escolas Itinerantes

O movimento de Educação do Campo, nas últimas décadas, vem se organizando e lutando pela garantia de direito à educação pelas populações camponesas, de forma vinculada à luta pela terra. Como afirmam Molina e Freitas (2011, p. 23), “o avanço do movimento da Educação do Campo diz respeito à sua capacidade de aglutinar amplo e diversificado conjunto de movimentos do campo em torno de uma pauta coletiva de luta”.

Um importante marco nesse processo foi a realização pelo MST do 1º Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), em 1997, na Universidade de Brasília (UnB). No ano seguinte, ocorreu a 1ª Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, em Luziânia-GO. Com isso, os movimentos sociais camponeses passam a utilizar a expressão “do campo”, ao invés de “rural”, ao tratar da educação. Eles visavam modificar um paradigma já estabelecido de precariedade na educação rural, pouco relacionado à vida no campo.

Além do acesso à educação, está presente, nas reivindicações, uma outra forma de se entender a sociedade e, por consequência, a própria educação. A Educação do Campo “está vinculada com os trabalhadores, pobres do campo, trabalhadores sem-terra, sem trabalho, mas dispostos a reagirem, a lutarem, a se organizarem contra o estado da coisa” (CALDART, 2009, p. 41). Nesse sentido,

A Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação. Em função dessa intrínseca vinculação, a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo parte dessas lutas (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 19).

Segundo Caldart (2009, p. 38), a Educação do Campo “toma posição, age, desde uma particularidade e não abandona a perspectiva da universalidade, mas disputa sua inclusão nela (seja na discussão da educação ou de projeto de sociedade)”.

Assim,

A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não a do trabalho produtivo para o capital. (CALDART, 2009, p. 38).

Com as reivindicações do movimento da Educação do Campo, destacamos várias conquistas, entre elas a instituição do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária (Pronera), em 1998, do Programa Saberes da Terra, em 2005, e do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), em 2012.

Especificamente no estado do Paraná, “uma das experiências decisivas para a instituição das escolas itinerantes foi a realizada no Acampamento 1º de Maio, em 2003, com a criação da Escola Itinerante Paulo Freire” (SAPELLI, 2013, p. 82). Como afirma Sapelli (2015, p. 339), “desde o início, o MST se preocupou em realizar no mesmo processo de luta pela terra, a luta pela educação. As primeiras experiências de criar escolas em acampamentos aconteceram antes mesmo da criação oficial do MST”.

A partir de 2003,

[...] foram realizadas audiências com o governador do estado e reuniões com o Conselho Estadual de Educação para serem criadas oficialmente as escolas itinerantes em âmbito estadual – situadas em acampamentos da reforma agrária, que podem mudar sua localização junto com o acampamento (por isso, a itinerância). Em 17 de fevereiro de 2004, foi lançada a Resolução n. 614, da Secretaria de Estado da Educação, reconhecendo as escolas itinerantes como “experiências pedagógicas” por dois anos, renovados posteriormente para outros três. A aprovação definitiva ocorreu em 2008 (SACHS; ALVES, 2021, p. 3).

Desse modo,

A Escola Itinerante é parte da luta dos trabalhadores rurais por uma Educação do Campo, por uma educação que esteja orientada para a formação educacional que considera os sujeitos como sujeitos de direitos e, nesse âmbito, veem no direito à terra um dos direitos humanos fundamentais para uma existência com dignidade. O espaço e o tempo da formação escolar são compreendidos como fundamentais para as reflexões e as ações possíveis para orientar novas formas de viver e de construir a vida individual e coletiva no campo (PAIÃO, 2019, p. 47).

De 2003 até 2018, foram instituídas 26 escolas itinerantes no estado do Paraná, de modo que parte delas deixou de existir conforme foram realizados os projetos de reforma agrária, transformando os acampamentos em assentamentos e as escolas deixando de ser itinerantes, ou em casos de despejo (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

Em 2022, existiam no Paraná nove escolas itinerantes em funcionamento, conforme Quadro 1.

**Quadro 1:** Escolas itinerantes do Paraná em funcionamento, em 2022.

Escola	Acampamento	Município	Ano de início	Escola base	Núcleo
--------	-------------	-----------	---------------	-------------	--------

Itinerante			das atividades escolares		Regional de Educação
Paulo Freire	Reduto do Caraguatá	Paula Freitas	2003	Colégio Estadual do Campo João de Lara	União da Vitória
Caminhos do Saber	Maila Sabrina	Ortigueira	2007	Colégio Estadual do Campo Vista Alegre	Telêmaco Borba
Valmir Motta de Oliveira	Valmir Motta de Oliveira	Jacarezinho	2008	Colégio Estadual Marques dos Reis	Jacarezinho
Herdeiros da Luta de Porecatu	Herdeiros da Luta de Porecatu	Porecatu	2009	Colégio Estadual Ricardo Lunardelli	Londrina
Herdeiros do Saber I	Herdeiros da Terra de 1º de Maio	Rio Bonito do Iguaçu	2014	Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak	Laranjeiras do Sul
Herdeiros do Saber II	Herdeiros da Terra de 1º de Maio	Rio Bonito do Iguaçu	2015	Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak	Laranjeiras do Sul
Semeando Saber	Zilda Arns	Florestópolis	2014	Colégio Estadual Professora Eudice Ravagnani de Oliveira	Londrina
Vagner Lopes I	Dom Thomás Balduino	Quedas do Iguaçu	2015	Colégio Estadual do Campo Chico Mendes	Laranjeiras do Sul
Vagner Lopes II	Vilmar Bordin	Quedas do Iguaçu	2016	Colégio Estadual do Campo Chico Mendes	Laranjeiras do Sul

Fonte: Atualizado pelo autor<sup>6</sup> a partir de Sapelli, Leite e Bahniuk (2019).

Em linhas gerais, apresentamos, a seguir, algumas informações sobre essas escolas com base em pesquisas realizadas sobre elas (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019; LEITE, 2017; SAPELLI, 2013), com exceção da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, que é foco desta investigação.

<sup>6</sup> Agradecemos à Francieli de Souza Leite, por auxiliar na atualização dos dados das escolas itinerantes do estado do Paraná.

A Escola Itinerante Paulo Freire iniciou suas atividades no ano de 2003, em uma propriedade cedida pelo Assentamento Etiene, no município de Bituruna<sup>7</sup>. No entanto, em setembro de 2007, as famílias que estavam acampadas decidiram mudar o acampamento de lugar, visto que estavam sofrendo fortes ameaças por parte de um grupo de madeireiros. Em virtude desses acontecimentos, a direção do MST em conjunto com a comunidade decidiu que a escola deveria acompanhar as famílias. Em dezembro de 2007, migrou para o município de Paula Freitas<sup>8</sup>, para o Acampamento Reduto Caraguatá<sup>9</sup>.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber iniciou suas atividades no ano de 2007, no município de Ortigueira<sup>10</sup>. De acordo com Leite (2017, p. 71), “o Acampamento recebe o nome de Maila Sabrina, através de uma homenagem a uma criança falecida acampada”.

A Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu iniciou suas atividades no ano de 2009, no município de Porecatu<sup>11</sup>. A escola recebe este nome em memória das grandes lutas que foram travadas nessas terras (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019). Conforme destacam Priori *et al.* (2012, p. 129), “nas décadas de 1940 e 1950, aconteceu, no Estado do Paraná, um conflito de terras de impacto nacional, denominado pela imprensa da época de ‘a guerra de Porecatu’”.

A Escola Itinerante Herdeiros do Saber I iniciou suas atividades no ano de 2014 e a Escola Itinerante Herdeiros do Saber II em 2015, ambas situadas no município de Rio Bonito do Iguaçu<sup>12</sup>, no Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio. Os nomes das escolas surgiram em reuniões com a comunidade acampada, organizada nos núcleos de bases. As escolas possuem 25 salas de aula. O motivo que desencadeou a divisão em duas entidades foi a grande quantidade de educandos no acampamento. A Escola Itinerante Herdeiros do Saber I (Sede) é chamada de sede, por estar localizada no centro da comunidade, onde ocorrem também as atividades culturais e organizativas do Acampamento. A Escola Itinerante Herdeiros do Saber II está localizada na comunidade Guajuvira, um pouco mais distante da região central do

---

<sup>7</sup> O município de Bituruna está localizado na mesorregião Sudeste Paranaense, microrregião de União da Vitória, e está a uma distância de 350 km da capital Curitiba.

<sup>8</sup> O município de Paula Freitas está localizado na mesorregião Sudeste Paranaense, microrregião de União da Vitória, e está a uma distância de 227 km da capital Curitiba.

<sup>9</sup> O Acampamento Reduto Caraguatá recebe este nome, em forma de “homenagear os povos caboclos que lutaram a Guerra do Contestado em 1914, na região Sul do Paraná” (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019. p. 127).

<sup>10</sup> O município de Ortigueira está localizado na mesorregião Centro Oriental Paranaense, microrregião de Telêmaco Borba, e a uma distância de 217 km da capital Curitiba.

<sup>11</sup> O município de Porecatu está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Porecatu, e está a uma distância de 463 km da capital Curitiba.

<sup>12</sup> O município de Rio Bonito do Iguaçu está localizado na mesorregião do Centro-Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e está a uma distância de 380 km da capital Curitiba.

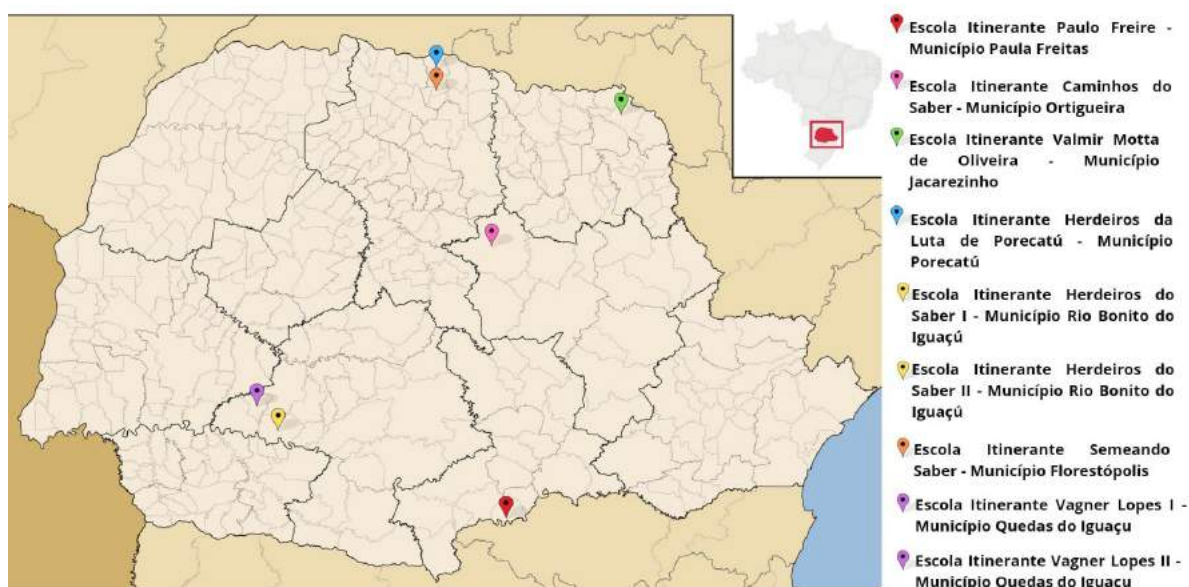
Acampamento, diminuindo o deslocamento de muitos educandos à escola (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

A Escola Itinerante Semeando Saber iniciou suas atividades no ano de 2014, no Acampamento Zilda Arns, do município de Florestópolis<sup>13</sup>. O nome da escola surgiu após um levantamento feito com a comunidade acampada. O nome do Acampamento é uma homenagem ao trabalho desenvolvido por Zilda Arns na Pastoral da Criança. Como afirma Leite (2017, p. 84), “este município tinha na época um índice alto para a mortalidade infantil”.

A Escola Itinerante Vagner Lopes I iniciou suas atividades no ano de 2015, no Acampamento Dom Thomás Balduino, no município de Quedas do Iguaçu.<sup>14</sup> Já a Escola Itinerante Vagner Lopes II, localizada no Acampamento Vilmar Bordin, no mesmo município, iniciou as atividades em 2016, como uma extensão da primeira. A distância entre os dois acampamentos é de 12 km. Ambas as escolas possuem o mesmo nome, em forma de uma homenagem ao educador Vagner Lopes, que faleceu com 19 anos e atuou como educador no início da Escola Itinerante (LEITE, 2017).

Na Figura 1, apresentamos um mapa referente ao estado do Paraná, com o intuito de localizar as escolas itinerantes em funcionamento no ano de 2022.

**Figura 1:** Escolas itinerantes em funcionamento no Estado do Paraná até o ano 2022.



<sup>13</sup> O município de Florestópolis está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Porecatu, e está a uma distância de 459 km da capital Curitiba.

<sup>14</sup> O município de Quedas do Iguaçu está localizado na mesorregião do Centro – Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e está a uma distância de 427 km da capital Curitiba.



**Fonte:** Adaptação de Google Maps (2022).

As escolas itinerantes foram criadas principalmente pelas seguintes razões: altas distâncias entre os acampamentos e as escolas municipais e estaduais da região de ocupação; quantidade de crianças e jovens em idade escolar que chegam a um local para a ocupação de terra, que não consegue, em várias situações, ser suprida nas escolas existentes; discriminação sofrida por crianças e adolescentes nessas escolas por serem Sem Terra; e o entendimento do MST da necessidade de criação de escolas com propostas pedagógicas específicas de educação do campo.

Nessas escolas, a contratação de professores se dá com o intermédio da Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP), que possui convênio com o governo do estado do Paraná. Após levantamento da disponibilidade de candidatos entre os acampados e análise de perfil, considerando sua formação, atuações anteriores e participação nas atividades do acampamento, o MST faz as indicações para a ACAP, que realiza a contratação do trabalhador (MST, 2008).

Devido à falta de profissionais nos acampamentos com a qualificação necessária para trabalhar nas escolas, a contratação de profissionais para atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio é feita pela própria Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR), em geral, por meio de contratos temporários. Um problema decorrente disso é a grande rotatividade de professores (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

Em algumas escolas itinerantes, há uma diferença de nomenclatura para os professores: aqueles que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de educadores, e geralmente são educadores contratados pela ACAP, que residem e vivenciam a escola e o MST; já os profissionais da educação de fora do acampamento, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de professores (SAPELLI, 2013).

Toda Escola Itinerante tem uma escola base, que “[...] é a guardiã da proposta política e pedagógica que fundamenta as práticas das escolas itinerantes, assim como dos processos administrativos, das matrículas, centralizando e descentralizando recursos do fundo rotativo” (LEITE, 2017, p. 64). A escola base presta auxílios às escolas itinerantes e armazena toda sua documentação, já que, pela instabilidade do próprio acampamento, a comunidade pode precisar sair às pressas do espaço e desmontar a estrutura da escola.

Inicialmente, apenas o Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, situado no Assentamento Marcos Freire, em Rio Bonito do Iguazu, era a escola base de todas as escolas

itinerantes do Paraná. Em 2008, também o Colégio Estadual do Campo Centrão, situado no Assentamento Pontal do Tigre, em Querência do Norte, passou a ser escola base. Em 2012, voltou a ser apenas o Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak. Em 2018, a SEED-PR determinou que escolas próximas às escolas itinerantes passassem a ser suas escolas base, mesmo que não fossem ligadas ao MST ou mesmo escolas do campo (SILVEIRA, 2020). No Quadro 1, há a distribuição das escolas itinerantes entre as escolas base no ano de 2022.

As escolas itinerantes do Paraná possuem uma proposta educacional específica, da qual destacamos algumas características. Uma delas é a organização por meio dos Ciclos de Formação Humana. Em contraposição ao modelo de educação seriado, propõe-se que os estudantes sejam organizados com base nos ciclos do desenvolvimento humano. Assim, são cinco ciclos: Ciclo da Infância na Educação Infantil (4 e 5 anos); Ciclo da Infância no Ensino Fundamental (6, 7 e 8 anos); Ciclo da Pré-Adolescência no Ensino Fundamental (9, 10 e 11 anos); Ciclo da Adolescência no Ensino Fundamental (12, 13 e 14 anos); Ciclo da Juventude no Ensino Médio (15, 16 e 17 anos) (MST, 2008).

Outra característica importante é a utilização de pareceres descritivos para a avaliação. Trata-se de um modo de avaliação cumulativa, formativa e com registros dos vários momentos de observação pelos professores. Assim, os “momentos de avaliação são considerados momentos de problematizar todo o trabalho realizado pela equipe das escolas, para construir de modo coletivo os encaminhamentos para superar as dificuldades” (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019. p. 267).

Como afirmam Santos e Sachs (2022), a utilização dos pareceres descritivos, em substituição a notas, indica uma avaliação que visa a aprendizagem, ao invés de possuir um caráter somativo e classificatório, como é comum na Educação Básica. Alertam, porém, que a mudança de perspectiva “exige esforços no sentido de um olhar mais individualizado para os educandos por parte dos professores e na capacidade de descrição dos avanços, do que ainda necessita ser aprendido e, também, de quais as estratégias serão adotadas para que isso seja possível” (SANTOS; SACHS, 2022, p. 13).

Nessa proposta, os Conselhos de Classe são participativos, “estes são espaço-tempo de efetivar o que chamamos de avaliação dialógica, de chamada para o compromisso com o estudo e a formação e não para obter notas” (MST, 2008, p. 34), sendo dividido em três momentos:

No primeiro momento – juntamente com o professor/coordenador da turma, escolhido pelos estudantes, a turma faz a análise de todo o processo pedagógico da turma, [...] após, elaboram um parecer descritivo da turma e do colégio. Este documento deve ser sistematizado pelo educador coordenador e o educando coordenador. Segundo momento - cada educando deverá elaborar uma auto-avaliação em forma de parecer descritivo do seu desempenho em classe, levando em consideração os elementos da

aprendizagem e de participação coletiva na turma. Para isso a coordenação pedagógica da escola apresentará anteriormente os critérios. Terceiro momento - realização de um encontro onde cada um dos educandos fará a leitura de sua auto-avaliação. Neste momento, serão ouvidos tanto o professor responsável pela turma como o aluno. Após, o coletivo poderá complementar com análises, sugestões, questionamentos, desafios e até mesmo alertas e quais os passos a serem seguidos. Este momento fica sob a coordenação do educador coordenador e do educando coordenador, contando sempre com a presença dos demais educadores, da coordenação pedagógica da escola. Este é o momento também de registro e estruturação do parecer descritivo por parte do educador coordenador e da coordenação pedagógica (MST, 2008, p. 35).

Como na Escola Itinerante não há reprovação, os estudantes que não atingiram os objetivos para aprovação no ciclo avançam para o ciclo seguinte, com a condição de que frequentem de forma complementar, em contraturno, a classe intermediária, onde o professor responsável visa superar as dificuldades existentes, que são indicadas pelos pareceres descritivos (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

Por meados de 2013, as escolas itinerantes do Paraná passaram a incorporar os complexos de estudo em sua proposta pedagógica (MST, 2013).

A metodologia adotada propõe focos a serem observados por todas as disciplinas conectadas a estes. Deu-se o nome de “complexos” a cada um destes focos que representam “porções da realidade” a serem explicadas por diversas disciplinas. Nem todas as disciplinas estão conectadas a todos os complexos, na dependência da sua natureza (MST, 2013, p. 31).

Como apresentam Frazão, Lopes e Sachs (2020, p. 176),

Esta proposta é organizada semestralmente, com objetivos formativos que são contemplados ao longo do percurso escolar. Cada semestre possui três ou quatro complexos, que contêm um conjunto de disciplinas envolvidas. Em cada uma delas são apresentados: a justificativa de sua presença no complexo, os conteúdos que fazem parte das disciplinas no complexo, os objetivos de ensino por conteúdo, os pré-requisitos e os êxitos esperados (que auxiliam na avaliação). As metodologias de ensino e os critérios e instrumentos avaliativos dependem do planejamento local.

Outra característica importante dessa proposta é a coletividade nos núcleos setoriais, “compreendidos como células organizativas que integram a gestão para ajudar a pensar e a conduzir a integralidade da escola, mas cada núcleo com uma responsabilidade real a partir do objeto específico de estudo” (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019, p. 340).

Embora o “núcleo setorial seja o espaço privilegiado da auto-organização na escola, ela também ocorre por meio de outros ambientes educativos e de outras formas” (LEITE, 2017, p. 240). Uma delas é por meio da mística, que segundo Caldart (2001),

No MST a mística é uma das dimensões básicas do processo de formação dos Sem Terra, e a escola pode ajudar a cultivar este elo simbólico entre a memória e a utopia, entre a raiz e o projeto. Fazendo isto certamente estará trabalhando com valores, que são os que sustentam qualquer processo de formação humana. Raiz e projeto se constituem de valores; e são os valores que movem uma coletividade; a escola pode criar um ambiente educativo que recupere, forme, fortaleça os valores verdadeiramente humanos, e então estará efetivamente contribuindo para que o

movimento educativo se produza e reproduza também dentro dela. (CALDART, 2001, p. 16).

Juntamente à realização da mística na Escola Itinerante, é entoado o grito de ordem, são feitas apresentações dos núcleos setoriais e dados alguns informes. Geralmente, as palavras do grito de ordem “têm aspecto de animação e principalmente de identificar os propósitos de luta do movimento ao identificar os opositores e chamar para a luta os trabalhadores que participam” (VIEIRA, 2008, p. 5).

Diante disso, estamos interessados, nesta pesquisa, em realizar uma investigação historiográfica a respeito de uma dessas escolas itinerantes do Paraná, a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Na próxima seção, detalhamos o percurso metodológico para seu desenvolvimento.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Estamos interessados, nesta pesquisa, em realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Nesta seção, abordamos o referencial teórico-metodológico adotado, os procedimentos metodológicos da pesquisa e o caminho percorrido pelo pesquisador para a realização das entrevistas.

#### 3.1 História Oral

A História Oral apresenta-se como um caminho para a realização desta investigação, sendo “essencialmente, um método de pesquisa que, através da técnica da entrevista, registra as memórias narradas de um indivíduo, em primeira mão” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22). Neste sentido,

[...] a História Oral é um conjunto de procedimentos que nos permite “fotografar” a narração de alguém em determinado momento. A vida e a memória das pessoas são objetos dinâmicos, e por meio da entrevista se torna possível congelar algumas de suas expressões, conferindo-lhes estabilidade e fisicalidade (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22).

A História Oral, como metodologia na pesquisa historiográfica, possui duas vertentes: a História de Vida, caracterizada pelo colaborador contando sua história de vida, de forma geral; e a História Oral Temática, caracterizada pela coleta de depoimentos referente a uma temática específica, que é o foco da pesquisa. Em nosso caso, a pesquisa foi realizada nessa segunda vertente, tendo como foco o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

A entrevista pode ser gravada em áudio ou, até mesmo, em vídeo, a depender do objetivo do pesquisador, em comum acordo com o colaborador. No momento de gravação da entrevista, é importante conferir se o gravador ou o dispositivo em que a entrevista será gravada esteja funcionando, se o local é um ambiente silencioso, visto que muita poluição sonora poderá atrapalhar o desenvolvimento da entrevista.

Quando são obtidos os relatos orais, mediante entrevistas, é possível identificar trajetórias, eventos e processos individuais do ser humano, que jamais poderiam ser identificados de outra maneira. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o

que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Interessa, assim, o caminho no qual os materiais da história são organizados” (GARNICA, 2010, p. 34).

Como afirma Garnica (2010, p. 30),

[...] a oralidade sempre foi um instrumento – um suporte reconhecidamente profícuo – para compreender os objetos que nós dispomos para nossas pesquisas. As modalidades qualitativas de investigação, via de regra, são disparadas por depoimentos, ou seja, são narrativas que, perpassadas por uma hermenêutica, apoiam compreensões, as quais, por sua vez, mostram ou nos permitem atribuir significados aos aspectos do objeto analisado.

Assim, “a oralidade, que sempre serviu de recurso e inspiração aos historiadores, surge realçada, subsidiando uma das principais modernas tendências historiográficas. Desponta o que chamamos de História Oral” (GARNICA, 2019, p. 93).

As pesquisas em História Oral, que se baseiam também em outras fontes, como documentos oficiais, atas, registros, têm as entrevistas como centrais para a constituição de novas fontes historiográficas.

“A História Oral consiste em que o entrevistado e entrevistador tomam parte – cada um com suas visões, seus interesses, seus repertórios –, com a missão comum de, através desse diálogo, construir histórias”. (SANTHAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22). Assim,

[...] a forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção conscientes destes (PORTELLI, 2016, p. 21).

Após a transcrição, é elaborada a textualização da entrevista, que visa “constituir a parte mais significativa da ‘análise’ do trabalho de pesquisa. A textualização pode ser quase ‘linear’, mantendo a sequência de raciocínio da ‘fala’ da pessoa entrevistada” (VIANNA, 2014, p. 77).

Como afirma Vianna (2014, p. 76), “a textualização transforma a entrevista de ‘língua falada’ em um texto de ‘língua escrita’, um texto que terá a estrutura, o formato, e o grau de elaboração conceitual e técnico que lhe possa ser dado pelo autor”. O texto pode sofrer alguma alteração, visto que o colaborador pode querer retirar ou inserir algo à textualização. Pesquisador e colaborador, então, negociam um texto final, que é autorizado para utilização do pesquisador mediante assinatura da carta de cessão de direitos.

Também é importante ressaltar que as fontes orais não são apenas pessoas já consideradas “centrais pelos documentos oficiais ou por eles referenciadas, mas por uma vasta gama de atores que vivenciaram uma determinada situação: para a História Oral, todos são atores – e autores – em potencial” (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 170).

No sentido de Sharpe (1992), a História Oral pode ser uma forma de pesquisa da “história vista de baixo”, documentando o que poderia ser perdido: “[...] um meio para

reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história” (SHARPE, 1992, p. 59).

Nesta pesquisa, especificamente, pretendemos registrar a história de uma escola destinada às classes populares, aos camponeses Sem Terra, pouco conhecida em seu entorno, fora do movimento social. Destacamos, nesse sentido, uma importante referência: a pesquisa realizada por Paião (2019), também fundamentada na História Oral, com objetivo semelhante, mas referente a outra escola, a Escola Itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”, do município de Londrina.

Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

### **3.2 Procedimentos metodológicos**

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa, fundamentada teórica-metodologicamente na História Oral, baseiam-se nas propostas desenvolvidas pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Utilizando como parâmetro os procedimentos mais utilizados quando se trabalha com a História Oral: a preparação da entrevista; a realização da entrevista; a transcrição e a textualização da entrevista; e a negociação, culminando na carta de cessão. A seguir, apresentamos essas etapas de forma mais detalhada.

A preparação da entrevista consiste na etapa em que foi feito o levantamento de possíveis colaboradores a serem convidados a conceder entrevistas, esclarecendo a eles os objetivos da pesquisa e, em caso de aceite, foi feito o agendamento da entrevista. Utilizamos o critério de rede para a definição, ou seja, a partir de um colaborador, recebemos sugestões de novos colaboradores. Na subseção seguinte, detalhamos esse caminho percorrido para a determinação de quem seriam os colaboradores e como foi feito o contato com cada um deles.

A elaboração das perguntas para realizar as entrevistas é um aspecto importante da pesquisa desenvolvida com base na História Oral, pois as questões podem direcionar a fala dos entrevistados. Foram constituídos três grupos de questões: primeiro, uma questão inicial, para que o colaborador pudesse se apresentar brevemente; na sequência, quatro questões sobre o envolvimento dele com o movimento social; e, por fim, 12 questões referentes à constituição e ao funcionamento da escola. O roteiro consta como apêndice a esta dissertação (Apêndice A).

Para auxiliar os colaboradores em suas respostas, foram preparadas fichas a partir do roteiro de perguntas, sendo que, em cada ficha, havia uma questão. Antes de iniciar a entrevista, o colaborador poderia escolher se as perguntas seriam feitas oralmente ou se ele preferia ler as

questões. Caso o colaborador escolhesse ele mesmo ler as fichas, então o pesquisador entregava as fichas a ele na mesma sequência do roteiro de perguntas. Após responder à questão, o colaborador deveria colocar a ficha de lado e pegar a próxima para sua leitura. Caso o colaborador escolhesse que o pesquisador fizesse as questões oralmente, o pesquisador lia cada questão, esperava o colaborador discorrer sobre o assunto e, quando finalizava sua fala, o pesquisador colocava a ficha lida ao lado e pegava a próxima ficha para ler e assim sucessivamente, até acabarem as perguntas. Nesta pesquisa, foram realizadas nove entrevistas, sendo que, em cinco delas, o pesquisador realizou as perguntas oralmente e, nas outras quatro foram os próprios colaboradores que leram as perguntas.

As entrevistas foram todas gravadas em áudio, com a utilização de dois aparelhos, por segurança: um gravador de voz e o celular do pesquisador. As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e julho de 2022, em locais combinados entre o pesquisador e o colaborador, a saber, em lotes do Assentamento Companheiro Keno<sup>15</sup>, na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira e no município da Barra do Jacaré<sup>16</sup>.

Após a realização de cada entrevista, foi realizada a transcrição do áudio, quando o registro oral foi transformado em um registro escrito, de maneira literal. A partir de cada transcrição, foi construída uma proposta de textualização da entrevista, com o propósito de organizar as ideias, retirar alguns vícios de linguagens e tornar o texto mais fluido, mantendo algumas características da forma de se expressar, de modo que o colaborador ainda se reconheça nesse texto.

A transcrição das entrevistas foi realizada pelo pesquisador na íntegra, ouvindo o áudio e fazendo o registro escrito em arquivo de texto. Após finalizar a primeira versão de cada transcrição, foi feita uma conferência, com nova escuta do áudio e leitura da transcrição.

Após realizar esse procedimento, foi elaborada a textualização de cada entrevista, que foi encaminhada para leitura de cada colaborador, que podia propor alterações, omissões e acréscimos, para a constituição de uma fonte histórica. Esse procedimento diferencia diversas abordagens de pesquisa qualitativa da perspectiva da História Oral adotada aqui, já que o depoente, que cede a entrevista, é também um colaborador, que ajuda a constituir o material. Após as alterações no texto proposto, chega-se a um texto final, de modo que o colaborador formaliza sua concordância por meio de uma carta de cessão de direitos – o que nos permite

---

<sup>15</sup> Localizado na Fazenda Cambará, no município de Jacarezinho.

<sup>16</sup> O município de Barra do Jacaré está localizado na mesorregião Norte Pioneira Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 400 km da capital Curitiba.



utilizar o texto para fins de pesquisa. O modelo da carta consta como apêndice a esta dissertação (Apêndice B).

Em algumas textualizações, foram solicitadas alterações, especialmente na escrita. Todas as sugestões foram acatadas e realizadas. Após o texto finalizado, foi realizada a coleta das assinaturas nas cartas de cessão de direitos.

Segundo Vianna (2014, p. 77-78), o processo de negociação da entrevista é longo; “ele percorre toda a entrevista e pode afetar de modo decisivo a textualização, pois as entrevistas de História Oral passam pela validação do texto feita pela pessoa que concedeu a entrevista”.

Na apresentação das textualizações nesta dissertação, que se dá na ordem cronológica da realização das entrevistas, foi incluída uma breve introdução ao entrevistado, uma linha do tempo de suas vivências e um mapa ilustrando o caminho até chegar ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira. Nas textualizações, foram acrescentadas notas de rodapé para explicar alguns termos e informações consideradas importantes pelo pesquisador, para facilitar a compreensão do leitor.

Alguns colaboradores cederam registros fotográficos, que são apresentados na quinta seção.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética Envolvendo Seres Humanos (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)<sup>17</sup> e o termo de consentimento, que foi assinado por cada participante antes da realização da entrevista, consta como apêndice na dissertação (Apêndice C)<sup>18</sup>.

Na subseção seguinte, são explanados os caminhos percorridos pelo pesquisador – e, conseqüentemente, pela pesquisa – e um detalhamento do critério de rede utilizado para definição de quem seriam os colaboradores da pesquisa e da realização das entrevistas.

### **3.3 Caminho da pesquisa**

Nesta subseção, retomamos o uso da primeira pessoa do singular, para descrever o caminho da realização da pesquisa, em especial das entrevistas, pelo autor desta dissertação.

---

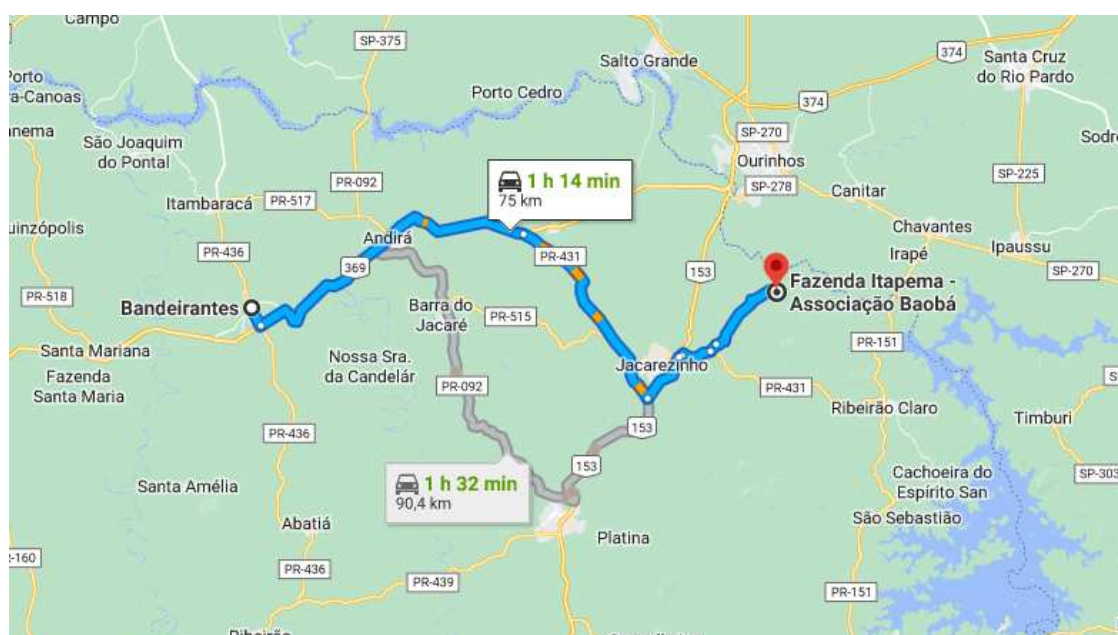
<sup>17</sup> O projeto de pesquisa possui Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 53531721.6.0000.5547.

<sup>18</sup> Cada participante assinou o termo de consentimento antes da realização da entrevista e a carta de cessão após a revisão da textualização. Cada momento significa uma concordância diferente: no primeiro, aceita-se participar concedendo uma entrevista; no segundo, aceita-se que seja publicada a textualização referente à entrevista concedida.

Meu ingresso como estudante regular do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGMAT), da UTFPR *multicampi* Cornélio Procópio<sup>19</sup> e Londrina<sup>20</sup>, deu-se em março de 2021, em plena pandemia de Covid-19. No ano de 2022, com o avanço na vacinação, pude realizar as entrevistas presencialmente, ainda que seguindo os protocolos de biossegurança, como o uso de máscara, encontros ao ar livre e distanciamento entre o pesquisador e os colaboradores.

Essa etapa da pesquisa, após aprovação pelo CEP, inicia-se com uma visita à Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, no dia 25 de fevereiro de 2022. Na Figura 2, apresento um mapa com o deslocamento realizado por mim.

**Figura 2:** Trajeto de Bandeirantes até a Fazenda Itapema



**Fonte:** Produzido pelo autor, utilizando Google Maps (2022).

Nesse dia, acordei às 5h, preparei meu café da manhã e aguardei meu amigo Jader Gustavo de Campos Santos<sup>21</sup>, que também estava realizando sua pesquisa na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, porém com outra temática<sup>22</sup>. Como Jader estava realizando sua pesquisa na mesma escola, decidimos combinar de irmos nos mesmos dias, para dividir os

<sup>19</sup> O município de Cornélio Procópio está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procópio, e está a uma distância de 406 km da capital Curitiba.

<sup>20</sup> O município de Londrina está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Londrina, e está a uma distância de 388 km da capital Curitiba.

<sup>21</sup> Jader Gustavo de Campos Santos é aluno do curso de mestrado do PPGMAT. A partir de agora, toda vez que for mencionado seu nome, utilizarei apenas seu primeiro nome.

<sup>22</sup> A pesquisa do Jader, em andamento, tem como objetivo estabelecer diálogo com professores da escola, tendo em vista a elaboração dos pareceres descritivos no processo de avaliação da aprendizagem

gastos da viagem. Às 6h40, ele passou em minha casa para irmos ao nosso destino. Nesse primeiro dia de visita, como não conhecíamos o caminho, Jader tinha conseguido, através da diretora Simone Aparecida Correia o contato da professora Sara Nicacia de Souza<sup>23</sup>, que também iria à escola, então Jader combinou de encontrarmos com ela, saindo da área central do município de Jacarezinho<sup>24</sup>, para nos acompanhar até a escola.

Jader e eu estávamos ansiosos para conhecer a escola e as pessoas que lá trabalhavam. Tínhamos um receio de não sermos bem-recebidos pela comunidade escolar – o que seria fundamental para o andamento de nossas pesquisas.

Chegamos a Jacarezinho por volta de 7h35 para encontrar a professora Sara, que nos esperava em frente à Igreja Catedral Imaculada Conceição. Sara foi mostrando-nos o caminho até a escola e, também, contando-nos sobre sua vida. Perguntamos a ela sobre a escola e seu funcionamento. A paisagem era deslumbrante, muito arborizada, com vários pés de mangas, a cor da terra num tom arenoso. Recordo-me desse dia, estava um tempo muito seco, tinha muita poeira pela estrada. Quando avistamos a escola, senti meu coração acelerar e começar a pulsar cada vez mais forte, era como se passasse um filme em minha mente, estava vendo a escola que conhecia apenas por leituras.

Chegamos na escola por volta das 8h e os alunos estavam em um círculo, todos de mãos dadas, realizando a mística<sup>25</sup>, da qual fomos convidados a participar. Foi nesse momento que toda a ansiedade que eu estava sentindo passou, senti-me acolhido por todos. Após o fim da mística, a professora Sara, que ministra a disciplina de Língua Portuguesa na escola, levou-nos até a coordenadora da escola, a Francieli de Souza Leite<sup>26</sup>, a quem nos apresentamos. Naquele momento, a diretora não estava presente, então foi a coordenadora quem nos mostrou toda a escola. Apresentamos nossos projetos de pesquisa para ela e contamos um pouco sobre nossas vidas. Após esse momento, ela contou ter chegado recentemente na escola, pois morava em um

---

<sup>23</sup> Sara Nicacia de Souza era professora da disciplina de Língua Portuguesa na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, no ano de 2022. A partir de agora, toda vez que for mencionado seu nome, utilizarei apenas seu primeiro nome.

<sup>24</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>25</sup> A mística “consiste em acontecimentos sócio-políticos que se manifestam em práticas discursivas e não-discursivas através das quais os sem-terra identificam-se e reidentificam-se com os saberes do MST” (INDURSKY, 2014, p. 109). “As místicas costumam acontecer nos mais diferentes espaços como acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, tomando a forma de hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás. Diria que esses rituais, por outro lado, dão sustentação às ações e demandas do MST, servindo como elementos potencializadores da capacidade de luta [...]” (INDURSKY, 2014, p. 113).

<sup>26</sup> Francieli de Souza Leite era coordenadora da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, no ano de 2022. A partir de agora, toda vez que for mencionado seu nome, utilizarei apenas seu primeiro nome.

assentamento em Porecatu<sup>27</sup>, e havia sido transferida pelo Setor de Educação do MST. Foi um momento muito agradável e receptivo que ela nos proporcionou, contou muitos detalhes sobre a escola e seu funcionamento, disponibilizou livros e cadernos que falavam sobre o funcionamento da escola e sobre o MST. Na sequência, ela levou-nos para conhecer o Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

Nesse caminho, feito a pé, Francieli ia contando sobre a comunidade e a escola, além de mostrar-nos onde foram realizadas as primeiras aulas da Escola Itinerante, antes da construção propriamente dita. Aproveitei esse momento, com autorização dela, para registrar algumas fotografias. Nesse mesmo dia, estava presente na escola a equipe de infraestrutura do MST; eles estavam plainando madeiras, pois a escola seria reformada em breve.

Retornamos para a escola e, então, perguntei para a coordenadora se, na escola, havia algum funcionário que tenha participado do processo de constituição da escola. Ela comentou que a bibliotecária da escola, Karina Aparecida da Silva<sup>28</sup>, era muito participativa na escola e que havia estudado lá também. Então fui à biblioteca e me apresentei a ela. Nesse momento, eu estava bastante nervoso, visto que seria a primeira pessoa a quem eu falaria sobre a minha pesquisa e convidaria para conceder uma entrevista. Apresentei a ela os objetivos da pesquisa e, logo de início, ela ficou bem entusiasmada. Agendei, então, a entrevista para a próxima visita à escola, que seria no dia 4 de março, às 14h. Após o agendamento, eu me despedi da Karina e fui ao pátio da escola, onde estavam sentados, na mesa do refeitório, o Jader e a Francieli, com quem me juntei. A coordenadora pegou seu computador e apresentou-nos o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e, também, enviou-nos por e-mail.

Combinamos o dia e o horário da próxima visita e agradecemos por toda a receptividade. Despedi-me dos professores e de alguns alunos que estavam por perto e caminhamos até o carro observando a paisagem e com uma certa euforia, por ter dado tudo certo na primeira visita. Entramos no carro do Jader, ambos com um sorriso no rosto e pegamos a estrada com destino de volta para casa. O caminho de volta foi de muita reflexão e conversa sobre a nossa experiência.

No dia 4 de março de 2022, saímos, Jader e eu, às 12h30 de Bandeirantes, passamos no posto de combustível para abastecer o carro e calibrar os pneus. Eu não conseguia esconder a animação e a ansiedade em realizar minha primeira entrevista, pois seria minha primeira

---

<sup>27</sup> O município de Porecatu está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Porecatu, e a uma distância de 463 km da capital Curitiba.

<sup>28</sup> Toda vez que for mencionado o nome Karina Aparecida da Silva, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

experiência com a História Oral. Nesse dia, fizemos a viagem sozinhos, sem a companhia da professora Sara, que já estava na escola. Com as lembranças da estrada na última visita, conseguimos chegar na escola, no horário marcado.

Chegando na escola, fomos direto à sala dos professores encontrar a coordenadora Francieli e conhecemos a diretora da escola, Simone. Com a autorização da coordenadora, fui à biblioteca para realizar a entrevista lá, por ser um ambiente calmo e sem muitos barulhos. Assim, realizei a primeira entrevista, com a bibliotecária Karina Aparecida da Silva, moradora do Assentamento Companheiro Keno.

Lembro-me que fazia muito calor naquele dia. Começamos a entrevista, com a utilização de fichas, de modo que em cada uma delas estava uma das questões (do Apêndice A). A colaboradora lia a pergunta e respondia, contando sua história sobre aquele determinado assunto. Tudo ocorreu de forma calma e muito enriquecedora para mim, que tive o prazer de conhecer um pouco das vivências da colaboradora e de sua história de vida. Ela me mostrou algumas fotografias que havia levado em um *pen drive* e permitiu que eu fizesse cópia de algumas delas.

Após a entrevista, pedi a ela indicação de outras pessoas que pudessem contribuir com a pesquisa e ela sugeriu o nome da professora Dahiane Inocência Silveira<sup>29</sup>, que, por sinal, foi minha primeira referência<sup>30</sup> de leitura sobre a escola. Retornamos para Bandeirantes e, chegando em casa, por volta de 18h40, peguei uma garrafa de água, sentei-me na varanda, observando minhas plantas, e contei para minha orientadora como havia sido o desenvolvimento da entrevista. Bateu aquela sensação de dever cumprido, por conseguir realizar minha primeira entrevista.

Na manhã seguinte, peguei meu celular e mandei uma solicitação de amizade no Facebook<sup>31</sup> para a professora Dahiane, que, em menos de uma hora, aceitou. Mandeí uma mensagem, então, apresentando-me e contando um pouco sobre a pesquisa. Ela me passou seu número de telefone, para facilitar a nossa comunicação. Pude explicar a ela com mais detalhes o objetivo da pesquisa e de que forma seria realizada a entrevista. Aproveitei o momento e a convidei para conceder a entrevista. Ela aceitou colaborar e agendamos a entrevista para o dia

---

<sup>29</sup> Toda vez que for mencionado o nome Dahiane Inocência Silveira, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>30</sup> Dahiane, é doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Desenvolveu sua pesquisa na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, tendo como objetivo principal analisar as práticas agroecológicas na Escola Itinerante (SILVEIRA 2020).

<sup>31</sup> Facebook é uma rede social virtual.

11 de março de 2022, numa sexta-feira às quatorze horas, na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

Como combinado com o Jader e a professora Dahiane, no dia 11 de março iríamos para a escola. Nesse dia, contei para o Jader, no caminho de ida para escola, como foi realizar a transcrição do áudio e realizar minha primeira textualização, da entrevista com a Karina, pois foram longas horas de trabalho e dedicação. Para realizar a transcrição do áudio e produzir a textualização, levei cerca de quarenta e oito horas, somando o tempo em que trabalhei na transcrição e na textualização, descontados os intervalos de descanso.

Como a professora Dahiane não estava mais lecionando na escola, combinamos de buscá-la em Jacarezinho, às 13h30. A escolha de realizar a entrevista na escola foi com o intuito de trazer memórias para a professora Dahiane, que tinha, também, vontade de retornar à escola. Chegamos em Jacarezinho às treze horas e vinte e oito minutos, marquei de encontrar a professora em frente à Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Jacarezinho. No caminho para a escola, ela contou-nos sobre algumas de suas vivências na escola e os desafios pelos quais passava para chegar lá, pois é necessário pegar 12 km de estrada de pedra na ida, e mais 12 km na volta, sendo um total de 24 km por dia, e que, quando chove, torna muito difícil o trajeto, por haver muitos buracos na estrada em trechos em que a via não é empedrada, além do acúmulo de água, não sendo possível chegar até a escola.

Chegamos na escola por volta de 14h e, logo de início, já me surpreendi com a organização da comunidade e da equipe de infraestrutura da escola, que, em menos de uma semana, já havia reformado uma sala de aula todinha. Deslocamo-nos até a sala da direção para cumprimentar a diretora Simone e a coordenadora Francieli. Pude perceber que a professora Dahiane é uma pessoa benquista por todos na escola, dava para notar a alegria do pessoal em reencontrá-la. Ela foi professora na escola de 2011 a 2021; no ano de 2022, ela não estava mais lá, pois, após sofrer um acidente na estrada indo para escola, quando caiu com o seu carro em um buraco, em um dia chuvoso, decidiu pegar aulas na zona urbana do município de Jacarezinho.

Decidimos realizar a entrevista na biblioteca da escola, por ser um ambiente arejado, e de silêncio. Após finalizar a entrevista, Dahiane me indicou o nome da professora Varlete Inês Calixto<sup>32</sup>, que trabalhou na escola desde o começo, e compartilhou comigo o perfil dela no Instagram<sup>33</sup> para que eu entrasse em contato.

---

<sup>32</sup> Toda vez que for mencionado o nome Varlete Inês Calixto, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>33</sup> Instagram é uma rede social virtual.

Voltei para a sala dos professores para verificar se o Jader já havia terminado suas atividades. Chegando lá, percebi que ele estava explicando para o professor de matemática da escola sobre sua pesquisa. Para não atrapalhar, decidi me sentar no lado de fora da sala, em um banco de madeira embaixo de uma goiabeira. Dahiane foi até a sala da diretoria. Sentei-me e fiquei observando a movimentação do pessoal na escola. Não demorou muito tempo, sentou-se uma senhora ao meu lado e começamos a conversar. O nome dela é Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário<sup>34</sup> e, em 15 minutos de conversa, me contou da sua trajetória de vida dentro do Movimento, até ser moradora do Assentamento Companheiro Keno. Convidei-a para participar da pesquisa e ela me disse que o marido dela, seu Pedro Candido do Rosário<sup>35</sup>, seria a pessoa correta a ser entrevistada. Ela convidou-me para conhecer o lote deles e realizar a entrevista com eles na semana seguinte. Peguei o contato dela e agradei pelo agradável momento.

Fui à biblioteca conversar com a Karina e, chegando lá, comentei que já havia feito a transcrição da entrevista dela. Ela me agradeceu e contou que a mãe dela aceitou participar também da pesquisa. Sua mãe, Marlene Araújo, atuou como educadora voluntária na escola. Fiquei muito feliz com a notícia e agendei para o dia 18 de março, pois, como já iria ao Assentamento entrevistar dona Idiana e seu Pedro, aproveitava a ida. Agradei pela indicação e perguntei se, no dia da entrevista, ela poderia me acompanhar no Assentamento, pois eu não sabia chegar lá. Ela pediu para que eu solicitasse na coordenação da escola e foi isso que fiz; de imediato, me desloquei até a sala da direção e pedi autorização para a coordenadora Francieli para que a Karina me acompanhasse até o Assentamento. Ela concordou e retornei para a biblioteca e avisei a Karina sobre a liberação.

Nesse momento, o Jader havia terminado suas atividades e, então, chamamos a Dahiane para irmos embora. No caminho, ela relatou as dificuldades que teve na escrita de sua tese de doutorado, que foi realizada na Escola Itinerante. Deixamos a Dahiane em Jacarezinho e Jader e eu retornamos para Bandeirantes. Eu estava muito entusiasmado com o que havia acontecido nesse dia, pois, além da entrevista com a Dahiane, houve a conversa com dona Idiana, que, em tão pouco tempo, inspirou-me com sua história de vida e superação dentro do MST. Chegando em casa, gravei uma mensagem de áudio para relatar as novidades para minha orientadora e decidimos por realizar a entrevista com Idiana e Pedro de forma conjunta. Tentei entrar em contato com a professora Varlete, indicação recebida da professora Dahiane.

---

<sup>34</sup> Toda vez que for mencionado o nome Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>35</sup> Toda vez que for mencionado o nome Pedro Candido do Rosário, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

No dia 18 de março de 2022, Jader e eu, fomos para a escola conversando, no caminho, sobre nossas pesquisas e nossas expectativas de como seria o Assentamento, pois seria nossa primeira ida até lá. Fomos à escola encontrar a Karina, que nos levaria ao Assentamento. Quando chegamos na biblioteca, a Karina estava conversando com um rapaz. Ela me cumprimentou e, em seguida, me apresentou a ele, que se chama Jonathan de Campos Meireles<sup>36</sup>. Ela já tinha comentado com ele sobre a minha pesquisa, visto que ele vivenciou os acontecimentos desde o surgimento da escola. Então, aproveitei o momento para me apresentar e explicar o objetivo da pesquisa, sobre como seria realizada a entrevista e convidei-o a conceder uma entrevista, que ele aceitou. Agendei a entrevista com ele para a semana seguinte e pedi seu contato dele para combinarmos horário e local. Após este momento, despedimo-nos do Jonathan. Karina, Jader e eu entramos no carro e fomos ao Assentamento Companheiro Keno.

A distância da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira até a sede do Assentamento é de 3 km de estrada de pedra. No caminho, fui observando as paisagens verdes e ouvindo a história da Karina, que estava animada, pois, no sábado, dia 19 de março, iria ao Assentamento Eli Vive, em Londrina, participar de um evento em que estaria presente o ex-presidente Lula<sup>37</sup>. Antes de chegar no lote da dona Marlene, passamos pela construção da escola no Assentamento<sup>38</sup>, que está abandonada há muitos anos. Várias empresas assumiram a obra, mas sem finalizá-la. É uma escola novinha, linda, mas como não está terminada, parece abandonada no meio do mato sem nunca ter sido usada pela comunidade.

Chegando no lote da dona Marlene, foi preciso abrir uma porteira e atravessar um pasto com gado. Quando fomos descer do carro, havia uma vaca do lado, com um baita chifre. Confesso que fiquei com medo. Saí do carro bem rapidamente, enquanto a Karina fechava a porteira. Caminhamos até a casa da dona Marlene, que já estava a nossa espera. Uma mulher com um sorriso lindo, que foi muito receptiva comigo, escolheu um lugar bonito para realizar a entrevista, em um banco de madeira, embaixo de uma árvore, ao lado do seu pomar de frutas. Marlene é uma mulher batalhadora, que, sozinha, criou três filhos dentro do Movimento. Após finalizar a entrevista, Marlene e Karina nos levaram para conhecer o pomar, mostraram um pé

---

<sup>36</sup> Toda vez que for mencionado o nome Jonathan de Campos Meireles, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>37</sup> Luiz Inácio Lula da Silva.

<sup>38</sup> Quando ocorreu o processo do Assentamento Companheiro Keno, na Fazenda Cambará, o município iniciou a construção de uma nova escola, porém, devido à falta de investimento, ela não foi finalizada até os dias atuais (2023).



de maçã bem verdinho e florido. O lote em que elas vivem, elas me contaram, não é muito produtivo, pois fica no alto do morro. Por isso, a principal produção delas no lote é o gado.

Posteriormente, fomos ao lote da dona Idiana e do seu Pedro. Ao chegar, avistei dona Idiana varrendo o quintal, desci do carro e fui ao encontro dela. Jader e Karina retornaram para a escola, pois tinham seus compromissos. Idiana me convidou para entrar na sua casa e me apresentou ao seu esposo, seu Pedro.

Durante a entrevista, após uma fala de seu Pedro, em que ele dizia que não concordava com a Escola Itinerante e preferia a escola da zona urbana, pois lá, em sua opinião, as crianças aprendem melhor, vários questionamentos vieram em minha mente. Entendo que esse é o ponto de vista dele, é o modo como enxerga a escola. Essa fala possibilitou a mim refletir enquanto pesquisador, justamente porque eu não esperava ouvir algo nesse sentido.

Após finalizar a entrevista, como o Jader ainda estava na escola e iria demorar para me buscar, decidi ir caminhando para a escola. Caminhei por cerca de uma hora pela estrada de pedra e, nesse caminho, passei alguns perrengues: cachorro correu atrás de mim, sede, muita poeira, pois tinha alguns caminhões passando pela estrada, porém presenciei um pôr do sol lindíssimo com aquela paisagem. Passou, então, um rapaz de moto e gritou: “está indo para a escola?”. Eu balancei a cabeça que sim e ele perguntou: “quer uma carona?”. Eu nem hesitei, subi na moto e partimos em direção à escola. Quando estávamos quase chegando, encontramos com o Jader, que estava indo me buscar. Acenei com a mão para ele, que parou o carro. Agradei ao rapaz, entrei no carro e retornamos para casa.

No dia 25 de março de 2022, realizei a quinta entrevista, com o Jonathan. Durante a semana, entrei em contato com ele e combinamos a entrevista para às 15h. Na noite anterior, choveu muito em Bandeirantes – o que nos deixou em dúvida se iríamos ou não. Saímos às 12h38 e pegamos um tráfego grande de caminhão. Quando chegamos na estrada de chão no caminho para ir à escola, percebemos que havia muito barro e a única coisa que me vinha à lembrança era o que a Dahiane havia contado a respeito do acidente dela. Mesmo assim, decidimos arriscar, com mais cuidado. Durante o trajeto, havia muitas poças d’água e a estrada estava um pouco escorregadia. Existe um descaso muito grande, por parte da prefeitura de Jacarezinho, com a manutenção da estrada, visto que, quando chove muito, os estudantes não conseguem ir à escola, prejudicando seu aprendizado, além do grande risco que se coloca para aqueles que passam pelo caminho.

Ao chegar na escola, pudemos ver que a reforma já havia avançado bem e mais duas salas estavam prontas. Passei na sala da coordenação para cumprimentar a diretora Simone e me desloquei até a biblioteca, onde estava o Jonathan. Conversamos sobre o tempo e a forte

chuva no decorrer da semana e, depois disso, demos início à entrevista. Por causa da chuva, não havia muitos alunos na escola, as aulas acabaram mais cedo, inclusive por começar a formar um tempo feio de chuva. Após finalizar a entrevista, Jader e eu pegamos nossas coisas e retornamos para Bandeirantes.

No dia 28 de março, consegui conversar com a professora Varlete, apresentei-lhe a pesquisa, da qual ela aceitou participar. Combinei de buscá-la, no dia 1 de abril, no município vizinho de Barra do Jacaré<sup>39</sup>, onde ela reside, e, de lá, iríamos juntos à escola. Porém, no dia anterior, ela entrou em contato para desmarcar a entrevista, pois faria um curso fora, e pediu para agendarmos depois. Mesmo não tendo entrevista agendada, decidi ir à Escola Itinerante no dia 1 de abril. Aproveitaria para conversar com a Karina, para pedir sugestão de novos colaboradores para pesquisa. Até tentei contato com ela, mas não obtive resposta.

Nesse dia, deslocamo-nos para a escola, saindo de casa às 12h41 e chegando na escola às 14h. Chegando lá, perguntei para a diretora Simone se a Karina estava na escola e ela me respondeu: “A Karina não está na escola mais!”. Aí eu pensei: “Ah, ela deve ter ido para sua casa, depois passo lá”. Mesmo assim, fui à biblioteca, chegando lá, dei de cara com uma moça, que estava arrumando as prateleiras de livros. Então eu perguntei: “Moça, a Karina não vem hoje?”. Ela respondeu: “Não, a Karina foi embora para a cidade”. Quando ela me contou isso, foi como se meu mundo acabasse, senti até tontura. A entrevista da Karina tinha sido a mais rica em detalhes até aquele momento. Retornei para a sala dos professores, até pálido, e contei para o Jader. Naquele momento, o nervosismo tomou conta do meu corpo, eu não sabia o que fazer. Depois de quase 30 minutos, quando eu estava mais calmo, a coordenadora Francieli chegou e perguntei a ela o que tinha acontecido. Ela me contou que a Karina havia se mudado para a zona urbana por motivos particulares e que ela deixa o WhatsApp<sup>40</sup> no modo silencioso e que, por isso, não deve ter me respondido. Ela, muito solícita, enviou uma mensagem para a Karina, pedindo para ela me responder. Um pouco mais calmo, retornei para a biblioteca e fui conversar com a nova bibliotecária. Apresentei-me, expliquei o que estava fazendo ali e a convidei para participar da pesquisa. Ela aceitou e agendei a entrevista para a próxima visita, que seria no dia 8 de abril.

Chegando em casa, contei o ocorrido para a Línlya<sup>41</sup>, muito preocupado caso não conseguisse a assinatura da Karina na carta de cessão. Alguns minutos depois, a Karina me

---

<sup>39</sup> O município de Barra do Jacaré está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 400 km da capital Curitiba.

<sup>40</sup> WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas.

<sup>41</sup> Orientadora desta pesquisa, Prof.<sup>a</sup> Dra. Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa.

respondeu e conversamos um pouco. Ela me indicou um novo colaborador, o senhor Jose Pedro, e passou o contato dele. Enviei mensagem convidando-o para participar da pesquisa, que ele aceitou e agendamos para o dia 8 de abril. Na véspera, entrei em contato com ele para confirmar e ele pediu para desmarcar, pois precisaria ir à cidade resolver algumas coisas. Remarcamos para o dia 29 de abril.

No dia 8 de abril de 2022, realizei a entrevista com a Franciela Ferreira Machado<sup>42</sup>, moradora do Assentamento Companheiro Keno, que estava atuando como bibliotecária e fazendo estágio como educadora. Jader e eu saímos de Bandeirantes às 12h30. Chegamos lá às 13h57. Como de costume, cumprimentamos a diretora Simone e a coordenadora Francieli, conversamos um pouco sobre assuntos diversos. Sempre que chegamos na escola, a coordenadora pergunta-nos com todo carinho como estamos, qual o andamento da pesquisa e se precisamos de alguma ajuda. Isso me marcou bastante nesse tempo que passei na escola, todos sempre muito dispostos a contribuir com a pesquisa. Fui, então, à biblioteca encontrar com a Franciela. Conversamos um pouco sobre nossas vidas pessoais e, em seguida, realizamos a entrevista. Após finalizar sua entrevista, pedi sugestão de novos colaboradores que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa; na hora, ela não se recordou, mas combinamos que, se caso ela se lembrasse de alguém, me enviaria uma mensagem. Depois disso, fui à secretaria da escola, onde estavam o Jader e a coordenadora Francieli. Conversamos um pouco sobre o Movimento e sobre a reforma da escola. Ela pediu nossa ajuda na divulgação de uma arte, solicitando doações, para custear a reforma da escola. Despedimo-nos e retornamos a Bandeirantes. Apesar do cansaço da viagem, pois estava um dia de muito calor, no final da tarde, pude desfrutar, no caminho, um pôr do sol lindíssimo.

No dia 29 de abril de 2022, realizei a sétima e a oitava entrevistas, cujos colaboradores foram José Pedro Oliveira<sup>43</sup> e Ademar Herdt<sup>44</sup>. Saímos de Bandeirantes às 12h40 e, nesse dia, a rodovia estava muito congestionada com caminhões, então demoramos um pouco mais para chegar. Já na escola, fomos direto à secretaria, conversamos um pouco com a diretora Simone e, em seguida, fomos ao Assentamento Companheiro Keno, pois tinha combinado com seu José de realizar a entrevista em seu lote. Chegando lá, ele estava à minha espera, convidou-nos para entrar em sua casa e decidimos sentar na varanda, observando a paisagem e os animais.

---

<sup>42</sup> Toda vez que for mencionado o nome Franciela Ferreira Machado, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>43</sup> Toda vez que for mencionado o nome José Pedro Oliveira, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>44</sup> Toda vez que for mencionado o nome Ademar Herdt, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

Iniciamos a entrevista, ele se mostrou uma pessoa cativante e muito feliz. Ao fim, ele me indicou uma pessoa para entrevistar, que também tinha participado do processo de constituição da escola, seu amigo Ademar Herdt. Ele pegou seu telefone e tentou ligar para o amigo, para avisar que estávamos indo até o seu lote. Porém, não conseguiu realizar a chamada, pois estava sem rede de telefonia naquele momento. Então, ele explicou o caminho e seguimos em direção ao lote de seu Ademar.

No caminho para casa do seu Ademar, eu estava apreensivo, visto que eu não havia feito um contato prévio. Na entrada do seu lote, havia um corredor com várias árvores e pés de frutas. Lá, havia um cachorro bem grande, que ficou correndo em volta do carro. Sem descer, chamei por ele, que apareceu na janela. Eu me apresentei, falei da minha pesquisa e que tinha recebido indicação para conversar com ele. De imediato, ele me convidou para entrar em sua casa e concedeu a entrevista. Após a finalização das entrevistas, retornamos para Bandeirantes.

No dia 7 de maio de 2022, entrei em contato com a professora Varlete, via mensagem, para combinar nossa entrevista. Agendamos para 11 de maio de 2022, às 17h em sua residência, no município da Barra do Jacaré. A colaboradora Varlete Inês Calixto, reside no município da Barra do Jacaré, que fica no caminho entre Bandeirantes e Jacarezinho. Decidir ir, nesse dia, à escola e, na volta, passamos na casa dela. Chegamos lá às 16h55. Ela ainda não estava em casa, pois estava no trabalho. Aguardamos ela chegar e, quando chegou em casa, veio até nosso encontro, uma mulher simpática e receptiva, e convidou-nos para entrar em sua casa. Sentamos em sua sala, conversamos sobre vários assuntos. Após esse momento, demos início à entrevista, a nona da minha pesquisa. Varlete era educadora na escola desde o início, antes mesmo de ter a estrutura da escola, quando as aulas aconteciam em lugares improvisados. Ela ressaltou, em sua fala, que adorou trabalhar na escola e que será sempre grata pela oportunidade. À época chegou a morar em uma casa do Acampamento e, quando não estava dando aula, estava com a comunidade em seus barracos. Varlete destaca em sua fala que deixou sempre clara sua opinião sobre o processo de acesso à terra pelo Movimento, ao qual era totalmente contra, porém, segundo ela, isso jamais interferiu em seu trabalho. Após a finalização da entrevista, retornamos para Bandeirantes.

Assim, finalizei a realização das entrevistas, essenciais para a constituição de fontes historiográficas sobre a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Ter tido a oportunidade de ouvir essas histórias mudou minha forma de pensar e de ser. Pude conhecer um pouco mais sobre o Movimento e as histórias de lutas que cada um enfrentou em sua trajetória até este momento. Eu escutei essas histórias muitas vezes, durante o processo de transcrição dos áudios e da escrita de suas textualizações finais, que apresentamos na sequência.

#### 4. NARRATIVAS: MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO E DA TRAJETÓRIA DA ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA

Nesta seção, apresentamos as narrativas dos participantes que contribuíram com esta pesquisa, que são frutos da transcrição e posterior textualização das entrevistas realizadas com os colaboradores. Ao início de cada narrativa, está uma linha do tempo, com algumas informações importantes referentes àquela pessoa, indicando, entre outras coisas, sua chegada ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira ou Assentamento Companheiro Keno.

##### 4.1. Narrativa: Karina Aparecida da Silva

**Data da entrevista:** 04 de março de 2022.

**Local:** Biblioteca da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Tempo de duração:** uma hora e vinte e cinco minutos.

Apresentamos, na Figura 3, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida da colaboradora até sua chegada no Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

**Figura 3:** Linha do tempo de Karina Aparecida da Silva



**Fonte:** Produzida pelo autor.

Meu nome é Karina, tenho 25 anos<sup>45</sup>, sou natural de Campina da Lagoa<sup>46</sup>, depois fui morar com a minha avó, em Santa Maria do Oeste<sup>47</sup>. Quando eu estava com seis anos, minha mãe conheceu, através dos meus parentes, dos irmãos dela, sobre o Movimento<sup>48</sup> (MST), foi quando ela decidiu conhecer o Movimento, e foi amor à primeira vista. Assim, minha mãe sempre viveu no sítio, desde sua época de criança. Então, com a decisão tomada, começamos a participar do Movimento, viajamos para vários acampamentos, e assim começou a minha história no Movimento. As lembranças mais extensas que tenho são do Acampamento de Cascavel<sup>49</sup>, do “1º de Agosto”<sup>50</sup>, que é de onde viemos pra cá<sup>51</sup>. Já faz mais que dez anos que eu cheguei aqui, foi no ano de 2008.

Eu não tenho formação concluída ainda, mas estou cursando Filosofia na UENP<sup>52</sup> (Universidade Estadual do Norte do Paraná) e tenho minhas formações pelo Movimento, que são cursos que a gente faz para poder atuar dando aula para as crianças do MST. Porque, nas escolas itinerantes, tem uma coisa que a gente prioriza muito, que os educadores sejam da realidade dos educandos, que eles morem no espaço em que irão atuar. A gente faz, todo ano, de quatro a cinco formações, tendo duração de uma semana ou até duas, para falar da questão da realidade, quais são as dificuldades encontradas, enfim, sobre essas questões.

Desde o ano passado, eu estou como bibliotecária. Eu ajudo, também, quando precisa fazer um passeio com as crianças de alguma turma, para ajudar a tomar conta, e eu estou aqui para isso, sabe, eu atuo como bibliotecária, mas também atuo quase como serviços gerais, sempre ajudando, participando de tudo que acontece na escola, nas discussões da escola, que são feitas democraticamente, pois é feita uma reunião interna e depois vai se expandindo para os alunos, com a direção, com a coordenação e depois com os pais, então é feito por camadinhas, a gente sempre está atuando em alguma dessas reuniões ou encontros.

Eu entrei no Movimento quando tinha seis anos, com a minha mãe, eu morava com a minha avó numa casa de alvenaria e aí, de repente, eu caio dentro de um barraco de lona, que

---

<sup>45</sup> Idade da colaboradora à época da entrevista (04/03/2022).

<sup>46</sup> O município de Campina da Lagoa está localizado na mesorregião Centro Ocidental Paranaense, microrregião de Goioerê, e a uma distância de 520 km da capital Curitiba.

<sup>47</sup> O município de Santa Maria do Oeste está localizado na mesorregião Centro Sul Paranaense, microrregião de Pitanga, e a uma distância de 346 km da capital Curitiba.

<sup>48</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>49</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

<sup>50</sup> O Acampamento 1º de Agosto teve início no ano de 2003, porém sua inauguração oficial foi em 7 de fevereiro de 2004.

<sup>51</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>52</sup> Localizada no município de Jacarezinho.

não tem banheiro, não tem água encanada, não tem saneamento básico nenhum, com pessoas que eu não conheço, aquilo ali para mim já foi um choque muito grande. Eu não lembro o nome do primeiro acampamento que eu fui, mas eu me lembro que era na beira de uma rodovia, eu me recordo que não tinha muita criança, no outro lado da rua tinha um barzinho e, atrás do nosso barraco, tinha um milharal, o banheiro era comunitário e era somente um para toda a comunidade, totalmente antigo, que é somente um buraco, e você vai, agacha, e é isso. Nas primeiras noites que a gente estava lá, como os barracos são muito perto um do outro, ainda mais quando é na beira de BR<sup>53</sup>, então não tem muito espaço, então os barracos são próximos, muitas vezes dividem até a mesma lona para aproveitar o material. Eu lembro que a gente estava no acampamento, que tinha uns barracos em cima de barranco, aí descia aquele barranco tinha mais uma fileira de barracos, eu estava nesses barracos debaixo e eu não sei o motivo, mas eu sei que pegou fogo num barraco e aí, como os barracos são muito próximos uns dos outros, vai fazendo aquele efeito dominó, foi pegando fogo em tudo, e eu lembro que eu fiquei muito desesperada, chorei muito e eu falava para minha mãe que eu queria muito ir embora, e aí eu lembro da minha mãe me acalmando, ela falava que a gente tinha que esperar amanhecer para pegar o ônibus, e aí passavam vários caminhões o tempo todo, então eu falava para a gente pegar carona com os caminhoneiros, enfim... E assim que tudo começou, aí sempre chovia e gotejava, eu me recordo que sempre gotejou do meu lado da cama, assim, minha vida inteira de barraco sempre gotejou do lado da minha cama, então, às vezes, eu brinco com a mãe que ela fazia de propósito, furar a lona perto da minha cama, para eu acordar cedo, porque era impressionante.

Desde os meus seis anos, eu sempre morei em acampamento, não consigo me adaptar na cidade. Já aconteceu, por exemplo, quando eu comecei a fazer a faculdade, de chegar um momento que não tinha o transporte daqui do acampamento para a faculdade e, como não tenho carteira de motorista, saía mais caro para eu pagar alguém para me levar e trazer todo dia, do que eu ficar lá na cidade. Fui fazer esse processo e não deu muito certo, eu não consigo me adaptar. Inclusive quando entrei na faculdade, foi uma coisa totalmente nova para mim, porque a gente tem um processo de avaliação diferenciado. Então chegar lá, ser definido por um número, por uma nota, eu ter que tirar uma nota, é muito estranho para mim, e ter essa adaptação não é fácil. O Movimento tem algumas parcerias com algumas universidades<sup>54</sup>, que a gente

---

<sup>53</sup> Referência à rodovia federal.

<sup>54</sup> Por meio de programas específicos do governo federal, como editais do Ministério da Educação (MEC) e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera).

consegue fazer esse processo de ficar lá por um determinado tempo<sup>55</sup>, que falamos que é por etapa, a gente vai ficar de dois a três meses nessa etapa, estuda manhã, tarde e noite, então, finalizado esse tempo, você volta para a comunidade e, na comunidade, faz o processo da prática, que é onde você vai envolver, vai pesquisar, vai fazer seus trabalhos voltados para a sua realidade. Mas, na época que eu saí do Ensino Médio, não tinha o curso de Filosofia pelo Movimento, que era o que eu queria. Entrando no curso, me convidaram para estar inserida na escola, não como aluna, mas como educadora<sup>56</sup>, porém como voluntária na escola, a gente faz esse trabalho voluntário que você fica na sala com o educador que já tem mais experiência, tem um pouco de formação, para você aprender e seguir aquele caminho. Em 2014, eu completei 18 anos, aí me convidaram para atuar como bibliotecária, então eu fiquei esse resto de ano todo como bibliotecária e, no ano seguinte, já fui convidada ajudar na Educação Infantil, que é minha paixão eterna. A educadora da turma também fazia faculdade e, quando ela saía para a etapa de estar na faculdade, a coordenadora vinha e ficava responsável pela turma, então ficávamos juntas na turma. Nesse período, foram anos de muita correria, mas muito aprendizado também. É muito doido, assim, você estudar a vida inteira e, de repente, você está ali dando aula para os filhos de pessoas que estudaram com você, e isso aconteceu muito aqui, eu dei aula para filhos de pessoas que estudaram comigo, é uma experiência muito diferente, bem bacana.

A gente morava lá em Cascavel, onde é terra vermelha, lá é barro, eu não via areia lá, só via areia quando eu ia à casa da minha avó ou de algum parente na cidade e passava praia nos comerciais, eu via areia só daquele jeito. Eu lembro que a gente chegou aqui<sup>57</sup> por volta de 5 horas, quase dando 6 horas, e começou a clarear, olhei pela janela do ônibus e falei para minha mãe: “onde que a gente veio parar, mãe?”. Um lugar completamente diferente, um clima diferente, porque lá em Cascavel é uma região que faz calor, mas em grande parte é uma região fria, e, nossa, quando chegamos aqui, as famílias foram divididas, uma parte ficou aqui na Fazenda Itapema e uma outra parte subiu para a outra sede, na Fazenda Cambará<sup>58</sup>, e eu fui uma dessas que subiram para a outra sede. Mas, como a escola era aqui<sup>59</sup>, então eu consegui estar nos dois processos, acompanhei as duas áreas praticamente ao mesmo tempo, porque eu estava

---

<sup>55</sup> Trata-se do regime de alternância, em que os estudantes ficam um tempo preestabelecido realizando as atividades na universidade e outro realizando as atividades em sua comunidade de origem.

<sup>56</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela ACAP. Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

<sup>57</sup> Na Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho, pertencente a mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>58</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho, pertencente a mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 388 km da capital Curitiba.

<sup>59</sup> A Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira foi construída na área referente à Fazenda Itapema.



lá, mas também estava aqui. No início, tinha umas casas da Fazenda, inclusive tinha umas pessoas que já moravam lá, que trabalhavam para os antigos donos da Fazenda que, depois de um tempo, acabaram se inserindo no Movimento e hoje são assentados pelo Movimento. Até porque não tinha como, eles estavam ali no meio, então, querendo ou não, teve uma interação, mas querendo mesmo, eles tiveram uma interação com a gente e acabou somando na luta.

Quando chegamos de ônibus aqui, deixávamos nossas coisas ali mesmo, descarregávamos e deixávamos por onde dava e ficávamos, até ser construído um barraco com as condições necessárias. Então, as casinhas ficavam com as pessoas que tinham crianças pequenas para dormir, que era o caso da minha mãe, que foi mãe solteira desde sempre e os meus dois irmãos eram pequenininhos de tudo, um tinha três ou quatro anos na época, o outro tinha dois, por aí. Então nós dormíamos meio que tudo junto e, se tinha outra família com criança, jogava o colchão ali junto e dormíamos todos juntos, a gente ficou ali por algum tempo, até os barracos serem construídos.

Quando chegamos, eu lembro que já tinha algumas famílias aqui na Fazenda Itapema. Nos levantamentos que fizemos, porque a escola também faz esse levantamento, que é o inventário da realidade<sup>60</sup>, um levantamento de quantas pessoas estão no acampamento, quanto tempo elas estão aqui, quantas pessoas tem na família, e nesse levantamento consta que, nessa época, vieram 103 famílias, mas talvez tenha vindo mais na verdade, porque, como é acampamento, então sempre está vindo gente, sempre tem rotatividade de famílias, sempre está entrando e saindo, tanto é que a gente faz um cadastro quando entra e, depois de um tempo, a gente está sempre renovando, porque sempre sai gente, porque vem, acha que é uma coisa e aí não é aquilo, e então vai para outro lugar. Até onde eu sei, essas famílias que vieram já tinham uma vivência de acampamento, nem todas permaneceram, mas a grande maioria ainda permaneceu.

Com a nossa chegada aqui, não tinha escola ainda, e as crianças que já estavam aqui, antes das famílias de Cascavel chegarem, já estudavam na cidade. Como chegamos aqui no meio do ano, fomos direto estudar na cidade, pois já tinha um transporte que levava as crianças dos sitiantes para a escola. Então, eu levantava às 5 horas da manhã para conseguir chegar a tempo, porque era muita criança, inclusive a gente vinha até aqui, neste Acampamento, de um ônibus que chegava aqui, descia do ônibus e, aqui, pegava outro ônibus para ir até a escola.

---

<sup>60</sup> O inventário da realidade, de acordo com Hammel, Farias e Sapelli (2015, p. 74), “consiste em [um] diagnóstico etnográfico preciso e detalhado da realidade na qual estão situadas as escolas e sua construção”.

A gente sofreu muito preconceito<sup>61</sup>, éramos chamados de “fedorzinho de fumaça”, umas coisas bem pesadas, tanto por parte dos alunos quanto de professores, também, a gente percebia que tinha uma discriminação por parte deles. Então, um dia, as crianças daqui não estavam mais entrando nas salas de aula. Elas chegavam na escola, normal, e não entravam na aula, algumas ficavam no portão esperando dar o horário de retornar para casa ou, até mesmo, ficavam escondidas dentro do ônibus. Não só por esses motivos, mas isso também que desencadeou a necessidade da construção da escola aqui no Acampamento.

Como as famílias tinham acabado de chegar, eles perceberam que, nesta localidade, a terra é muito arenosa, então leva um certo tempo para que se possa conseguir produzir alimentos suficientes para você se manter e manter sua família. Como as famílias que chegam são bem carentes, leva um certo tempo para que se possa construir, não é fácil, não dá para decidir que vamos construir a escola hoje, vamos juntar dinheiro, não é um processo fácil. Então, a gente começou a fazer onde dava. Como, na sede da fazenda<sup>62</sup>, já tinha alguns barracões, essas estribarias e o casarão, então a gente foi começando a ter as aulas nesses locais, ali para baixo tem um barracão, inclusive a gente tem uma foto, da minha turma, para o lado de fora. A gente estudou lá, a gente estudou embaixo de árvore, no casarão, a gente estudou onde dava, não tinha um espaço físico próprio. A gente ficou estudando nesses ambientes. Eu me recordo que, na hora de trocar de aula, o professor tinha que subir muitas vezes as “subidonas”, ou até mesmo correr de boi, porque tinha o gado que já estava na fazenda, e as aulas aconteciam no meio do pasto. Para lanchar, a gente tinha essa dificuldade de perder um tempo de aula, porque até subir todo mundo, até descer todo mundo, ainda mais crianças que adoravam brincar, então a gente tinha essas complicações.

Quando a gente chegou no Acampamento 1º de Agosto, eu não lembro dessa história, mas a minha mãe conta que era tudo plantação de aveia e eram 600 famílias acampadas. Ela conta que não faz a menor ideia de onde que eu achei uma caixa de fósforo, eu risquei esse fósforo e começou a pegar fogo na aveia. Por sorte, o pessoal estava tudo meio junto porque tinham acabado de chegar, aí começaram a apagar o fogo da aveia que a Karina colocou, não se alastrou muito, assim não fez um estrago. Eu lembro que, em um dos primeiros dias de aula, os encontros foram de adaptação e conhecimento, teve aula debaixo de árvores, tinha uma cerca de arame e tinha umas arvorezinhas plantadas enfileiradas, a educadora pegou um pedaço de lona preta e prendeu na cerca de arame e aquilo era a lousa debaixo da árvore, e assim a gente

---

<sup>61</sup> As crianças e jovens participantes do MST sofrem vários tipos de preconceitos, discriminações e rejeições quando são levados a estudarem em escolas externas ao acampamento ou assentamento.

<sup>62</sup> Fazenda Itapema.

teve o primeiro contato com escola, com aula. E aqui, na Valmir, a gente foi nas estruturas da fazenda que tinha mesmo, que são esses barracões antigos e o casarão. Do primeiro dia, eu não lembro, mas eu lembro que, nesse barracão onde a gente estudava, tem um porão embaixo, e como a gente aqui tem o tempo-formatura<sup>63</sup>, que é um tempo formativo, é o tempo que a gente tem um espaço para apresentar, falar alguma informação, contar alguma curiosidade, é um espaço do qual você irá tirar algum aprendizado, e a gente canta o hino do Movimento nesse momento. Eu lembro que era todo dia e, nossa, assim, para nós, naquela época, era muito chato e a gente ia para escola para estudar, mas a gente era criança, então a gente gostava de brincar, porque, se deixasse, a gente passava a tarde inteira brincando. E, então, eu lembro que a gente se escondia debaixo desse barracão para poder não ir para o tempo-formatura e o Cassiano Kappes<sup>64</sup> descia daqui de cima até lá embaixo chamar a gente, “vocês vão para o tempo-formatura, sim!”. Faltava pegar a gente pela orelha! Brincadeira, mas ele era firme e falava: “vocês sabem que precisa”. Essa é uma lembrança boa que eu tenho de me esconder. Mas hoje eu adoro o tempo-formatura, é muito gostoso. O barracão é localizado do lado de baixo da estrada, são dois na verdade, eu estudei nas duas partes, um lado era uma turma e do outro lado era outra turma, e foi ali nossa sala de aula até ser construída a escola que está aqui hoje.

Sobre a construção da escola, foi assim: por volta de 2008, que foi quando eu cheguei, já havia um grupo de família que estava aqui. Eles eram 230 famílias, eu acho, eles moravam na beira da estrada<sup>65</sup>. Devido a várias questões e também sobre a organização, foi ocupada a sede da fazenda, em 2007, chamada de fazenda Itapema, e a lá de cima, chamada fazenda Cambará. Em 2008, chegam as famílias que vieram de outros acampamentos, sendo o pessoal do Acampamento 1º de Agosto e de uns outros acampamentos, que não vou me lembrar o nome agora. E aí, nessa vinda, vieram cerca de 113 novas famílias. Dentre essas famílias, vieram os militantes, que, na verdade, a maioria deles já tinham uma experiência de dois a três anos no Movimento.

Em 2009, a gente deu início à construção da escola, a gente já tinha o espaço e, nesse ano, inauguramos a escola e já começamos a estudar nela. Para conseguir verba para compra de materiais, foram realizadas rifas, algumas pessoas pediram materiais para todo mundo que

---

<sup>63</sup> O tempo formatura é um dos primeiros momentos realizado na Escola Itinerante, quando são organizados os estudos e as tarefas na escola, é apresentada a mística do dia, são feitos os informes e é quando cantam o hino do MST. A organização da mística no tempo formatura é realizada sempre por um núcleo de base, sendo que os alunos são divididos em vários núcleos.

<sup>64</sup> Toda vez que for mencionado o nome Cassiano Kappes, utilizarei, a partir de agora, apenas seu primeiro nome.

<sup>65</sup> Antes de as famílias ocuparem a Fazenda Itapema, elas ficaram acampadas na beira da estrada, a uma distância de 600 metros da entrada da Fazenda.

conheciam, recebemos algumas doações, e com essa mobilização das famílias daqui mesmo, começaram a construir a escola e foi possível inaugurá-la no mesmo ano.

A construção da escola não durou um tempo muito absurdo, porque a gente chegou em 2008, não chegou a ser um ano, é que eu não lembro muito bem em que mês certinho que a gente chegou, mas eu lembro que a gente chegou e começou a estudar na cidade, mas eu acredito que a gente chegou já na metade do ano e continuou estudando na cidade, como não nos adaptamos, fomos para as estruturas da fazenda, só que, nesse período, só da Educação Infantil até o 5º ano que continuou estudando aqui, os outros que já eram da rede estadual continuaram estudando na cidade por um tempo, aí teve todo esse processo de luta para conseguir trazê-los para dentro da área também.

As famílias mesmas que construíram, inclusive, até no processo de reforma da escola, são as famílias daqui que fazem esse trabalho, é feito um rodízio<sup>66</sup>, porque muitos trabalham durante o dia, não só na roça, mas algumas pessoas trabalham na cidade, então é feito esse rodízio quando tem material, o pessoal vem para trabalhar na escola. Acontece de vir gente de outros acampamentos para ajudar na construção da escola. Porque a gente é dividido assim: tem o acampamento e, no acampamento, tem os grupos. E, por exemplo, tem as regiões que têm assentamento e acampamento próximos. Aí tem as brigadas<sup>67</sup>, que é quando junta mais de um acampamento. Por exemplo, aqui no caso seria Jacarezinho, Carlópolis<sup>68</sup> e Congonhinhas<sup>69</sup>, que fazem parte da brigada “Olga Benário”. Então a gente se ajuda e, se precisar deslocar a gente para lá para fazer alguma função ou dar algum reforço, a gente se desloca. Faz uma escala e vai. Isso também acontece se precisarmos para o nosso Acampamento, eles fazem esse processo, eles estavam aqui um pouco antes de começarem as aulas, ajudaram a desdobrar as madeiras<sup>70</sup> para fazer a construção das salas e aí, depois que houve esse processo, depois de 15 dias, eles retornaram para suas áreas de novo. E é isso, como diz, eles constroem, reformam,

---

<sup>66</sup> As famílias são divididas em grupos chamados núcleos de base (NB), de modo que, cada dia da semana, um NB é escalado para ajudar na reforma e no que for preciso realizar de trabalho na escola, sempre de forma voluntária.

<sup>67</sup> Miranda e Cunha (2013) explicam que as organizações dos acampamentos e dos assentamentos do MST são feitas por meio dos núcleos de base (NB), setores e brigadas. Geralmente, os núcleos de base são compostos por dez famílias, podendo variar de acordo com a quantidade de famílias acampadas ou assentadas; os setores são compostos por dez pessoas, sendo que cada representante fica responsável por três até cinco famílias, com dois representantes, sendo um homem e uma mulher; e as brigadas são compostas por dez representantes, sendo um de cada setor.

<sup>68</sup> O município de Carlópolis está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Wenceslau Braz, e a uma distância de 363,6 km da capital Curitiba.

<sup>69</sup> O município de Congonhinhas está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procópio, e a uma distância de 353 km da capital Curitiba.

<sup>70</sup> Desdobrar madeira é considerado como um dos primeiros estágios de comercialização da madeira, pois cada madeira pode ser separada em diferentes cortes, para realizar construções de moveis, casas e alguns outros fins industriais.

nós aqui da escola, alunos e educadores, estamos sempre nesse ensinamento de que a gente precisa cuidar, porque é nosso, a gente sabe que se a gente estragar, não vai conseguir fácil, então você tem que cuidar do que você tem.

Quando começou ter a escola, a gente tinha aula em todos os períodos: de manhã, de tarde e à noite, porque a gente tinha a EJA<sup>71</sup> também. Eu não lembro com precisão, mas a gente tinha na escola umas 200 crianças estudando, contando com os três períodos, eram muitas crianças que a gente tinha, e aí tinha o pessoal da EJA. É muito engraçada a história. Todo acampamento tem um bar, que é para facilitar para as famílias, porque como é longe da cidade, vendia-se então essas coisas básicas, como: arroz, feijão, e a pinga de cada dia do trabalhador. Eu lembro que era assim, às vezes chegava sexta-feira e eu tenho um colega meu, o Cassiano, ele era coordenador da escola e ele contava que, às vezes, tinha que buscar o pessoal da EJA no bar, porque a própria pessoa que cuidava do bar para o Movimento estudava e, às vezes, os alunos estavam todos lá no bar, então ele descia lá, fazia fechar o bar e trazia todo mundo para a escola.

Inclusive ele foi meu educador, de quando faltava educador da minha turma, ele entrava, e aconteceu de um dia, ele tinha uma cara de bravo, mas ele não é bravo, ele é muito legal, mas muito rígido. Eu lembro que um dia a minha educadora não viria para a escola e ele quem daria aula no lugar, eu peguei e falei “não vou para a escola”, aí ele falou “você vai vir para escola amanhã, sim! Nem que eu tenha que ir lá buscar você”. E eu não fui para a escola. Aí era 7h30 da manhã, o Cassiano estava lá com a turma inteira, trinta e poucos alunos batendo na porta do meu barraco, você vai para escola sim, aí eu vim. Ele era firme mesmo!

A estrutura da escola foi um desafio, se a gente for parar para pensar, não é lucrativo, não é viável ter uma escola itinerante. Então é sempre uma luta a gente conseguir manter uma escola itinerante, é um desafio, uma luta constante, tanto para as famílias, como para os educadores e alunos, porque a escola não existe sem a comunidade, e a comunidade também não consegue existir sem escola, é uma relação entre elas. E uma escola sem a comunidade não funciona. Porque, no período da manhã, a gente tem cinco contratos<sup>72</sup>, como trabalhamos por ciclos, temos então três contratos de professores para todas as turmas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma coordenadora e eu, que atuo como a bibliotecária

---

<sup>71</sup> Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujas aulas aconteciam no período noturno, pois muitos estudantes que frequentavam as aulas trabalhavam durante o dia.

<sup>72</sup> No período da manhã, funciona a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, sob a responsabilidade dos educadores contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP).

da escola. O serviço de limpeza<sup>73</sup> nem sempre a gente teve na escola, porém, quando tínhamos auxiliar de limpeza, nossa, era uma beleza, porque a gente conseguia abranger muito mais.

Não temos um auxiliar de limpeza, não há uma pessoa específica que faça a manutenção e a limpeza da escola. Então é aí que a comunidade entra. Ela é dividida em cinco grupos, contendo 10 pessoas em cada. A cada semana um grupo fica responsável e cada dia vem uma pessoa do grupo para fazer essa manutenção da escola, como lavar banheiro, juntar lixo, lavar refeitório, limpar as mesas, ajudar na cozinha caso seja necessário, cortar alimentos, estar ali disponível para essa função, para o que a escola precisar nesse período.

Em questão da limpeza, em cada turma eles têm uma escala deles, desde a Educação Infantil até a 3º série do Ensino Médio, em que cada dia um fica responsável por organizar a sala, fazer a limpeza, recolher os livros, retirar os lixos, arrumar as carteiras. Desde o início, eles sabem que precisam fazer a escala e se organizarem, então, nesse período de aula que você está nessa sala, quando acabar, vocês vão fazer a manutenção porque você estava nesse espaço então se você sujou você limpa, não tem porque de você sujar e deixar para próxima turma arrumar, nós temos esse processo de organização.

Esse trabalho que a comunidade realiza na escola não tem nenhum fim lucrativo, ou seja, eles não recebem pelos serviços prestados, é mais um trabalho para garantir o funcionamento da escola. A escola não é só das crianças, é da comunidade, então, por isso que sempre batemos nessa pauta, que a escola é da comunidade. Então, se a comunidade quiser vir hoje aqui fazer uma reunião, ela tem esse direito, se precisar ocupar a cozinha para alguma organização ou até mesmo para receber pessoas de outro acampamento para fazer uma reunião, então vamos precisar cozinhar para esse povo, onde a gente vai cozinhar? Vou cozinhar na escola, porque foram eles que construíram, então eles têm esse direito. Uma das preocupações que temos é porque sempre sofremos muito aqui, teve uma vez que precisamos usar a cozinha e houve várias denúncias de que estávamos invadindo a escola, que é uma coisa muito boba, pois como nós íamos invadir a nossa própria escola, que nós construímos, é uma coisa que não tem nexos, mas acontece bastante.

A escola sempre esteve nessa disposição das salas de aula, foi construída e permaneceu até os dias de hoje, porque, como nossos materiais sempre foram limitados, não temos como destruir, o chão é de concreto, então não tem como destruir tudo e reconstruir de outra maneira,

---

<sup>73</sup> Até o ano de 2013, o trabalho de serviços gerais, preparação de merenda e serviços na biblioteca escolar eram realizados pela comunidade de forma voluntária. Em 2013, houve a inserção no convênio realizado com a ACAP a contratação de cozinheiro e de um funcionário para os serviços gerais. Em 2015, o governo estadual retirou essas funções do convênio e, desde então, a comunidade voltou a realizar esses trabalhos de forma voluntária nas escolas itinerantes.

sempre tentamos aproveitar o material que temos. As salas de aula, agora tudo está diferente para manter o distanciamento por causa da pandemia, mas elas são organizadas em círculo, em meia-lua, para que eu possa ver meu companheiro ao meu lado, para que eu não tenha que ficar atrás de alguém ou à frente de alguém, eu não sou mais que alguém, eu não sou menos que ninguém, estamos numa comunidade, em que é todo mundo igual, temos que caminhar juntos, estar um do lado do outro, não um atrás do outro.

Desde então, a escola está aí resistindo, passamos por muitas dificuldades, porque não são muitas salas e as doações que conseguimos, geralmente são madeirites, esse material não tem uma longa durabilidade, vai se deteriorando muito rápido, visto que estraga muito fácil, porque fica exposto ao sol e à chuva o tempo todo. E, quando chega neste estado que está hoje, gera uma grande preocupação, porque nós não sabemos se vamos conseguir doação novamente, tanto é que estamos começando a reconstruir a escola depois de três anos. Aí tem os perrengues do ano, que é quando vem muita chuva, às vezes quebra uma telha, que já aconteceu, de destelhar, madeirite voar, aí precisamos realizar esses reparos, tem todo esse processo de novo de reconstrução e não é um processo que é do dia para a noite, é um processo demorado, é um processo longo. Então esses desafios a gente sempre tem e sempre vai ter.

A distância de uma sede para outra é de 3 km, como o pessoal do Ensino Médio precisava ir para a cidade, e era só um transporte, a gente pegava uma carona com eles, saíamos de lá<sup>74</sup> às 5 horas, para dar tempo de eles chegarem na cidade<sup>75</sup>, chegávamos aqui<sup>76</sup> umas 5h20 no máximo e ficávamos até 7h30, o horário de início da aula. Na hora de voltar para casa, também pegávamos carona com eles, como na cidade a aula acabava meio-dia, o ônibus chegava aqui às 13 horas e até a gente chegar na outra sede já era 13h30. Era uma luta, não era fácil, eu saía de casa às 5 horas da manhã e chegava às 13h30 em casa. Eu acho que isso foi por um ano, mais ou menos, oito, nove, dez meses para ser construída a escola, que começou em 2009 e a inauguração da escola foi feita em 2009 também.

Eu lembro que era o “pessoal do cedo”, que era como a gente chamava quem era dos anos iniciais, e tinha um pessoal que a gente chamava “os grandes”, eles começaram a estudar no casarão de início, tínhamos da Educação infantil até o terceiro ano do Ensino Médio, eu acho que a gente tinha todos os níveis de ensino. E, antes mesmo da construção da escola, tinha a EJA. Eu lembro que tem foto do pessoal da EJA no casarão. Depois que construíram a escola,

---

<sup>74</sup> Da Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>75</sup> Em Jacarezinho.

<sup>76</sup> Fazenda Cambará.

o casarão desocupou, às vezes um professor conseguia pegar todas as aulas aqui na escola, de manhã, de tarde e de noite, e ele ficava no casarão para descansar ou até mesmo quando acontecia de chover muito, estragar alguma peça do carro ou alguma coisa assim, então eles dormiam lá, tinha essa estrutura e ficava por aqui mesmo.

Por questões organizativas da escola e por decisão da comunidade, chegou um momento que não dava mais para ter aula à noite, pois era muito cansativo para os alunos, porque à noite tinha primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio e tinha a EJA, e como são alunos um pouco maiores, que já ajudavam nos lotes de seus familiares, nas tarefas de casa, na roça, no tratar dos animais, eles já possuíam uma função social dentro de casa e isso fazia com que a noite dava um pouco mais de cansaço, então a gente decidiu, em conjunto com a comunidade, em tirar o período da noite, que a gente não tinha perna para tocar, e ficar só com o período da manhã e da tarde, é o que a gente tem agora aqui na escola. Como a EJA não tinha mais alunos suficientes para montar turma, foi quando a gente perdeu, mas agora a gente está com essa nova reocupação e tem um pessoal interessado, vamos ver se, no decorrer do ano, conseguimos colocar novamente a EJA em algum desses momentos, visto que esse pessoal só pode frequentar as aulas no período da noite, porque durante o dia trabalham, por serem mais velhos, a maioria é de senhores e senhoras de idade, então vamos tentar se adaptar em algum desses momentos, porém vai depender da disponibilidade de horário deles.

A contratação dos educadores é tanto por escolaridade como por participação, então, se você é um membro ativo na comunidade e possui disponibilidade, porque o que acontece, eu mesma quando vim como voluntária, eu não tive pagamento, não tinha recurso para estar aqui, é um estágio não remunerado que você faz se você tem interesse. Então: Qual é o seu interesse? Seu interesse é seguir na lavoura? Fazer uma outra faculdade que não envolve educação? Seu interesse é o quê? É educação! E aí vai tanto de a pessoa querer, quanto da avaliação da comunidade. Eles analisam: como é esse educando? Como ele é na escola? Como ele foi na escola? Como ele é agora na comunidade? Ele é um jovem ativo na comunidade? A família é ativa na comunidade? Então vai para essa avaliação da comunidade e, após a avaliação da comunidade e do grupo docente da escola, no caso do coordenador, vai para o Setor de Educação do Movimento<sup>77</sup>, visto que praticamente todo mundo se conhece. Após esse processo, tendo a aceitação da comunidade, do grupo docente, então se encerra o processo. Para ser um

---

<sup>77</sup> Quando um membro da comunidade tem interesse em ser educador na Escola Itinerante, a equipe pedagógica da escola em parceria com a comunidade faz uma avaliação do candidato e, se ele estiver apto para exercer a função, é indicado para o Setor de Educação do MST, que faz uma verificação na documentação necessária para iniciar o trabalho.



contratado da escola, você já precisa estar estudando, fazendo faculdade, ter uma quantidade de carga horária cumprida e aí, a partir disso, você pode ser contratado, é um caminho sem volta, para você sair é complicado, quase uma seita!

O processo de contratação dos educadores é terceirizado e remunerado, é um contrato anual, sendo que, todo final de ano, encerra o contrato e não sabemos se iremos conseguir trabalho novamente no próximo ano. Todo final de ano tem essa preocupação, “ai, meu deus do céu, será que vai ser aprovado? Será que a gente vai conseguir?”. Caso não haja essa renovação, a escola não existe, porque a escola vai para a cidade. Mas já aconteceu de acabar o contrato, ficarmos recebendo o seguro, não ser renovado e trabalharmos quatro meses no nosso seguro. Já aconteceu, também, de trabalharmos de graça, sem receber nada. No início, quando eu comecei a trabalhar na escola, não sei por quanto tempo, mas aconteceu de trabalhar o mês todo e no final receber R\$40,00, e é isso, é o que se tem, era um valor simbólico que não era nem para ser considerado um valor de pagamento. O importante é estar na luta e se precisar, trabalhar de graça para manter a escola, estamos aqui todos os dias.

A contratação dos educadores é terceirizada, então o pagamento é diferente, o contrato é diferente dos PSS<sup>78</sup>, então mesmo estando mais de dez educadores que eu comentei é só do corpo docente de educadores dos anos iniciais, da ACAP<sup>79</sup>. Mas, se for contar com os professores que vinham na época, tinha dia com mais de 20 pessoas na escola no período da manhã, era muita gente, muita gente.

Eu me lembro, nessa época, eram muitos educadores, só não lembro quem eram os contratados. Era dois educadores por turma, dois na Educação Infantil, dois no primeiro ano, dois no segundo, dois no terceiro, dois no quarto e dois no quinto. Eram muitos educadores. Como a gente trabalha por ciclos<sup>80</sup>, então a gente pode fazer com que o primeiro, segundo e terceiro anos fiquem todos numa sala só<sup>81</sup> e trabalhem, porque não tem reprovação<sup>82</sup>. Então, se você está no primeiro ano e você não conseguiu adquirir todos os conhecimentos necessários daquele nível, você avança para o segundo e, lá, você vai tentar suprir a defasagem do primeiro

---

<sup>78</sup> Referência à contratação temporária, via processo seletivo simplificado (PSS).

<sup>79</sup> Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná, responsável pela contratação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas itinerantes do estado.

<sup>80</sup> “Os ciclos se fundamentam no processo de desenvolvimento humano em sua temporalidade, onde possibilita mudança de estrutura da escola e a prática educativa pode prever ou interferir no desenvolvimento do trabalho pedagógico, procurando romper com o modelo seriado e fragmentado da escola” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 42).

<sup>81</sup> Os Ciclos de Formação Humana são divididos por agrupamento das idades, sendo que a Educação Infantil é um ciclo único que atende crianças de 4 e 5 anos; o Ciclo I do Ensino Fundamental atende crianças de 6, 7 e 8 anos; o Ciclo II atende os estudantes de 9, 10 e 11 anos; o Ciclo III atende os estudantes de 12,13 e 14 anos; e o Ciclo Único do Ensino Médio atende os estudantes de 15, 16 e 17 anos.

<sup>82</sup> Com a proposta dos Ciclos de Formação Humana, não há reprovação dentro de cada ciclo.

junto com o segundo<sup>83</sup>, ainda não suprimindo, você pode avançar para o terceiro ano, e só na quebra de ciclo que pode ter a reprovação. Então, não é que não reprova o aluno, é que ele tem esses três anos para conseguir adquirir o conteúdo. Como é um ciclo de formação humana e a gente sabe que cada ser humano é diferente e tem um processo diferente, então não significa que aquela criança não saiba, significa que o ritmo de aprendizado dela é diferente do resto da turma, então ela tem esses três anos para se inserir nesses conteúdos.

Olhando agora para nossa equipe docente de educadores, estamos em cinco educadores, é muito pouco comparado com a quantidade que tínhamos, a gente tinha dois educadores para cada turma, tinha dois coordenadores, auxiliar de serviço, cozinheira. Assim, era um corpo docente grande, eram mais de dez pessoas e, agora, a gente tem cinco, ao longo dos anos, a gente teve muita redução de contrato.

Teve uma época em que tivemos um projeto remunerado de agroecologia que já veio de dentro do Movimento, então tinha um pessoal que veio do próprio Movimento para dar início a uma agrofloresta, eles eram remunerados para isso, foi um projeto incrível, pois conseguimos encaixar para trabalhar com a porção da realidade, então dava para unir tanto os colaboradores que eram dos anos iniciais quanto dos anos finais, os professores conseguiam relacionar a teoria com a prática e relacionar muitos dos conteúdos com a realidade na prática, dentro da própria escola.

A professora de Biologia e a professora de Ciências, que era a professora Dahiane<sup>84</sup> na época, fizeram a festa, conseguiram realizar muitas aulas de campo, era gostoso. Durante a realização desse projeto, tivemos a oportunidade de ter uma pessoa, de pagar uma pessoa da comunidade para tomar conta da horta da escola. Cada turma tinha as suas funções, por exemplo: cada dia uma turma ficava responsável para destinar um momento da aula pra ir regar a horta, então a gente tinha isso, mas, para além da sala de aula, essa horta precisava de uma manutenção com mais frequência, não tinha como tirar os alunos e ficar lá as quatro horas e ficar fazendo essa manutenção, arrancando mato ou até mesmo fazer alguma função que não era indicada para a idade deles, então a gente tinha essa pessoa que era da comunidade e ficava responsável pela horta. E era incrível. Quando não era dia de aguar, era dia de ir lá pegar os alimentos para preparar a salada para o lanche, então os próprios alunos cortavam as alfaces, a

---

<sup>83</sup> Para lidar com essa defasagem de conteúdo, o professor encaminha o estudante para a Classe Intermediária, em contraturno, para sanar as dificuldades e aperfeiçoar os conceitos para que possa acompanhar as atividades desenvolvidas no ciclo em que ele está.

<sup>84</sup> A professora Dahiane Inocência Silveira, a quem Karina faz menção, é participante desta pesquisa.

rúcula, colocavam na bacia e traziam para cozinheira, ela preparava a salada e servia depois na hora do lanche, era uma das coisas que eu acho incrível assim na escola.

Como a escola já está vinculada com o estado ou o município, então a gente consegue do governo a alimentação, mas é o básico de todas as escolas, acaba sendo uma quantidade mínima, e aí, quando falta ou até mesmo quando não falta, a gente tem muito apoio da comunidade. Acontece, pelo menos cinco vezes no ano, de recebermos doações da comunidade, essas doações geralmente acontecem na colheita, aí vem de tudo, desde carne até... vem de tudo.

A escola itinerante é uma extensão de alguma escola que a gente chama de escola base<sup>85</sup>, é como se fosse uma sala de aula em um outro espaço. A documentação fazemos aqui na escola mesmo, por exemplo matrícula, essa parte documental, sendo que a original vai toda para a escola base e a gente fica com as cópias para termos controle e acesso, quando precisa.

A documentação funciona da seguinte maneira: tem o coordenador que é contratado, no caso da nossa escola atualmente é a Fran<sup>86</sup>, contratada pela ACAP, que trabalha junto com a Simone,<sup>87</sup> que é a diretora auxiliar da Marques dos Reis<sup>88</sup>, mas ela atua aqui porque é uma extensão. A documentação, por ser de uma escola Itinerante é assim, por exemplo: pode a qualquer momento acontecer um despejo, para não ter esse problema de perda de documento, então enviamos tudo para a escola base, que fica com todos os originais de documentos e nós ficamos mesmo com a cópia, para termos essa questão do controle.

Os documentos são enviados mensalmente para a escola base. Na verdade, como a nossa escola base agora é Marques dos Reis<sup>89</sup>, por exemplo, todo final de ano temos a rematrícula, os pais vêm para escola fazer a rematrícula de seus filhos. Como a Simone é a diretora da escola, ela mesmo leva mensalmente os documentos, mas, assim, as folhas-ponto dos educadores são entregues mensalmente na ACAP, então se tiver outro documento que precisa ser enviado, aproveitamos o pacote e já mandamos. Se a gente for parar para pensar, é a todo momento. Como temos essa ponte com a escola base que é a Simone e a Fran, se precisar ir para a escola base levar alguma coisa ou se precisar pegar alguma coisa, então tem esse vínculo.

Eu não lembro muito bem em que ano aconteceu, mas acredito que foi em 2019, a nossa escola base que ficava em Rio Bonito do Iguaçu<sup>90</sup> era “Iraci Salete Strozak”, tínhamos uma

---

<sup>85</sup> Na escola base são arquivados os documentos dos educandos da Escola Itinerante e é ela responsável pelo suporte pedagógico à Escola Itinerante.

<sup>86</sup> Francieli de Souza Leite.

<sup>87</sup> Simone Aparecida Correia.

<sup>88</sup> O Colégio Estadual Marques dos Reis, que se tornou a escola base da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, em 2019.

<sup>89</sup> O Colégio Estadual Marques dos Reis está localizado no município de Jacarezinho.

<sup>90</sup> O município de Rio Bonito do Iguaçu está localizado na mesorregião do Centro Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e a uma distância de 381 km da capital Curitiba.

relação muito boa, maravilhosa, é uma escola que vai muito com a proposta da escola itinerante, eu não tenho muito o que falar. Mas a escola base atual, tivemos alguns problemas, alguns conflitos, por não entender a proposta da escola, e agora que a escola base Marques dos Reis foi reconhecida como uma escola do campo, porque ela não era até então, porque ela era uma escola urbana, mas ela não tem nada de escola do campo. Mas os nossos conflitos com eles são muito por não entenderem a proposta da escola, porém sempre resolvemos através do diálogo, para esclarecer, não é assim que funciona, como que a gente pode colocar isso em prática? Como pode encaixar essa proposta dentro da escola? Tanto que temos dois PPP dentro de um PPP só<sup>91</sup>, que é justamente para garantir a nossa maneira de funcionamento de escola, para quando ela for municipalizada, conseguirmos garantir essa organização que temos, que é uma organização mais humanizada.

Os núcleos setoriais<sup>92</sup>, eu falo que são um espelho da organização da comunidade, porque, na comunidade, temos essa organização, são cinco grupos, cada pessoa tem uma função então, não temos o suficiente, mas é para ser dois coordenadores, um homem e uma mulher. Tem coordenação, tem setor da saúde, tem setor da disciplina, tem da infraestrutura, tem educação, então eu vou atuar nessas áreas. Como são cinco grupos, são cinco pessoas da educação, são essas pessoas que são responsáveis por fazer a escala do resto do pessoal que vem ajudar na limpeza da escola. Então cada núcleo atua no seu núcleo de base na função da comunidade. Por isso, eu falo que o núcleo setorial é um espelho da organização da comunidade.

Os núcleos setoriais são a minha parte favorita da escola, a parte que eu mais gosto. Temos o núcleo setorial da Memória, que vai ficar responsável pela parte visual e descritiva dos acontecimentos da escola, temos o núcleo da Cultura e Comunicação, que não está muito longe da memória, Apoio ao Ensino, a gente tinha e é ele que traz alunos do Ensino Médio para ajudar na alfabetização dos alunos dos anos iniciais, Finanças e Estrutura, que vai ficar responsável pela organização, vamos fazer uma, ação para arrecadação de verba para fazer a formatura ou arrecadar dinheiro de alguma maneira para cuidar da infraestrutura da escola ou alguma manutenção ou algo do tipo, Embelezamento, que vai ficar responsável por planejar ações para deixar a escola um ambiente mais bonito, um ambiente agradável, Saúde e Bem-

---

<sup>91</sup> O PPP da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira faz parte do PPP do Colégio Estadual Marques dos Reis, contendo as suas particularidades (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020).

<sup>92</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivenciam e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

Estar, que caminha junto com a Agroecologia, que fica responsável por organizar as ações que vão acontecer na horta, e a Saúde e Bem-Estar tem um espaço para cultivo das ervas medicinais. Mas, assim, por exemplo: se eu sou do núcleo da Memória, e você é da Agroecologia, nada impede que eu faça um plano de ação que envolva todos do núcleo setoriais. Por exemplo, se hoje eu vou trabalhar com o núcleo da Memória, com um plano de ação do grupo da Memória, que vai fazer com que todos os alunos da escola façam uma pesquisa em casa, pedindo para os pais contar como que foi o processo de chegada no acampamento, então todos os outros núcleos irão levar essa pesquisa para fazer em casa e, depois, trazer para o grupo da Memória realizar essa documentação, fazer essa descrição da pesquisa, e isso pode acontecer com outros núcleos. Semana que vem, será realizada a distribuição dos núcleos. Antigamente, como tinha aula de manhã, de tarde e à noite, conseguíamos fazer de uma forma diferente, todo mundo junto. Por exemplo, no grupo setorial da Memória, havia alunos da Educação Infantil, do 6º ano, do 3º ano, do 5º ano, todos juntos. Agora, não tem mais pé para isso, não tem mais essa condição, por conta do transporte, a gente não consegue. Esse ano, vai ficar dividido, uma parte vai ficar no período da manhã e a outra no período da tarde, mas nada impede que, em algum momento, as crianças da manhã venham para o período da tarde para fazer esse trabalho, e muito menos, que as crianças do período da tarde venham no período da manhã para fazer esse processo. Então, eu falo que é um espelho da comunidade, porque eles também têm essas funções, eles também têm essas organizações. Dentro dos núcleos setoriais, tem o coordenador e a coordenadora, que ficam responsáveis, por exemplo, pelos informes para todos os núcleos, então os grupos chamam os coordenadores e coordenadoras para participar da reunião e, após a reunião, eles chegam na sala e devolvem para o resto dos integrantes, para os companheiros o que foi decidido.

Sobre os núcleos setoriais que teremos esse ano na escola, eu vou pegar aqui. Serão quatro núcleos: da Memória, nos dois períodos, da manhã e da tarde, Cultura e Comunicação, que vai ser também nos dois períodos, Finanças, que vai ficar apenas com os alunos do Ensino Médio, no período da tarde, e Embelezamento, que vai ficar com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Mais para o meio do ano, a comunidade está com um projeto de construir uma horta para a escola e, então, no segundo semestre, faremos uma avaliação para verificar se incluímos Saúde e Bem-Estar e o Agrícola, que aí terá onde aplicar, porque a escola sozinha não consegue dar conta de uma horta, precisamos da ajuda da comunidade. Nessa construção, a escola caminha junto com a comunidade e ajuda nas tarefas que precisam ser executadas. Atualmente, não temos essa horta de antigamente, justamente por falta de uma pessoa que fique responsável em tempo integral no cuidado da horta.

Sobre os pareceres descritivos<sup>93</sup>, eu vou avaliar os meus educandos de maneira diferente, porque eles são seres diferentes, cada um adquire o conteúdo de forma diferente, temos os cadernos de avaliações<sup>94</sup>, que são feitos semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, vai da organização da escola. No nosso caso, é de 15 em 15 dias. Funciona assim: eu vou sentar e analisar todos os conteúdos que eu dei nesses 15 dias, por exemplo, eu vou avaliar a Michele, suponha que estamos estudando sobre cores. Qual foi o desenvolvimento da Michele sobre as cores? Ela conseguiu pegar o que estava sendo passado? Quais foram as dificuldades? Quais foram as facilidades encontradas? Então eu registro esse momento para que, no final do semestre, esse caderno de avaliação seja fundamental para criação do parecer. Porque eu tenho que registrar todos os conteúdos que eu passei, relatando as dificuldades dos alunos, sendo de cada educando individualmente naquele conteúdo, ressaltando o desenvolvimento dele, como ele conseguiu desenvolver, qual foi a metodologia que eu trabalhei, e não somente dos conteúdos, porque, no final do parecer, temos a avaliação mais humana, que é do comportamento. Como ele se relacionou? Como ele se adaptou? Teve dificuldade? Quais foram as dificuldades? Por que as dificuldades? Então toda essa vida da criança na escola, na rotina dela, é descrita nesse parecer. Se são seis crianças, serão seis pareceres completamente diferentes, esse é o desafio, porque não é fácil, nada é fácil, é muito difícil escrever. Parece uma coisa simples, mas é muito difícil. Então, a gente começa com esse caderno de avaliação e passa para o parecer descritivo.

Todo final de ano, é feita uma reavaliação da escola inteira, o aluno vai avaliar o professor, o colega de turma, a cozinheira, a coordenação pedagógica, se reavaliar, vai avaliar a turma, então é feita essa reavaliação todo final de ano. Por exemplo, a Karina deu muito problema esse ano na escola, então vamos sentar e fazer a avaliação, “Karina, esse ano parece que as coisas não fluíram muito bem pra você. O que tá acontecendo? Como que a gente pode melhorar isso?”. Sempre pelo diálogo.

Do início da escola até o momento que estamos, muitas famílias saíram. Quando chegamos aqui, tinha mais ou menos umas 250 famílias e, depois, chegaram mais 113, essas famílias foram divididas. Se pegarmos a relação, temos 53 ou 54 famílias acampadas<sup>95</sup>, é pouca

---

<sup>93</sup> “O parecer descritivo descreve com fundamento científico os conhecimentos trabalhados e os objetivos previstos em cada período. É o documento oficial do resultado da aprendizagem” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 44).

<sup>94</sup> “Os Cadernos de Avaliações são instrumentos de registros do desenvolvimento e aprendizado pelos(as) educandos(as) dos conteúdos trabalhados nas diferentes disciplinas durante os semestres” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 46).

<sup>95</sup> Na Fazenda Itapema.

gente. No assentamento<sup>96</sup>, são 63 ou 66 famílias assentadas. A maioria das famílias que estão aqui no acampamento, é o primeiro contato que elas estão tendo com o Movimento, elas ainda estão nesse processo de formação, de inserção, de saber qual é sua função na comunidade, qual é a função do MST. Porque, muitas vezes, estamos lá fora e ouve falar dos Sem Terra, que não é nem o MST, é o Sem Terra. Quando eu vou em Jacarezinho, até hoje, tem pessoas que pergunta de onde eu sou, e se eu falar que é do MST, eles não conhecem e aí se eu falo, sou do Sem Terra, aí eles sabem, fica perto do pesqueiro e tal.

Essas famílias vêm com a ideia de que “eu vou lá e vou ganhar um pedaço de terra e vou plantar”. Mas não é assim que funciona, primeiro você entra para a comunidade, tem funções na comunidade, que precisa exercer, porque, na hora de você conquistar um lote, vai ter uma avaliação. Aqui no acampamento, tem muita “andorinha”, temos 53 famílias, mas se sairmos nas casas hoje procurar essas 53 famílias, não achamos. Por isso que chamamos de andorinhas, são pessoas que têm uma casa na cidade e que estão mantendo cadastro, vem participar das reuniões, mas que não estão aqui no dia a dia, vêm somente no final de semana, e aqui não é uma colônia de férias, aqui a gente precisa de gente o tempo inteiro. Estamos numa área de acampamento, a qualquer momento, pode ter uma ordem de despejo e, se tem um despejo, o que eu vou fazer com suas coisas? No momento do despejo, não tem humanização, a polícia não tem dó, eles chegam e comunicam, “você tem tantas horas para tirar suas coisas”, e, às vezes, temos sorte de quando o prazo é de 24 horas, porque quando é três horas, quatro horas, cinco horas... Eu já estive em acampamento que a polícia chegou de manhã e deu até às três horas da tarde para tirarmos as coisas e não consegui retirar tudo, e eles irem tacando fogo em tudo. Eu não posso fazer nada, como eu vou comunicar às pessoas para virem pegar suas coisas? Então sempre vai ter essa avaliação, porque, quando entramos, devemos ter nossa participação com a comunidade, de como você é, o grupo tem a função de fazer essa avaliação de cada integrante, e verificar: se é uma pessoa participativa, se participa das reuniões, se realiza as funções que precisam ser feitas da comunidade. Se você faz todas essas coisas, então seu nome vai para a lista do sorteio dos lotes. Caso a pessoa não é aprovada nessa avaliação, sinto muito, não adiantou você estar aqui pagando sua luz, porque isso é uma coisa avisada, não é uma coisa que é pega desprevenido, você entra, você sabe: é assim, precisa estar aqui. A gente sabe das dificuldades que se tem, mas você precisa estar em grande parte aqui. Não tem problema você sair de manhã e ir para a cidade trabalhar, ficar o dia todo fora, mas que você esteja aqui pelo menos à noite para tirar sua guarda, se informar sobre o que acontece no

---

<sup>96</sup> Assentamento Companheiro Keno.

acampamento. Se você não tem essa avaliação do grupo, automaticamente, você não entra nessa lista, é todo um processo. Por conta disso, e da saída dessas pessoas, e da pandemia também, a gente não tem essa pessoa no momento, mas há um projeto para que haja uma pessoa responsável pela horta.

A proposta da escola é uma proposta sensacional, na verdade, começamos a ter noção de como ela é, não quando você está como educando, mas quando você entra para o corpo docente, é aí que você tem que fazer, você precisa pesquisar sobre isso. As crianças têm uma noção de que não é por nota o sistema de aprovação e, sim, por parecer descritivo. Eu não vou avaliar somente seu aprendizado dentro de sala de aula, eu vou avaliar seu comportamento dentro e fora de sala de aula, a relação com os professores, com seus colegas, com os funcionários da escola, com a comunidade. Então eles têm essa noção de que é diferente de uma escola urbana. Mas, quando você faz parte do corpo docente, você precisa estudar, conhecer um pouco mais, porque é uma proposta incrível. Eu tenho um sonho de construir uma escola com base nesses princípios da escola itinerante, só que uma escola assim, é um outro “rolê”, eu vou dar uma viajada aqui agora! Eu amo Educação Infantil, eu adoro esse primeiro contato que eles têm com escola, de ser tudo novo, é lindo, todo ano eu os vejo. Eu já presenciei isso sete vezes, uma é mais linda que a outra. A minha paixão é no desenvolvimento infantil, naquele momento de amarrar o sapato, dessas funções sociais, eu sempre penso, “um dia, eu vou ter uma escola que seja voltada não para a alfabetização, mas para a área do desenvolvimento corporal, desenvolvimento motor, que seja específico para isso e não que tenha um conteúdo fragmentado”. Mas a proposta da escola é incrível.

Eu tenho as fotos, se você quiser ver, se você quiser colocar no trabalho, eu provavelmente falei bastante, mas provavelmente, quando você for embora, eu vou lembrar de alguma coisa que eu acho que é super importante, eu vou mandar para você. Já fique preparado!

Estar dentro do Movimento não é uma luta fácil, eu lembro que, quando eu entrei na faculdade, havia uma expectativa dos meus colegas muito grande em cima de mim sobre o MST, porque o conhecimento que eu tenho não é um conhecimento teórico, como você por exemplo. Eu tenho certeza que tem coisas do Movimento ou coisas da escola que você que estudou tem mais conhecimento do que eu, eu tenho meu conhecimento da experiência, que é o que a maioria tem, da experiência de estar aqui vivenciando o dia o dia. Então havia essa expectativa muito grande, era uma coisa tipo “meu deus, ela é do Movimento”. E aí a gente faz esse processo de desconstruir essa visão, de que a gente é politizado, mas no sentido teórico, claro, mas, também, com grande parte da experiência, é o que a gente vive, né? É isso que a gente vive, a gente está aqui, eu não sei viver em outro lugar que não seja dentro do Movimento.



Eu tenho os meus sonhos para além disso. Uma coisa que eu, também, enfatizo muito é que não é só a minha vida de militante que eu tenho dentro do Movimento, eu tenho uma outra vida. Fora da escola, eu sou uma Karina, completamente diferente, eu sou a Karina, Karina mesmo, a Karina mulher, preta, lésbica, agricultora, cuidando das minhas coisas. Mas, para além de uma Sem Terra, de uma pessoa militante, eu tenho um sonho! Quero ser ceramista, por exemplo, mas eu posso ser ceramista e estar dando aula, eu quero aprender tocar jazz no teclado também. Eu tenho muitas outras coisas, não é só o trabalhador, a agricultora ali, ele tem a sua essência que vai para além disso. E a gente vê que as pessoas, às vezes, quando olham para a gente, olha pra os Sem Terra, olha para o agricultor, limita-o através do olhar, ali, na alimentação saudável, na horta, no cuidado dos bois, vacas e galinhas, e parece que não vê essa outra parte também do agricultor, do humano que está ali para além disso. Mas é isso, na luta sempre, cansar jamais! Mesmo cansado, mas, ainda assim, estar ali na luta, porque não é só para mim que eu estou lutando, é para toda uma sociedade!

#### **4.2. Narrativa: Dahiane Inocência Silveira**

**Data da entrevista:** 11 de março de 2022.

**Local:** Biblioteca da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Tempo de duração:** quarenta e três minutos.

Apresentamos, na Figura 4, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida da colaboradora até sua chegada na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Figura 4:** Linha do tempo Dahiane Inocência Silveira

**Fonte:** Produzida pelo autor

Meu nome é Dahiane Inocência Silveira, eu tenho 38 anos<sup>97</sup> e nasci no município de Tomazina<sup>98</sup>, que fica a 100 km aqui de Jacarezinho<sup>99</sup>. Eu vim para Jacarezinho no terceiro ano da faculdade e acabei voltando para a minha cidade. No quarto, como eu vinha para os estágios, eu me fixei e comecei a trabalhar como estagiária na faculdade e aí, assim que eu concluí a faculdade, em dezembro de 2004, fiz uma entrevista para trabalho e comecei a trabalhar em uma escola particular em 2005, aqui em Jacarezinho. Eu acabei ficando em Jacarezinho e prestei concurso do estado do Paraná e aí, em 2012, assumi o concurso. Então, eu iniciei trabalhando na escola particular, havia sido professora em cursinhos voluntários na época da faculdade e, em 2012, depois que eu assumi o concurso, comecei a pegar ordem serviço para vir para a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Na verdade, eu vim conhecer a história da Escola Itinerante em 2010, porque eu comecei fazer uma pós-graduação em Educação do Campo, então, por curiosidade, eu queria conhecer uma escola que funcionasse na zona rural, então eu vim conhecer. Em 2011, eu ainda era PSS<sup>100</sup>, peguei uma turma de EJA<sup>101</sup>. Foi a minha primeira experiência como docente na Escola Itinerante. Como eu peguei aula na Escola Itinerante,

<sup>97</sup> Idade da colaboradora à época da entrevista (11/03/2022).

<sup>98</sup> O município de Tomazina está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Wenceslau Braz, e a uma distância de 286,7 km da capital Curitiba.

<sup>99</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>100</sup> Referência à contratação temporária, via processo seletivo simplificado (PSS).

<sup>101</sup> Educação de Jovens e Adultos.

passei a ter mais contato com a escola, com a questão de constituição, eu já havia feito uma pesquisa breve na época da pós-graduação em Educação do Campo, então eu tive informações de como era, como funcionava. Na própria pós-graduação, a gente falava sobre a escola itinerante, sobre a escola do campo.

A minha chegada na escola foi em 2011 como professora temporária, em 2010 eu vim apenas para conhecer, mas, desde que eu fiz a pós-graduação em Educação do Campo, já comecei a me interessar muito pelas lutas e pelas falas que aconteciam dentro do MST, que é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A partir do momento em que eu passei a conhecer a escola, eu me engajei muito na proposta, então acabei fazendo curso de agroecologia, participando de eventos que eram do Movimento, conhecendo e me apropriando mais de como funciona o Movimento. Mas, na época, eu não participei da ocupação nas fazendas Cambará<sup>102</sup> e Itapema<sup>103</sup> e nem da organização dos acampamentos, porque eu não faço parte do Movimento.

O número real das famílias que participaram do processo eu só sei por informação histórica, depois de ter lido as informações, mas, como eu não participei, eu não lembro com exatidão. Nem todas as famílias ainda vivem no acampamento, algumas famílias se mudaram, algumas famílias ficaram ainda aqui, no acampamento, para esperar serem assentadas, eu não sei dizer quantas delas. Eu não sei aproximadamente a quantidade de crianças, jovens e adultos que precisavam de acesso à educação na época, mas eu sei que era uma quantidade bem grande, porque para ir para a cidade precisavam de vários ônibus. Então, como as famílias vieram de Cascavel<sup>104</sup>, elas já tinham experiência em organização de escola itinerante. Logo que elas chegaram, viram essa necessidade de as crianças terem que ficar se deslocando com ônibus, cidade pequena, e sofreu muito preconceito das outras crianças na cidade, porque cheirava à fumaça, porque ia de Havaiana, e ia com a roupa meio surrada. Eles se organizaram, eu sei que era uma quantidade grande, mas não sei em específico a quantidade.

As questões referentes ao movimento social, desde que eu vim para escola e conheci a proposta do Movimento, conheci a proposta da escola, eu me apaixonei, e nunca mais quis sair daqui. É até um contrassenso dizer que, depois de 11 anos aqui, esse ano que eu estou participando da entrevista, eu não estou atuando na escola. Mas a única coisa que fez eu não vir

---

<sup>102</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho, pertencente à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>103</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho, pertencente à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>104</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

esse ano foram as questões estruturais físicas da estrada, porque são 20 Km de onde eu resido, uma boa parte de estrada de chão e, como em 2020 eu passei um susto muito grande de ter caído na valeta enquanto chovia, tive que sair na chuva para pedir socorro, o trator precisou me arrastar, e por outras questões pessoais de saúde, resolvi dar um tempo para mim nesse ano de não pegar a estrada, somente por isso eu fiquei trabalhando na cidade de Jacarezinho. Mas, quando eu falo sobre isso, sempre me dói muito, porque, desde que eu vim para a Escola Itinerante, é como se meu coração tivesse tido um reconhecimento de lugar onde eu posso fazer a diferença, porque em todas as escolas eu vou ser uma boa profissional, mas eu sinto que na Escola Itinerante eu consigo fazer a diferença na vida dos meus alunos, por mostrar que a gente pode continuar buscando através da educação melhores condições de vida.

As minhas lembranças sobre o processo da constituição e funcionamento da Escola Itinerante, é um grande engajamento das famílias, pelo que eu havia lido dos relatos, e pelo que eu participei, conhecendo as famílias, em 2010 nas visitas e em 2011 quando eu fui professora da EJA. Havia um grande engajamento entre a comunidade e as pessoas que aqui estavam, eram pessoas que tinham uma vivência dentro do Movimento, então elas tinham um grande conhecimento do que que era a proposta do movimento social. Qual era a importância da escola dentro do acampamento? Porque, muitas vezes, nas outras escolas, nós somos engessados e não podemos dar a possibilidade de o aluno ter voz e ter vez, e a forma como a proposta se apresenta, ela permite que, desde pequena, a criança tenha a oportunidade de se organizar, expressar suas emoções, expressar suas sensações, com relação àquilo que ela está tendo de conteúdo, aquilo que ela está participando, além de a gente trabalhar as questões da agroecologia. Mas, assim, eu não me lembro da questão física estrutural, eu só me lembro da construção da escola com madeirite, porque, quando eu vim visitar, tinha sido bem no começo da construção, e aí, depois, quando eu vim como professora já, o pessoal já estava reformando. Às vezes era o madeirite que quebrava, o madeirite que estragava, e o que ficou muito nítido para mim naquele momento era a grande participação da comunidade. Os alunos da EJA eram adultos e pais das crianças que vinham e frequentavam, então sempre tinha aquela questão de que a escola não era só para eles arrumarem.

Eu acredito que, desde o momento que eu vim para cá, eu sempre levei muito a sério as questões da proposta, de como trabalhar os complexos<sup>105</sup>, de como é e por que é importante

---

<sup>105</sup> Os complexos de estudo “articulam teoria e prática, de forma interdisciplinar. Os complexos são construídos a partir de ‘porções da realidade’, isto é, temas que se relacionam com as vivências nos acampamentos e assentamentos”. (SACHS; ALVES, 2021, p. 39).

fazer o parecer descritivo<sup>106</sup> com os detalhes do que o aluno apresentava, porque, por exemplo: dando aula na outra escola, eu dou uma avaliação valendo nota. Naquele dia, se meu aluno está com uma dor de barriga, com uma dor de cabeça, ele vai mal por aquele motivo, eu não vou poder ter esse olhar por aquele motivo, porque eu preciso avaliar pontualmente aquele exercício que eu dei. Quando eu faço isso dentro da escola itinerante, eu transformo a atividade que dei no parecer descritivo, eu vou ter aquele olhar do todo, de como ele está no dia a dia, de como ele esteve naquele mês, se ele está com algum problema ou não, porque a forma avaliativa deveria ser assim em todas as escolas. Mas, como a gente trabalha com nota nas outras escolas, aí engessa, seria aquele olhar do aluno enquanto pessoa, enquanto ser humano, olhar além das questões só do cognitivo. Então, eu acredito que a minha constituição e participação no funcionamento da escola sempre foi de somar, somar com a equipe, somar com os alunos, somar com a comunidade, tanto que, até hoje, mesmo não estando aqui, eu me sinto participante, eu me sinto como parte da escola.

Eu me lembro até que, no dia dessa visita em 2010, tinha até um jogo do Brasil, e ele perdeu, inclusive. Tinha faltado um professor de Ciências, e como a minha área é essa, eu até fiquei na sala e fiquei conversando com os alunos. Então eu me lembro, assim, que sempre tinha muito aquela questão da curiosidade e, depois, quando eu vim enquanto professora em 2011, eu me lembro que era uma turma até que grande para EJA e era uma turma bem heterogênea, porque eu tinha senhorinhas que eram avós e eu tinha adolescentes que tinham deixado a escola e estavam voltando, e haviam deixado por dificuldade mesmo de aprendizado, e, aí, eu me lembro que eles eram muito ativos, podia estar chovendo que o pessoal vinha, aquela participação. E, nessa época, eu trabalhava na escola particular, então eu lembro que eu emprestava microscópio, eu emprestava o tórax que tinha os órgãos. Inclusive, eu tenho fotos dessa época, eles pegando os órgãos, eles explicando e era muito interessante, porque aí eu lembro assim, da minha aluna senhorinha e do meu aluno adolescente com dificuldade de aprendizado, que eles conseguiam trocar informação e aquela participação. Normalmente, na EJA, são alunos que querem aprender, mas, no caso de pessoas que tinham aquela vivência de morar no barraco, ter passado por toda dificuldade da ocupação e saber o valor que tinha a escola dentro do acampamento, era assim uma vontade de aprender muito grande, é, assim, uma paixão que eu via nos olhos deles que eu nunca vou esquecer. Então eu me lembro dessas primeiras aulas e de uma das dificuldades que a gente tinha por causa da iluminação, porque a

---

<sup>106</sup> “O parecer descritivo descreve com fundamento científico os conhecimentos trabalhados e os objetivos previstos em cada período. É o documento oficial do resultado da aprendizagem” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 44).

gente não tinha holofote, eram só as lâmpadas internas e, volta e meia, a gente trazia uma lâmpada mais forte, aí a lâmpada mais forte acabava sumindo, e aí a gente ficava com aquela clarinha, dava queda de energia, então, às vezes, a gente meio que ficava no escuro, mas isso não era um fator que atrapalhava a dinâmica das aulas. Ah, eu me lembro, assim, com muita saudade dessa turma de EJA, como eu já trabalhava com EJA, eu já tinha um engajamento com EJA, mas aqui foi uma turma muito especial, que eu nunca consegui esquecer.

Após a chegada às terras da fazenda<sup>107</sup>, eu não me lembro com exatidão, mas eu sei que o pessoal faz referência de terem sido alguns meses até a construção da escola. O pessoal chegou e acampou aqui e as crianças precisaram ir para cidade<sup>108</sup>. E, por essas questões que eu havia referenciado, de precisarem ir sozinhos, da questão do preconceito, fez com que os pais se mobilizassem e realizassem. Mas, como a construção ainda era de madeirite, o pessoal começou a ter aula no curral, no casarão, então o pessoal improvisava os locais de atividade. Mas eu lembro pelo relato de leitura, de que foi algo bem rápido e que as famílias perceberam e já se mobilizaram. Tanto que, nesse início, foram ofertados só os anos iniciais do Ensino Fundamental, porque aí eram educadores<sup>109</sup> do próprio Movimento, que tinham experiência, e a própria pessoa da comunidade vinha e trabalhava. Nem todos recebiam remuneração porque era voluntariado. Então, isso foi mudando com o tempo, porque foram vindo mais famílias e aí tinham os alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, com essa necessidade também de pegar o transporte. Aí foi havendo toda uma mobilização da comunidade para ir atrás do prefeito, para ir atrás do Núcleo<sup>110</sup>, para vir o Ensino Fundamental II. Eu acho que, no final de 2009. Eu lembro que em 2010 foi quando abriu o Ensino Médio e as turmas de EJA. Então isso foi mudando ao longo do tempo, conforme a comunidade foi precisando e foi fazendo as lutas de ir atrás da prefeitura e do Núcleo para ter.

A forma de seleção dos educadores da escola eu não tenho bem certeza por não lembrar dos relatos, mas, pelo que eu me lembro, eram pessoas que já tinham experiência das outras cidades, aí foram sendo selecionadas pessoas que iam entrando para os cursos de graduação e aí conseguiram auxiliar esses educadores, eles faziam as atividades. Eu não sei quando foi que

---

<sup>107</sup> Fazenda Itapema.

<sup>108</sup> Referência ao município de Jacarezinho.

<sup>109</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela ACAP. Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

<sup>110</sup> Núcleo Regional de Educação, vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná.

começou aquela parceria com a ACAP<sup>111</sup>, que daí eles recebem diferente, esses detalhes eu não sei. Mas eu sei que, depois, quando a escola passou a atender o Ensino Fundamental II, para as aulas da rede estadual eram contratados principalmente professores PSS<sup>112</sup>, né? Porque, no geral, os professores concursados não tinham interesse de vir, pela distância, pela infraestrutura da escola. Hoje já é diferente, porque nós temos mais professores concursados que vêm, mas, inicialmente, eram só os professores que, às vezes, não tinham muita opção de para onde ir. Então, inicialmente, os serviços de limpeza, da merenda, da documentação escolar, da secretária e da bibliotecária eram voluntários. Depois, o pessoal tinha essa parceria com a ACAP, aí eu não me lembro em que ano o estado pela primeira vez fez um edital para contratar alguém para vir ajudar na limpeza e na secretaria. E aí, de um tempo para cá, a alimentação também passou a ser feita pela contratação do estado. Mas a gente continua sem pedagogo, continua sem alguém para ajudar na limpeza, continua sem alguém na secretaria, então, infelizmente, ainda existe um grande descaso do estado com relação à escola itinerante.

Eu me lembro que, em 2012, principalmente 2011 já, quando eu vim para atuar na EJA, e em 2012, a gente nunca tinha livro e todas as escolas recebiam os livros didáticos, e a escola itinerante nunca tinha recebido o livro didático até então. Então, cada professor se movia como podia, para ir às outras escolas, buscar livro, buscar material, porque nós não tínhamos impressora para fazer cópias, então o acesso aos materiais era cada professor indo atrás do seu material. Eu acho que, a partir do momento que a escola base<sup>113</sup> tornou-se Colégio Estadual Marques dos Reis<sup>114</sup>, foi a primeira vez que a gente recebeu o livro didático do ano corrente, mas nós não recebemos a quantidade adequada para os nossos alunos, vieram somente os que sobraram na outra escola.

Quando a nossa escola base era o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak<sup>115</sup>, era uma excelente relação, no sentido de compreender a proposta e fundamentar os elementos. Eu sei que ela já teve outras escolas bases antes, teve o “Centrão”<sup>116</sup> e outras, quando houve aquela mobilização das famílias vindo de Cascavel. Justamente por ser itinerante, há a necessidade de trocar a escola base, em uma escola que consiga responder pela documentação e dê esse suporte pedagógico. Então, quando passou a ser o Iraci Salete a nossa relação era muito boa, porque

---

<sup>111</sup> Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná, responsável pela contratação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas itinerantes do estado.

<sup>112</sup> Referência aos professores com contratos temporário, via Processo Seletivo Simplificado.

<sup>113</sup> Na escola base são arquivados os documentos dos educandos da Escola Itinerante e é ela responsável pelo suporte pedagógico à Escola Itinerante.

<sup>114</sup> O Colégio Estadual Marques dos Reis, que se tornou a escola base da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, em 2019.

<sup>115</sup> Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizado no município de Rio Bonito do Iguau.

<sup>116</sup> Colégio Centrão, situado no Assentamento Pontal do Tigre, Querência do Norte-PR.

embora a gente não tivesse a pedagoga fisicamente, nem o diretor, a gente conseguia ter uma troca muito grande de falar a mesma língua no sentido das necessidades da escola, “o aluno foi embora”, “preciso do histórico, voltou”, “a situação é essa”, “a situação é aquela”, e até mesmo resolver situações conflituosas com o Núcleo Regional de Educação. A partir do momento, que agora não sei se foi 2018, que passou a ser escola base o Colégio Estadual Marques dos Reis, houve muitos contratemplos, porque para a escola foi uma novidade, porque o estado havia feito uma reunião com a SEED<sup>117</sup> e o grupo do Movimento, do setor de Educação, de que haveria a possibilidade da escola base ser uma escola que estivesse mais próxima fisicamente. E a escola, o Colégio Estadual Marques dos Reis já foi, há tempos atrás, uma escola do campo, mas deixou de ser, porque eles fizeram entrevista com a comunidade, a comunidade não achava interessante, porque praticamente era um bairro, como se fosse uma extensão da cidade, então eles não queriam, então eles deixaram de compreender alguns elementos da necessidade do campo, então, embora fisicamente ele esteja mais próximo, ele não consegue atender as necessidades reais de uma escola itinerante, que é diferente de uma escola do campo. Então eu posso dizer, assim, foi até um pouco conflituoso, porque para a diretora chega essa informação: “você irão atender a Escola Itinerante”. E, para nós, chega a informação: “para pedir ordem de serviço, é pela escola base daqui, não é mais pelo Iraci Salete”. Ficou aquela coisa que ninguém dava uma informação precisa, tanto que, como eu sou uma professora que o meu padrão não está em Jacarezinho, eu precisava da ordem de serviço e eu me lembro de quando houve essa informação de cima para baixo, da noite para o dia, não é mais o Iraci, vocês têm que fazer a ordem por aqui, eu cheguei a ligar em Curitiba nos setores da SEED e ninguém sabia me dizer com precisão como funcionaria, porque era algo que estava tramitando, e a gente não sabia como seria. Então, por exemplo: antes, a gente conseguia ter um grande diálogo, um grande suporte pedagógico, porque o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak foi construído dentro de um dos maiores assentamentos que se tem na história. Então, as pessoas que constituíram inicialmente a escola, inclusive o diretor, que na época era o Hudson<sup>118</sup>, tinham essa vivência de assentamento, essa vivência de assentado, de ir para acampamento, para assentamento, então ele conseguia compreender as realidades e adversidades que a gente enfrentava aqui. Jacarezinho é uma cidade que oferece muitas barreiras para o Movimento, ela tem uma questão elitizada, não vê com bons olhos, meio de grandes fazendeiros. Então a gente conseguia ter essa comunicação, embora os livros didáticos não chegassem, até comentei que a gente nunca tinha conseguido ter um livro didático para usar no ano corrente, porque não chegava até nós por

---

<sup>117</sup> Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

<sup>118</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.



causa da distância física. Eu até me lembro que eu fui para um evento, em 2013, e a gente combinou de eles levarem os livros para a gente trazer no ônibus que a gente havia usado de transporte, mas não aconteceu. Então, quando a gente passou a ter o Colégio Estadual Marques dos Reis como escola base, a gente achou que, em 2019, receberíamos os livros didáticos, porque, se a escola base está respondendo pela escola itinerante, os nossos alunos estão registrados lá, o livro deveria vir e não veio, vieram somente as sobras. Então já fica aquele embate de “ah, então realmente a escola base não está dando todo o suporte ou o apoio que a gente precisa”, não só técnico, não só didático, como o fato de não ter uma pedagoga. Depois que a gente veio a saber que, na verdade, pelo porte da escola, quando a SEED fez uma visita no ano passado, que nós deveríamos, sim, ter uma pedagoga, pelo número de alunos que tem aqui e na escola base, que nós, sim, deveríamos ter alguém para trabalhar na limpeza e não temos. Então sempre fica aquela questão da burocracia, da questão prática, da questão teórica, um joga pra cá o outro joga pra lá. Então, na verdade, a gente tem uma escola base que responda por nós no município de Jacarezinho, mas nem sempre a gente consegue ter as respostas pedagógicas e de base para a nossa proposta, já que lá trabalha com nota, já que lá é outra forma de trabalhar, então, às vezes, quando a gente pedia alguma orientação para as pedagogas, alguma coisa, nem sempre a gente tinha esse retorno. Elas falavam: “olha, eu não conheço a proposta”, “olha, não sei dizer”, então a gente fica... Nesse ano, eu não estou aqui, mas até ano passado, como a gente viveu toda aquela turbulência da pandemia, a gente não tinha assim esse suporte, então é bem complicada essa questão, no sentido pedagógico, no sentido de manter a nossa proposta, já que a gente busca um respaldo e nem sempre a gente tem. Tanto que nós, de uma organização semestral, precisamos passar a uma organização trimestral num dado momento, e isso quebra muito o que a gente tem dentro da proposta. Pelo menos, foi mantido semestre, porque a gente trabalha vários outros assuntos paralelos ao conteúdo curricular, mas, assim, eu não senti mudança, eu não senti uma mudança pedagógica benéfica nessa alteração de escola base, porque a outra escola base, embora estivesse muito distante fisicamente, ela tinha a vivência do assentamento e do acampamento, então ela conseguia dar um suporte maior com relação aos complexos e à proposta pedagógica.

Em 2010, em 2009, as aulas aconteciam de manhã e à tarde, porque ainda não tinha Ensino Médio e EJA. Aí, em 2010, a escola funcionava manhã, tarde e noite, porque tinha Ensino médio, tinha EJA, tinha classe intermediária<sup>119</sup>, que foi algo que ficou desrespeitado por

---

<sup>119</sup> Na proposta da Escola Itinerante, há uma classe intermediária entre os Ciclos de Formação Humana. Os estudantes que ainda não tenham atingido os objetivos para aprovação no ciclo avançam para o próximo ciclo,

muito tempo aqui na escola, é algo aprovado dentro do Conselho de Educação, mas não foi respeitado pelo nosso Núcleo por muito tempo, esse ano parece que voltou acontecer, mas por bastante tempo nós ficamos sem. A briga pela sala de recursos foi muito grande, no sentido de a gente ter alunos com necessidades especiais, de precisar ir para a cidade e precisar de transporte que quase nunca vinha, então sempre foi muito no sentido de briga, para acontecer. Então, de 2010 até 2017, a escola funcionava nos três turnos. Em 2018, simplesmente houve uma mudança meio que hierárquica, de cima para baixo, e, com a mesma quantidade de alunos, houve necessidade de reorganização e construção de uma outra sala, que, na verdade, fica muito quente, porque era em um espacinho bem pequeno, porque se impôs que seria trabalhado somente manhã e tarde, desconheço até hoje quais as causas reais de toda essa mudança, mas, assim, com o mesmo número de alunos passou a funcionar só nos dois horários.

Então teve um momento que os anos iniciais foram de manhã, acho que é grande parte do tempo foi de manhã, mas teve um momento que algumas salas precisaram funcionar à tarde, acho que Educação Infantil, por causa dessa questão do número de salas, então aconteceu, acontece, às vezes, também de faltar educador devido à quantidade de contratação que pode ser feita. O mesmo professor tem que trabalhar com terceiro e quarto ou segundo e terceiro. Então existe muita essa questão de, às vezes, ter que reorganizar as salas, embora não sejam multisseriadas, na verdade fazer essa adequação de o mesmo professor atender mais de uma sala nos anos iniciais. E aí, no Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, são os professores do estado que vêm. E deixaram de existir as salas de EJA, eu não me lembro se foi em 2012, quando deixou de ter porque diminuiu o número de alunos, e aí depois eu não sei como que foi feita a reorganização de busca ativa. Inclusive, no início da escola, lá em 2010 e 2011, o coordenador ia buscar os alunos na casa, então a gente tinha aluno que era dono do bar e, se deixasse o bar aberto, as pessoas ficavam. E ele fazia aquela busca ativa total, ia e buscava, né, às vezes mais os homens que as mulheres, é como eu disse, elas eram tão dedicadas que, mesmo com chuva, elas vinham. Então tinha muito essa questão da busca.

Na nossa proposta, quando a gente faz o planejamento, por exemplo que é diferente do que eu faço nas outras escolas, eu coloco somente o que eu vou trabalhar dentro do conteúdo de Ciências, que é a minha disciplina, e eu só separo o que eu vou trabalhar no sexto, sétimo, oitavo, nono, no máximo a gente faz uma observação, sobre trabalhar a Consciência Negra ou algum outro tema transversal, que, dependendo do ano ou da escola, a gente inclui. Aqui, a gente faz uma proposta completamente diferente, porque a gente senta para fazer esse

---

mas frequentam a classe intermediária no contraturno, para superar as dificuldades existentes (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019).

planejamento no início de ano, depois no meio do ano, para a gente tentar integrar todas as disciplinas juntamente com os outros trabalhos que a gente aborda, então, por exemplo: aqui, a gente tem a questão da mística<sup>120</sup>, que é resgatar as memórias das pessoas que já lutaram pela educação, que lutaram pela história, a gente fala muito da luta das mulheres, a gente trabalha o Abril Vermelho, de tanto massacre que houve até o Movimento ter essa conquista, de poder ter uma escola e dizer que é sua, com a sua proposta. O fato de a gente poder trabalhar de forma semestral e não trimestral, que, muitas vezes, corta ou engessa o que você está trabalhando, a questão de a gente ter esse olhar para o ciclo da formação, que, embora, de repente, esteja no 6º ano, mas ele ainda está concluindo um ciclo<sup>121</sup> que veio lá dos anos iniciais pela questão da faixa etária que ele está, pela questão do desenvolvimento cognitivo que ele está naquela fase de idade. Eu acredito que a gente consegue ter um olhar mais para o ser humano, mais para a formação específica do cidadão, de ver que além do conteúdo de Ciências, eu posso também trabalhar conteúdos que irão ser importante para a vida dele enquanto cidadão, para a vida dele enquanto pessoa.

O fato de a gente trabalhar isso num parecer descritivo, como eu falei antes, eu olhar para ele como um todo, sem olhar só para aquela nota daquele dia específico que, talvez, ele não estivesse bem, o fato de a gente trabalhar os núcleos setoriais<sup>122</sup> e cada pessoa se encaixar onde, de repente, ela consegue trabalhar mais, ou ela consegue contribuir mais para escola. Os que gostam mais de trabalhar com a terra, a gente vai trabalhar com a horta, a gente vai trabalhar com embelezamento, os outros que gostam mais da organização irão ajudar fazer a organização das místicas<sup>123</sup>, a organização dos horários. O fato de a gente dar autonomia para o aluno, diferente do grêmio estudantil, em que você faz algumas seleções, você colocar todos em algum setor e, naquele setor, ele organizar, ele coordenar. Assim, como a gente tem os professores

---

<sup>120</sup> A mística “consiste em acontecimentos sócio-políticos que se manifestam em práticas discursivas e não-discursivas através das quais os sem-terra identificam-se e reidentificam-se com os saberes do MST” (INDURSKY, 2014, p. 109). “As místicas costumam acontecer nos mais diferentes espaços como acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, tomando a forma de hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás. Diria que esses rituais, por outro lado, dão sustentação às ações e demandas do MST, servindo como elementos potencializadores da capacidade de luta [...]” (INDURSKY, 2014, p. 113).

<sup>121</sup> Os Ciclos de Formação Humana são divididos por agrupamento das idades, sendo que a Educação Infantil é um ciclo único que atende crianças de 4 e 5 anos; o Ciclo I do Ensino Fundamental atende crianças de 6, 7 e 8 anos; o Ciclo II atende os estudantes de 9, 10 e 11 anos; o Ciclo III atende os estudantes de 12,13 e 14 anos; e o Ciclo Único do Ensino Médio atende os estudantes de 15, 16 e 17 anos.

<sup>122</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivenciam e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

<sup>123</sup> A mística ocorre no tempo formativa e é realizada sempre por um núcleo de base, sendo que os alunos são divididos em vários núcleos.

coordenadores das turmas que estão, ali, diariamente com os alunos, fazendo aquela motivação da sala, aquela motivação da turma, faz com que você tenha um maior entrosamento com o aluno, com a família, com a comunidade. Então, eu acredito, pelo menos o que eu vivencio com 17 anos de docência, de tudo que eu aprendi, de tudo que eu vivenciei dentro da proposta da escola, eu consigo ver que, lá no final do Ensino Médio, esse aluno consegue ter um preparo e um diferencial para a vida dele, por ter tido momentos, oportunidades, de se autoavaliar, que é o que eles fazem no conselho de classe<sup>124</sup>, que também foi uma das coisas que fizeram eu me apaixonar desde o primeiro ano. Porque, diferente de um conselho de classe em que a gente senta com os professores somente para discutir a nota baixa ou alta do aluno, no conselho de classe da escola itinerante<sup>125</sup>, você senta com o pai, aluno, coordenação, professores, e não só eu avalio o aluno, mas o aluno me avalia, ele avalia a coordenação, ele avalia a direção, ele avalia quem está fazendo a merenda, numa forma de a gente trocar a valorização do outro, de você falar isso é importante, isso foi legal, isso não foi legal. Eu me lembro, e é algo que eu sinto muita falta hoje em dia, depois passei a sentir justamente disso, porque eu me lembro dos primeiros conselhos participativos que eu vivenciei aqui, onde realmente havia essa questão de o aluno ter a liberdade de dizer, “ah, então, professora, ele usa o material diversificado?”, “ele não usa? Como é?”. Ele tem a abertura para dizer: “o professor faz isso, o professor não faz isso, a gente trabalha de tal forma”. E ele mesmo se autoavaliar, porque os alunos também falam “e você, como que foi o seu procedimento? Foi de acordo? Não foi de acordo? O que você pode fazer para melhorar?”. Então eu acho que vocês chegaram na plenária, em que você se autoavalia para depois você avaliar o outro, você tem que tomar um cuidado maior antes de apontar o dedo e julgar o outro, porque você também vai estar se autoavaliando. Então, assim, o que mais me chamou a atenção, desde o primeiro momento que eu conheci a escola, que foi a minha paixão, foi o conselho de classe participativo. Infelizmente, não só pela questão da pandemia, quando tudo passou a ser online e os alunos não tinham acesso, uma outra situação,

---

<sup>124</sup> “No modelo adotado pelas escolas em área de reforma agrária do Paraná, em que participam a coordenação da escola, educandos, educadores, pais e membros do Conselho Escolar e da Associação de Pais e Mestres” (SACHS; ALVES, 2021, p. 35).

<sup>125</sup> “São espaço-tempo de efetivar o que denominamos de avaliação dialógica, de chamada para o compromisso com o estudo e a formação e não para obter notas. Ele é, também, um espaço de divisão do poder da instituição escolar, avaliamos nos nas instâncias da escola envolvida no processo educativo” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 42-43). O conselho de classe participativo na Escola Itinerante ocorre em três momentos: no primeiro momento, o educando elabora um parecer descritivo, ressaltando o seu comprometimento e desenvolvimento na classe; no segundo momento, a equipe pedagógica, o educador e o educando elaboram, em conjunto, um parecer descritivo contendo as informações da turma e da escola; e no terceiro momento, é realizada a sistematização de todos os envolvidos no processo avaliativo, de modo que todos podem apresentar sugestões e alertas para a continuidade dos estudos.

a gente foi perdendo a proposta e isso deixou de acontecer. A partir do momento em que deixa de acontecer, o professor que é avaliado, o pai que pode vir e avaliar, o pai que pode vir e falar, e que a comunidade deixa de estar dentro da sala, essa comunidade que tem essa vivência do Movimento, perde muito da proposta, e aí a gente acaba ficando engessado e sendo uma escola da cidade dentro do madeirite da escola itinerante. Foi uma crítica que eu fiz, quando eu fiz o meu trabalho, que eu defendi dentro da escola, e que eu faço o tempo todo quando a gente está entre professores, das pessoas que foram da proposta inicial e das pessoas que foram chegando depois, que muito se perdeu, e que é extremamente importante a gente fazer esse resgate.

Uma das dificuldades é a grande rotatividade de professores, porque não é uma proposta simples, que você vai entender em um mês, ela é uma proposta que, mesmo vivenciado tantos anos, eu ainda paro e me pergunto: será que é isso? Será que está correto? Será que é melhor fazer de outro jeito? Então ela é uma proposta que chega para a gente, mas vai sendo integrada à nossa realidade, e a gente vai se integrando, a realidade vai moldando. Para mim, conseguir sentar e conversar com o professor de Matemática, de Português, de História, e a gente fazer um planejamento único, em que a gente faz todas as discussões do semestre, a gente tem que ter uma sintonia. Então sempre que eu lia alguma questão que falava sobre a escola itinerante, então essa é a minha maior crítica, eu vivenciei 11 anos de experiência também, que a grande rotatividade de professores impede que você consiga estruturar essa proposta, porque, quando você consegue uma equipe, no próximo ano, vai e muda tudo, então você precisa começar do zero, é como se você perdesse todos os fragmentos, e quando ficam poucos professores da proposta, você tentar passar, mas aquele professor não está mais disposto, porque algumas vezes ele vem porque foi a última opção dele, vir para a Escola Itinerante, você vê desestruturando todo um trabalho. Eu sei que, quando eu vim para cá, eu escutava muito o pessoal do Núcleo falando que a escola itinerante queria ser igual as escolas quilombolas ou indígenas, que se escolhia quem vai, só que, na verdade, o fato de a direção não poder escolher ou de ela pelo menos não poder opinar, acabam vindo professores que não estão dispostos. E, querendo ou não, essa escola é de difícil acesso e a gente tem que pegar, no meu caso, 12 km de estrada de chão, é longe, eu tenho que ir com o meu carro, eu gasto mais tempo para chegar, mais tempo para ir. A questão da infraestrutura é difícil, às vezes, a gente fica sem água, e como aqui é um lugar que a terra não é documentada, não tem como colocar uma bomba para chegar água na caixa d'água, porque as famílias perderiam tudo, é cara uma bomba, então a gente tem uma água que vem de uma mina, e que, muitas vezes, chove menos, a vaca pisa no cano, aí fica sem água, então você fica sem água, num calor de 40 graus de Jacarezinho, não é fácil. Então, além da gente ter todas as questões físicas e estruturais, às vezes, acontece de a gente esbarrar nessas

situações também, de você tenta manter a proposta como ela é e você tem colegas que não estão dispostos a dobrar a camisa e falar “ah, vamos fazer”. E aí você acaba ouvindo mais crítica do que apoio. Então eu acredito que, neste momento, uma das maiores dificuldades, além da infraestrutura, é mesmo a questão de parcerias e de profissionais que estejam engajados a levar a proposta adiante e cumprir a proposta da escola.

Eu queria dizer, por fim, que a gente não pode desanimar, porque eu vejo, assim, uma luz no fim do túnel desse ano, de a gente ter mudanças políticas também, porque isso interfere diretamente na escola, querendo ou não, é uma escola do movimento social e a gente sabe que há muitas perseguições e problemas. Mas a gente teria que se apegar à toda organização que o Movimento tem e voltar a fazer lá aquele trabalho de base, estrutural. O que é o Movimento? O que é a escola para o Movimento? Qual a importância das famílias para o Movimento? Qual é o papel do professor que vem para a escola do Movimento? Então eu acredito que ainda é possível a gente reestruturar e fazer aquela busca de 2011, 2012, que a coordenação ia buscar na casa, para vir para escola, e que a gente conseguia ter uma turma grande de EJA, porque, às vezes, o adulto está desmotivado, por estar cansado para vir fora de hora, mas que a gente ainda consegue resgatar a importância da educação, e o pai estando na escola, ele valoriza ainda mais a questão da educação do filho, por ver que ele tem uma escola e que pode chamar de sua. E que aqui a gente discute questões reais e estrutura da vivência dele, enquanto assentado, acampado, porque, em Ciências, tem o fato de a gente enaltecer a agroecologia e trabalhar a questão da importância do solo, da importância do que eles produzem, da soberania alimentar. No momento que a gente vê tantos casos de câncer, tantos casos de problemas relacionados aos agrotóxicos, relacionados à alimentação contaminada por agrotóxico, a gente vê a importância do movimento social na produção dos alimentos e essa valorização na escola pelos filhos dos agricultores que fazem parte disso na história.

Eu me lembro que momentos difíceis existiram, porque aquela questão da infraestrutura, em 2016, a gente teve um projeto do Movimento atrelado às universidades para produzir uma horta, porque, a princípio, quando a escola foi construída, tinha uma horta e uma funcionária da comunidade que cuidava, depois essa funcionária deixou de estar, a horta se perdeu, ficou tudo no mato. Quando veio a questão do projeto, a gente tentou resgatar esse mesmo espaço, só que já não estava tendo engajamento da comunidade, a gente precisava que a comunidade viesse para fazer um mutirão, que tinha muito mato, muita cobra, então não dava para ser só com os alunos. E aí a gente marcou uma data, e marcou outra, e não teve a participação, porque havia uma situação de a maioria das famílias acampadas já terem ido para o seu lote do assentamento, e aí as famílias que estavam chegando eram famílias que não faziam parte do Movimento, mas

estavam vindo para se aliar ao Movimento, e aí não tinham essa compreensão de como é importante a comunidade vir e fazer. Depois, a gente propôs também de canalizar uma água ali da estrada, para deixar uma mina para o pessoal que passa na estrada tivesse. Várias vezes, a gente agendou o trabalho, a gente não teve a participação. Então foi um momento difícil e eu acredito que aconteceu porque houve um pouco dessa perda da estruturação da base do Movimento e as pessoas que estavam chegando não tinham essa consciência do que que era a escola para a comunidade, e aí foi mais uma questão estrutural mesmo. Houve momento de muita emoção, eu acho que foi em 2016 ou 2017, que nós tivemos atentados com vítimas<sup>126</sup> no acampamento do lado de Cascavel e a informação chegou assim no fim do dia. Aí, à noite, a gente fez um momento para se reunir na mística e foi falado para os alunos. Assim, foi um momento de você reviver, porque eu conheci a história do “Keno”, que é o Valmir Motta, e muitas famílias vieram para cá e, nesse Ensino Médio, eu ainda tinha alunos que eram crianças que vieram com as famílias na época, que sabiam o que que era a questão de uma emboscada, de perder um companheiro assassinado. E aí eu me lembro, que até de falar assim eu me emociono muito de lembrar, porque era como se a gente estivesse revivendo aquele momento, porque eram adolescentes do Ensino Médio, mas que eram crianças na época que veio a ocupação. Muitas pessoas que estavam chegando sem saber o que que era o Movimento, vindo para assistir aula, a gente recebeu muitos alunos do estado de São Paulo, e as pessoas ficavam sem entender o que estava acontecendo. Então, assim, foi um momento de muita comoção por ter pessoas que eram daquela época, a dificuldade estrutural da horta. E um outro momento, que eu não me lembro se foi em 2018 ou 2019, que começou a pegar fogo no mato aqui embaixo da escola, por ter muita bosta de vaca, e a gente não conseguia apagar o fogo. E o fogo estava chegando próximo da escola, que é feita de madeirite, tinha pouca água e só com os baldes a gente não conseguia, não tinha pressão para levar a água com uma mangueira, e aí o pessoal até correu para tentar pegar sinal de celular para tentar ligar para o bombeiro de Ourinhos<sup>127</sup>, mas não dava tempo de chegar, porque foi algo assim bem grave mesmo, subiram lavaredas. E a gente tinha criança pequena, mas como elas estão acostumados na luta, elas mesmas que foram apagando, jogando balde de água, apagando com o que conseguia, foi um momento de você pensar assim: “meu deus, onde é que está o estado neste momento?”. A gente tem no calendário escolar dia de simulação da brigada, que aqui nunca aconteceu, e nem tem. Só que,

---

<sup>126</sup> No dia 7 de abril de 2016, vítimas de uma emboscada, dois militantes foram assassinados: Vilmar Bordim de 44 anos e Leomar Bhorback de 25 anos.

<sup>127</sup> O município de Ourinhos está localizado na mesorregião de Assis, microrregião de Ourinhos, e a uma distância de 333 km da capital São Paulo.

naquele momento, a gente correu um risco real, eu já tinha participado da brigada em outras escolas, mas de uma situação de você ter que ir lá e apagar o fogo, porque o fogo ia chegar na escola, e todo mundo estava correndo risco. Então, assim, são momentos em que você vê a questão estrutural da comunidade, você vê o abandono por parte do estado, que daí faz a gente colocar no calendário, que tem no nosso calendário o dia da simulação da brigada, que a gente faz nas outras escolas, mas aqui nem existe, nem é feito, embora exista em calendário, entre aspas, né? Mas que, naquele momento, a gente teve que usar o que a gente tinha. Então, assim, foram situações difíceis, que você sente, cadê o estado neste momento? A gente não tem extintor aqui na escola. O estado usa a situação de que, como não tem o registro da terra, não pode reformar, não pode fazer, não pode dar, mas a gente continua sendo escola do estado, o professor recebe salário do estado, mas esse é o nosso único vínculo com o estado. Só que, aí, a gente tem que chegar e abraçar a proposta, mas a grande maioria não abraça a proposta, e entra naquela questão da dificuldade da rotatividade, aí tem o professor que vem, mas aí desestrutura totalmente, todo ano é uma luta.

A esperança é algo que me move neste momento. Assim, quando eu voltei para a escola no ano passado, porque eu demorei mais do que os outros professores, porque eu tenho asma e estava gestante, então o pessoal voltou, acho que em outubro e eu só voltei em novembro, eu sabia que a escola vinha se perdendo, a proposta vinha se perdendo, porque o estado vem nos engessando com conteúdo, com CREP<sup>128</sup>, com sistema trimestral, aí veio a pandemia, tudo precisou ser online e aí, mais do que nunca, a nossa proposta deixou de existir, porque a maioria dos alunos não tinha acesso, só atividade impressa. Quando eu voltei para a escola em novembro, foi um choque maior do que eu imaginava, porque eu cheguei e não existia mais proposta, não existia mais mística, não existia mais tempo de formatura<sup>129</sup>, não existia mais complexo, era cada professor trabalhando o seu currículo, numa realidade engessada igual à escola da cidade, com mais dificuldade por causa da questão estrutural. Então eu me deparei, assim, com choque, eu fiquei em choque. Como assim? Aquela escola que eu vim conhecer em 2010, que eu me apaixonei, que, na primeira oportunidade que eu tive para vir enquanto professora, eu abracei e vim, e sempre quis estar aqui. Tanto que, na ordem de serviço deste ano, foi até interessante, porque todos nós estávamos em Meet<sup>130</sup>, e quando chegou no meu nome, o pessoal do Núcleo, “Escola Itinerante, né?”. O pessoal já sabia, já faz 11 anos que eu

---

<sup>128</sup> Currículo da Rede Estadual Paranaense.

<sup>129</sup> O tempo formatura é um dos primeiros momentos realizado na Escola Itinerante, quando são organizados os estudos e as tarefas na escola, é apresentada a mística do dia, são feitos os informes e é quando cantam o hino do MST.

<sup>130</sup> Google Meet é uma plataforma de videoconferência via internet.



peço ordem de serviço, eu falei “então, esse ano, com toda dor no meu coração, eu não vou para a Escola Itinerante, por questões pessoais, mas eu não vou”. Mas o que continua me mantendo na chama é a esperança, de que tudo aquilo que eu vi no final que havia se perdido, que esse ano eu não estou, mas eu vi a postagem de alguns professores, das místicas, o tempo de formatura. Conversando com os colegas que estão, de que há uma grande perspectiva de que a gente vai conseguir recuperar essa proposta, de que os professores que estão chegando vão abraçar a causa, a gente vai conseguir montar uma equipe que vai trazer de volta toda aquela luta e aquele brilho que a gente via no olho dos nossos alunos, quando eles tinham que ir para frente, falar, expor ou dizer: “Não! Eu faço parte do Movimento. O Movimento é isso! O Movimento é aquilo! Eu penso isso! Eu penso de tal forma! Embora a gente pense diferente, eu me posiciono de tal jeito!”. Que é um contraste, que quando eu lembro, por exemplo, da Karina, que hoje está aqui como educadora e foi minha aluna desde o Ensino Fundamental, eu vejo a Grazi<sup>131</sup>, que concluiu a faculdade e eu tive a alegria de estar na defesa do TCC dela, e ela dizendo o quanto eu fui importante na educação dela, que eu a motivei, que eu a incentivei a ir para a faculdade. Eu penso que é possível a gente fazer aquele resgate, daquelas crianças que chegaram pequenininhas, tímidas, mas, depois, conseguiram fazer a voz ser ouvida, dizer o que pensavam, porque elas haviam sido acostumadas, elas tinham esse espaço democrático dentro da escola e com o tempo foi se perdendo, porque até os alunos perderam a voz, porque a gente ficou engessado dentro da proposta do estado. Então o que eu deixo é a gente ter esperança e precisamos nos manter firmes, de que nem que seja um de pé levantar os outros, a gente vai conseguir resgatar o que foi Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

### **4.3. Narrativa: Marlene Araujo**

**Data da entrevista:** 18 de março de 2022.

**Local:** Assentamento Companheiro Keno.

**Tempo de duração:** Vinte e quatro minutos.

Apresentamos, na Figura 5, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida da colaboradora até sua chegada no Assentamento Companheiro Keno.

---

<sup>131</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

**Figura 5:** Linha do tempo Marlene Araujo

**Fonte:** Realizada pelo autor

Meu nome é Marlene, eu tenho 52 anos<sup>132</sup>, sou agricultora e nasci na cidade de Campina da Lagoa<sup>133</sup>, no estado do Paraná. Eu concluí o Ensino Médio e hoje estou morando em Jacarezinho<sup>134</sup> como assentada, no Assentamento do Companheiro Keno<sup>135</sup>. Sobre a minha chegada no Movimento Sem Terra<sup>136</sup>, eu sou filha de camponês e, durante minha vida toda, a gente trabalhou na roça com os meus pais e tudo, então eu não consegui me adaptar na cidade. Eu morei um tempo na cidade, mas eu voltei. Assim, em 2003, eu saí para o Acampamento, lá na região onde a gente morava, no município de Palmital<sup>137</sup>. Aí eu fui se acampar em 2003, a gente ficou acampado, foi para Cascavel<sup>138</sup> e ficou de 2003 até 2005. Em 2008, a gente veio para Jacarezinho. Nesse período, nessa trajetória, eu sei que a luta foi bastante árdua, a gente passou por muitos perrengues, vivendo assim, sabe, com falta de condições dignas para a gente morar. Ah, mas foi muito bom, a gente aprendeu muita coisa, a gente estudou dentro do Movimento Sem Terra, tinha muitos cursos bons, a gente aprendeu sobre disciplina, educação e a gente também cresceu muito como ser humano, né? A gente olhar muito o lado dos outros, trabalhar em coletivo, então isso foi uma coisa que nos ajudou muito. E a gente trabalhando e estudando, a gente também sentiu a necessidade da criação da escola, porque os nossos

<sup>132</sup> Idade da colaboradora à época da entrevista (18/03/2022).

<sup>133</sup> O município de Campina da Lagoa está localizado na mesorregião Centro Ocidental Paranaense, microrregião de Goioerê, e a uma distância de 520 km da capital Curitiba.

<sup>134</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>135</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>136</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>137</sup> O município de Palmital está localizado na mesorregião do Centro-Sul Paranaense, microrregião de Pitanga, e a uma distância de 437 km da capital Curitiba.

<sup>138</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

educandos eram muito discriminados na escola, porque quando chegava à beira da estrada pegava ônibus, e os outros já começavam, que não eram Sem Terra, já começavam a criticar, a falar que eles estavam cheirando a poeira, estava cheirando a fumaça, e as crianças não queriam estudar. Aí, a partir dessa iniciativa de a gente criar a escola itinerante, que foi uma coisa muito boa dentro do Movimento Sem Terra, porque a gente tinha essa proposta diferente do Movimento Sem Terra, né? De a criança não aprender somente a ler e escrever, mas também aprender a se valorizar como ser humano, isso foi muito bom e a gente ajudou a construir essa escola, a gente tem orgulho disso. Os meus filhos todos passaram por essa escola, a Karina<sup>139</sup> entrou nessa escola, eu acho que ela tinha uns 8, 9 anos, já se formou, hoje é educadora<sup>140</sup>, isso para mim é muito bom. O Apolo também, já está com 17 anos, nasceu dentro do Acampamento, essa semana a gente estava conversando sobre isso, já está no segundo ano, e a Ana Beatriz também nasceu no Acampamento, já está cursando o primeiro ano, isso para mim é um orgulho muito grande, né? Não tem nada que pague, que retribua uma coisa dessa, essa história a gente construiu junto.

Bom, a gente veio de Cascavel para cá, eu não participei exatamente da ocupação. A gente foi escalado para vir para cá. Então foi bastante interessante, a gente veio num ônibus superlotado, mas a gente tem que ir onde a terra está. A gente veio, eu vim de lá com 3 crianças, né? E a gente começou, chegou aqui, a cultura toda diferente. O pessoal não sabia nem como plantar um pé de mandioca, sinceramente aqui, né? Agora, a gente está assentado<sup>141</sup>. A gente começou a trocar ideia com as companheiras que já moravam aqui, a gente ia para as guaritas fazer guarda junto. Aí a gente começava a falar: “nossa, eu quero plantar mandioca”, a outra “eu quero plantar”, “ah, quero fazer uma horta”. Aí elas ficavam assim, sabe, porque praticamente eu acho que quem trabalhou a vida toda no corte de cana, era escravo daquilo! Não fazia outra coisa, não comia cana, mas eles trabalhavam para sobreviver daquilo, e a gente começou essa troca de ideia, essa troca de experiência, foi muito bom. As companheiras perguntavam: “ah, como que planta feijão? E como é que planta amendoim? As vagens dão em cima? O arroz, como que planta? É descascado!”. Inclusive, a gente fez um plantio de arroz bem grande no coletivo de mulheres, para mostrar para as outras companheiras como que era o plantio de arroz. Então essa experiência de ter vindo para cá, essa troca de experiência, foi muito bom.

---

<sup>139</sup> Karina Aparecida da Silva, também entrevistada nesta pesquisa, é filha de Marlene Araujo.

<sup>140</sup> Professora da Educação Infantil.

<sup>141</sup> No Assentamento Companheiro Keno.

Olha, a gente veio de Cascavel em torno de 210 famílias, mas essas famílias foram distribuídas para Congonhinhas<sup>142</sup>, Pau D’Alho<sup>143</sup>, e muitas foram embora. Não foram todas que permaneceram aqui. Então a maioria foi embora. Aqui foi meio a meio, as famílias era 50% de Jacarezinho, do pessoal que já estava aqui. E o 50% do pessoal que veio de fora, mas ficou mais ou menos uns 30%. O restante desistiu.

Era bastante criança na época, mas eu não sei exatamente assim o número, mas a gente deu aula em tudo que foi canto, a gente ia lá para debaixo das árvores, ia para a cocheira, nos casarões, nos lugares que dava para a gente dar aula para as crianças a gente ia. Inclusive, eu contribuí muito tempo na EJA<sup>144</sup>. Eu tenho, assim, bastante orgulho de a pessoa falar. “Eu sei escrever meu nome hoje, porque você ensinou”. Então isso tudo era voluntário. É muito gratificante. Mas o número exato de crianças eu não sei, porque a escola foi formada lá na Itapema<sup>145</sup>. A gente já estava aqui em cima, a gente descia para contribuir. Mas eu não sei o número exato.

As lembranças são muito boas, porque eu tinha muita participação dos pais. Os pais construía as salas, os pais ajudavam a fazer a limpeza. A produção dos alimentos surgia da nossa própria produção. Então, assim, eu tenho uma lembrança muito boa, porque hoje está ficando muito esquecida, não sei como dizer. As místicas<sup>146</sup> eram muito ricas dentro da escola, antes da escola, o grito de ordem<sup>147</sup>, sabe o grupo de adolescentes que tinha, eram bem instruídos. Hoje eu tenho saudade disso, eu ainda falo para as minhas crianças, eu vejo os vídeos da Karina e falo para os mais novos: “gente, vocês têm que resgatar isso de novo”, porque isso é muito bom. Os gritos de ordem, as místicas são uma forma de você falar, de você se expressar sem falar. Então eu tenho muita saudade disso, essa é uma lembrança muito boa.

---

<sup>142</sup> O município de Congonhinhas está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procopio, e a uma distância de 353 km da capital Curitiba.

<sup>143</sup> O município de Pau D’Alho do Sul está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Assaí, e a uma distância de 392 km da capital Curitiba.

<sup>144</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>145</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>146</sup> A mística “consiste em acontecimentos sócio-políticos que se manifestam em práticas discursivas e não-discursivas através das quais os sem-terra identificam-se e reidentificam-se com os saberes do MST” (INDURSKY, 2014, p. 109). “As místicas costumam acontecer nos mais diferentes espaços como acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, tomando a forma de hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás. Diria que esses rituais, por outro lado, dão sustentação às ações e demandas do MST, servindo como elementos potencializadores da capacidade de luta [...]” (INDURSKY, 2014, p. 113).

<sup>147</sup> Geralmente, as palavras do grito de ordem são palavras que “têm aspecto de animação e principalmente de identificar os propósitos de luta do movimento ao identificar os opositores e chamar para a luta os trabalhadores que participam”. (VIEIRA, 2008, p. 05).

Bom, os materiais para construir a escola, a gente pedia na prefeitura, mas nem sempre quando a gente pedia a gente ganhava. Aí a gente fazia vaquinha, os pais ajudavam, a gente comprava lona, comprava prego, as madeiras a gente catava por aí, e era assim. A gente tinha uma dificuldade muito grande mesmo na construção da escola, em termos de material. Mas, em mão de obra, era sempre a gente mesmo que construía. Eu fiquei muito chateada que uma vez eu fui na assistente social com a coordenadora da escola, e a gente foi pedir lona, e a assistente simplesmente falou que não podia dar lona, eu falei: “nossa, uma escola que é quase municipal e o prefeito falar que não pode dar lona! Ah, vamos embora daqui!”.

Eu trabalhei como voluntária na escola itinerante, né? Porque, naquele tempo até, não tinha educador formado pela escola itinerante. Eu mesma tinha só o quinto ano, e depois que eu fui continuar os estudos. A gente ajudou a levar esses educadores<sup>148</sup> à formação, a estudar, ficava substituindo. Às vezes, eu ia para a escola, chegava lá, eu fazia parte do núcleo setorial<sup>149</sup> da agricultura, né? Do grupo agrícola. Na mesma hora em que eu estava na sala, eu estava dentro da escola, de repente: “Marlene, nós precisamos de você na cozinha!”. Aí, a Marlene corria para a cozinha. “Marlene, você tem que sair da cozinha e correr na horta!”. Então a gente estava ali num todo. E a gente começou essa trajetória, essa correria, essa participação lá em 2003 e 2004, quando a gente ainda dava aula embaixo das árvores, né? Porque a gente não queria que as nossas crianças fossem para a cidade, e a gente não tinha juventude formada. O acampamento Che Guevara, de Cascavel, tinha mais ou menos 1000 famílias. E a gente sempre pegou um jovem ou outro ali que tinha muita vontade e acabou dando certo. E aqui também, na Escola Valmir Motta, também contribuí bastante. E hoje, se eu pudesse, eu voltava para a escola, sabe, porque a escola itinerante, para mim, sei lá, é uma coisa muito boa. Eu estudei nas outras escolas, mas a escola itinerante, para mim, é uma coisa que eu gosto mesmo.

Então foi como eu já falei para você, a gente começou debaixo das árvores, lá tinha o casarão, a gente foi para o casarão, foi para a coqueira e tinha um outro barracão lá, e era dessa forma, onde dava certo, a gente estava dando aula, se o vento estava bom, a gente ia para debaixo da árvore. Se chovia, a gente procurava o casarão, o barracão para poder fazer as aulas.

Quando a gente chegou nessas terras, a gente começou a mandar as crianças para Jacarezinho. E a gente viu que não funcionou, aí a partir de um ano, aí a gente já começou a construção da escola. Tinha transporte, não era de qualidade, mas tinha o transporte, só que saía

---

<sup>148</sup> Professores da Educação Infantil, contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP).

<sup>149</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivenciam e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

de manhã. Para quem ia estudar na cidade, era uma hora. Por exemplo: saía de casa às 10h30, às 11h já estava embarcando, chegava em casa às 18h30, 19h, e, no dia em que chovia, chegava a pé em casa, e era muito preocupante para a gente, para os pais, a gente via, né, que não dava. Tomou providência para construir a nossa escola.

Em 2010, por aí, 2010, que começaram as atividades. É, já começamos assim com a Educação Infantil, o Fundamental I e II. Daí a gente já começou com o Ensino Médio, e assim por diante, e teve todos os níveis.

Eles iam passando por avaliação né, eles faziam avaliação, era na prática, na sala de aula, se adaptavam, se era aquilo mesmo que eles queriam, e se não queriam. Mas eles tiveram, assim, um período longo para eles, na construção dos outros coordenadores, das pessoas que tinham mais experiência para estarem fazendo essa preparação, para ver se era realmente o que eles queriam. Foi na faixa de 14, 15 educadores por aí, era um grupo grande de educadores, porque não era só daqui, vinha dos outros assentamentos que já tinham escola e que veio contribuir também. Eles não eram remunerados, eram todos voluntários.

Bom, hoje nós temos a mulher que trabalha na escola, concursada, né? Paga pelo estado, mas antes eram os pais, a gente fazia assim, cada dia ia um pai que ficava fazendo essa alimentação e a limpeza da escola. E, na escola, também, as próprias crianças saíam um pouquinho mais cedo, 2 minutos antes de terminar o horário, e elas têm a obrigação de pegar a sala limpinha, varrer, catar todo o lixo, organizar as cadeiras, para depois irem embora. Então, esse trabalho de dentro da sala são as crianças mesmas quem fazem. O refeitório, o banheiro e a cozinha, daí fica por conta da cozinheira, serviços gerais.

Olha a relação da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, até uns 2 anos atrás, era mais ou menos, agora eu não sei, porque eu não estou mais lá dentro. Eu não sei, mas a escola base<sup>150</sup> da nossa escola, que era de Rio Bonito do Iguaçu<sup>151</sup>, o Colégio Iraci Salete Stozak. Agora é o Colégio Marques Reis<sup>152</sup>. Enquanto era da Iraci Salete, a gente tinha uma relação muito boa e agora que é municipal aqui, Marques Reis, eu não sei como que é.

---

<sup>150</sup> Na escola base são arquivados os documentos dos educandos da Escola Itinerante e é ela responsável pelo suporte pedagógico à Escola Itinerante

<sup>151</sup> O município de Rio Bonito do Iguaçu está localizado na mesorregião do Centro Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e a uma distância de 381 km da capital Curitiba.

<sup>152</sup> Colégio Estadual Marques dos Reis, localizado em Jacarezinho, que se tornou a escola base da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, em 2019.

Eu não me lembro da quantidade de estudantes. Eu não lembro! Mas, na parte da manhã, começava às 07h30, e daí a gente tinha todo aquele tempo de formatura<sup>153</sup>, e tudo o que fazia parte da aula até às 11h30 e depois, da 13h até às 17h30.

Bom, eu acho que hoje está valendo a pena tudo, né, aquilo que a gente achava que era, difícil, que era ruim, que era triste, hoje se torna alegria, né? Porque a luta pela terra é assim: você está lutando por ela e você não sabe onde que vai ser, onde que vai chegar. E, como diz, aí a gente tem que ser perseverante. E foi muito bom, sabe, hoje eu conversei com as crianças, aquilo que a gente quase chorava, hoje é o motivo de a gente dar risada, a gente passou muita dificuldade, muito perrengue. A água, a gente tinha que ficar na fila para pegar uma vasilha de água, lavar roupa, a gente tinha que andar quase 3 km para lavar roupa. Quando tinha os despejos, a gente passava também, assim, aquele aperto. Um dia chegou um rapaz de noite e falou assim: “Olha, amanhã vocês vão ser despejados!”. Do nada, assim, né? “Não, mas a gente está bem, sabe, a gente já planta, já estamos com a nossa lavoura tudo grande!”. E, quando foi mesmo no outro dia, às 08 h da manhã, chegaram 140 policiais, com cachorro, escudo e tudo. E o que a gente foi fazer, a gente não podia mostrar fraqueza. Mas a gente estava lá tentando negociar e tudo, e eles simplesmente disseram: “Vocês têm até às 17h para sair daqui. Se não, a gente vai invadir o acampamento!”. E eles ficaram das 08 h da manhã até às 17 h. A hora que a gente estava saindo, e naquela correria, de desmancha barraco e arruma as coisas e arruma outra, e a hora de fazer comida passou, né? E a Karina estava do lado, tadinha, com uma vizinha, o que ela fez, ela sentou na beira da estrada, fez um fogo, quebrou umas espigas de milho e assou aquelas espigas de milho e deu para as crianças, e ela foi comendo milho, e com um pouco ela começou a comer o sabugo também. “Mas isso daí não é de comer, Karina!”. “Não, mãe, mas eu estou com muita fome!”. Fome e sede foi coisa que a gente passou bastante. Pra que chorar agora se a gente tem tudo isso, né? A gente está bem, tem um lugar para morar, não está cem por cento, mas eu sei que é bastante. Outra coisa, é que a gente trabalhou bastante também, eu trabalhei muito na parte da saúde, tinha um doente, eu estava lá, tinha uma mulher grávida, era comigo mesmo, né? E um dia, começou a chover muito, chover, choveu dois dias e a ponte rodou, e a mulher se arruinou para ter bebê, né? E agora, o que vai fazer? E não tinha como levar, lá vai eu fazer o parto da mulher. Então aquilo ali para mim, assim, foi uma alegria muito grande, vendo uma criança nascer na minha mão, que experiências que eu tinha. Eu via

---

<sup>153</sup> O tempo formatura é um dos primeiros momentos realizado na Escola Itinerante, quando são organizados os estudos e as tarefas na escola, é apresentada a mística do dia, são feitos os informes e é quando cantam o hino do MST. A organização da mística no tempo formatura é realizada sempre por um núcleo de base, sendo que os alunos são divididos em vários núcleos.

os antigos falarem alguma coisa e tudo mais, é, sei lá, trazer aquela vida ali nas minhas mãos, foi muito gratificante para mim. O que a gente pode fazer pelo outro, se a gente quiser fazer, quantas pessoas aí viram as costas, “aí eu não vou”, simplesmente pelo medo de errar, mas a gente não pode ter medo, a gente tem sempre, é isso, entre outras que a gente não lembra, né? Eu acho que, assim, que o motivo de a gente se alegrar com essa luta, com tudo que a gente passou, é muito bom. E hoje, pelo sistema que a gente tem, a conjectura que a gente tem hoje, a gente nem pode pensar em fazer o que fazia antes. Mas eu começaria tudo de novo, e agora com mais força. Precisa de muita perseverança, muita perseverança mesmo, porque, falando bem francamente a verdade, precisa mudar, a gente precisa mudar o sistema político, outras políticas públicas, porque não é fácil, a pessoa vai ter que ter muita força de vontade mesmo, e depois a gente está num sistema que não nos favorece, então a gente tem que ir mesmo com a nossa cara e coragem.

#### 4.4. Narrativa: Pedro Cândido do Rosário e Idiana Aparecida Rodrigues da Silva

##### Rosário

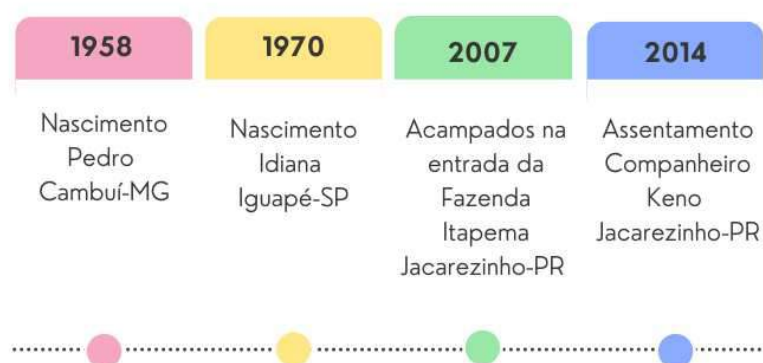
**Data da entrevista:** 18 de março de 2022.

**Local:** Assentamento Companheiro Keno.

**Tempo de duração:** Vinte e cinco minutos.

Apresentamos, na Figura 6, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida dos colaboradores até sua chegada no Assentamento Companheiro Keno.

**Figura 6:** Linha do tempo Pedro Cândido do Rosário e Idiana Aparecida Rodrigues da Silva Rosário





**Fonte:** Produzida pelo autor

**Idiana:** Meu nome é Idiana, tenho 53 anos<sup>154</sup>, sou de Iguapé<sup>155</sup>, perto de Ibaiti<sup>156</sup>.

**Pedro:** Eu sou o Pedro, nascido em Cambuí Minas Gerais<sup>157</sup>, morei uns tempos em Campinho<sup>158</sup>, perto de Ibaiti, e vim pra cá. Até quando nós saímos de Ibaiti foi a ideia de acampar, né, nós fomos acampar lá em Curiúva<sup>159</sup>, aí nós ficamos lá uns sete, oito meses e fomos para “Monte Verde<sup>160</sup>”, lá foi invadido por um tal de Pedrinho da Bandeira Branca<sup>161</sup>. Daí ficamos um ano e mais um pouco acampados, um pouco no lote medido por corda, mas eu não lembro o nome da Fazenda, aí fomos despejados, ficamos numa fazenda que tinha saído lá já, de assentamento, como é o nome de lá mesmo, bem?

**Idiana:** Cambé<sup>162</sup>.

**Pedro:** Cambé. Depois, o Raul<sup>163</sup>, quando estava ali na beira da estrada, ali de frente à Itapema<sup>164</sup>, eles foram buscar a gente lá, daí vinha gente, depois foi buscar mais gente, vinha, aí depois nós resolvemos vir pra cá, ficamos um tempão, um ano e pouco ali na beira da estrada, na frente da Itapema. Entramos na Itapema de dia, ali já foi desapropriada, e depois ficamos muito tempo ali embaixo, seis anos e pouco ali, aí depois o Incra<sup>165</sup> negociou a fazenda aqui<sup>166</sup>, e depois nós conseguimos o lote e viemos para cima.

---

<sup>154</sup> Idade da colaboradora à época da entrevista (18/03/2022).

<sup>155</sup> O município de Iguapé está localizado na mesorregião do Litoral do Sul Paulista, microrregião Iguapé, a distância de 201 km da capital São Paulo.

<sup>156</sup> O município de Ibaiti está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião Ibaiti, a distância de 291 km da capital Curitiba.

<sup>157</sup> O município de Cambuí está localizado na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, microrregião Pouso Alegre, a 451 km da capital Belo Horizonte.

<sup>158</sup> O município de Campinho está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Araçongas, a uma distância de 380 km da capital Curitiba.

<sup>159</sup> O município de Curiúva está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião Ibaiti, a uma distância de 287 km da capital Curitiba.

<sup>160</sup> O distrito de Monte Verde, pertencente ao município de Camanducaia, está localizado na mesorregião do Sudoeste de Minas Gerais, a 568 km da capital Belo Horizonte.

<sup>161</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>162</sup> O município de Cambé está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Londrina, a distância de 397 km da capital Curitiba.

<sup>163</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>164</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho, pertencente a mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>165</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

<sup>166</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho.

**Idiana:** Isso mesmo!

**Pedro:** Na época que fomos da beira da estrada, nós entramos na fazenda, fomos acampados lá, sim! Só na Itapema, aqui viemos direto para o lote já. Daqui, na época, nós ficamos na beira da estrada lá, tinha umas trezentas famílias né, bem?

**Idiana:** Mais, mais.

**Pedro:** Da ponte até o eucalipto, lá em cima na Itapema, umas trezentas e poucas famílias.

**Idiana:** Umas duzentas a quatrocentas, por aí!

**Pedro:** Todas as famílias foram embora. Daí, quando nós... é que a pessoa vinha acampando, na beira da estrada, e muito deles iam embora, aí depois que entraram na fazenda Itapema, daí onde era o Raul, dividiu um pouco o pessoal na Itapema, e um pouco aqui, só que aí era perto ainda, só que dividiu, depois que veio o MST<sup>167</sup> mesmo. O Raul era Bandeira Vermelha, mas só que o mandachuva mesmo era o MST. Daí vieram, arrancaram o Raul, aí muita gente foi embora, pessoas acampadas foram embora, e depois acampado da Itapema lá, e daqui também, não tinha dado certo a fazenda ainda. Aí, depois que mediram a terra, ficou pouca gente da Itapema e aqui os mais velhos ficou bem pouquinha gente.

**Pedro:** Na época em que chagamos aqui<sup>168</sup>, muitas crianças precisavam de acesso à escola.

**Idiana:** Eram muitas crianças.

**Pedro:** Na época de beira da estrada, as crianças iam estudar lá em Jacarezinho<sup>169</sup>, na beira da estrada não tinha nada de escola lá embaixo. Vinha um ônibus em cada horário, vinha cedo, levava, aí 12h00 trazia e levava outra turma outra vez, aí 18h00 trazia outra vez de volta. Quando teve a Itapema, eu acho que foi bom por que eu tenho um casal, antes eram crianças, né, tinha um casal, uma menina e um moleque, e eles estudaram aí na Itapema, e eles iam para

---

<sup>167</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>168</sup> Na Fazenda Itapema.

<sup>169</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e está a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

Jacarezinho quando nós estávamos na beira da estrada, aí depois que entrou o pessoal do MST, eles fizeram a escola ali em baixo.

O que eles falavam, geralmente, era que em todo acampamento, assentamento, tinha a escola do MST, isso que eu lembro que eles falavam. Quando nós estávamos na Itapema, na beira da estrada, eles estudavam em Jacarezinho, não tinha escola ainda na Itapema. Isso aí sempre acontece, né, isso aí acontece, aqui na Itapema mesmo, os professores queriam ajudar os alunos, mas os alunos eles não entendiam bem, né?

Agora não participo de mais nada, né, porque, quando os alunos, as crianças estavam estudando, o Alex Sandro uma época, meu filho, queria estudar no Campinho, de onde nós viemos, Campinho lá perto de Ibaiti, daí ele foi terminar o estudo lá. Aí, ele terminou os estudos lá, veio para cá, a Fabíola casou e foi para Curitiba<sup>170</sup>, hoje ela está terminando os estudos, falta um ano só. Ela trabalha durante o dia e à noite, na parte da noite, ela estuda.

**Idiana:** E o Alex Sandro estava estudando pra lá, terminou, trabalhou, terminou os cursos dele e veio passear pra cá, aí vai para Curitiba de volta.

**Pedro:** Lá na fazenda Itapema, ajudamos no começo a construir a escola.

**Idiana:** Ajudou, todo mundo ajudou um pouco.

**Pedro:** O pessoal de baixo ajudava, o pessoal de cima ia para ajudar lá, a construir a escola. Foi o pessoal da organização do Movimento mesmo que teve a ideia de construir a escola no local onde está hoje. Lá, eles acharam que foi o melhor lugar, e foi o melhor mesmo! Quase na chegada da fazenda, foi um lugar bom. Eu não tenho muita lembrança de como conseguiram os materiais para construir a escola. Eu acho que foi a prefeitura que deu. As primeiras aulas na Itapema, foi lá na escola mesmo. Todos nós ajudamos, ia um dia, dois dias ou três dias por semana cada um. Construiu a escola, daí começaram as aulas na escola mesmo. Foi começado e terminou. Lá eu acho que fomos todos nós ajudando, acho que foi um ano mais ou menos, né? Acho que não chegou a um ano.

**Idiana:** Ah, eu nem estou lembrado muito, não.

---

<sup>170</sup> Capital do estado do Paraná.

**Pedro:** Lá era tudo de madeira, né? Madeira foi rápido.

**Idiana:** Aí tinha várias professoras que eu lembro: tinha a Silvana<sup>171</sup>.

**Pedro:** Tinha os professores da cidade de Jacarezinho, Ourinhos<sup>172</sup> e professor lá de baixo mesmo, acampado mesmo.

**Idiana:** É isso aí já tinha a pessoa adequada para ir lá, tinha três pessoas pela manhã, três pessoas à tarde.

**Pedro:** É isso aí, tinha as mulheres que cozinhavam e a limpeza da escola até meu filho ajudou a fazer, tinha que ajudar na limpeza, meu filho ajudava, e minha filha também ajudava, eles eram obrigados a ajudar, os alunos ajudavam a limpar a escola. Não tem nada a ver, né? Não precisa isso, né? Eles faziam ajudar.

Eu acho que tem diferença, né, tem muita diferença da escola aí do acampamento do acampado da escola da cidade, a diferença é grande. Aí teve muita mãe e pai que tirou os alunos daí e levou para a cidade. Aí eles ensinam mais sobre terra, e na cidade não, na cidade eles ensinam o ensino verdadeiro mesmo. Aí, se a pessoa vai fazer um curso ou procurar um emprego, lá eles não querem saber o ensino de terra, eles querem saber o ensino verdadeiro mesmo, né?

**Idiana:** Nossa chegada foi uma surpresa, porque nós chegamos na beira da estrada, foi assim, bem em quinze minutos um sol lindo, aí quando nós arrumamos o barraco lá, veio uma chuva em cima, sabe (risos), derramou chuva por cima das coisas todas.

**Pedro:** No início,

**Idiana:** Foi difícil, viu?

**Pedro:** No início da pessoa ser Sem Terra, eu falo, hoje eu ainda estou no Sem Terra, estou assentado, mas eu não aconselho ninguém vir para o Sem Terra acampar, não! É muito sofrimento, demais, é praticamente quase que uma miséria. E o Sem Terra, na época do Raul

---

<sup>171</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>172</sup> O município de Ourinhos está localizado na mesorregião de Assis, microrregião de Ourinhos, e está a uma distância de 372 km da capital São Paulo.

mesmo, eles não deixavam a gente trabalhar, mesmo se fosse um servicinho, eles não deixavam, só que tinha alimento, tinha alimento, tinha a prefeita<sup>173</sup>, se faltasse ela ajudava. E daí quando chegou o MST, daí deixava trabalhar, só que o alimento não tinha, era cinco, seis meses, vinha uma cesta básica. Ainda bem que deixava trabalhar, e se acabasse o serviço também. A situação do Sem Terra acampado é difícil. Igual você acha muito lugar pessoa que está acampada a situação está bem, está bem a situação, ela está acampada, mas a situação é muito boa. E a pessoa que vem numa miséria danada, ela pedala, sofre mesmo.

**Idiana:** Não é fácil, não!

**Pedro:** Porque, até agora, nós estamos aqui vai fazer cinco anos, quase seis anos já, nem o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), ajuda não tivemos ainda. E agora que está para vir o PRONAF, o PRONAF vai vir fazer um projeto, agora que vai vir um projeto aí, já era pra ter vindo há tempo, praticamente não tem ajuda nenhuma. O PRONAF a gente escolhe um projeto né, daí vem o dinheiro para aquele projeto, se é para lavoura, uma granja de porco ou café, vem aquele dinheiro pra fazer aquele projeto.

**Idiana:** Isso.

**Pedro:** Eu não tenho muitas outras recordações sobre a época do acampamento, o passado foi muito difícil!

**Idiana:** É, tem uma parte que é de sair nos lugares, né, que no começo tinha que ter os grupos, então nunca podia dizer não, aí eles marcavam tudo em um caderninho.

**Pedro:** E isso eu concordo que é errado, desde a pessoa acampada, se eles falassem: “vai lá para Curitiba”, seu nome está para ir para Curitiba, já marcava, se falasse não, não ia, mas ia marcando, marcando, e aí se saísse a terra ele não pegava. Era obrigado a ir e, por exemplo, se vai invadir uma fazenda, a maioria das pessoas que vai junto com a direção invadir a terra, muitos deles não querem ir, mas são obrigados a ir! Se não for, já é expulso, o negócio, o Sem Terra é desse jeito. Tem o grandão lá que quer ser o mandachuva e põe os coitados na frente. A maioria não quer fazer isso, mas te obriga a ir, por causa deles, eles querem, e vai mesmo.

---

<sup>173</sup> Tina Toneti, prefeita eleita por dois mandatos no município de Jacarezinho.

**Idiana:** Essa parte que é difícil, só que lá tinha, para comer, tinha o melhor, tinha café da manhã, almoço, café da tarde, janta, isso daí, essa parte aí, para sair longe, não tinha o que reclamar, não.

**Pedro:** Tinha vez que tinha que pagar, sim, e mesmo que a gente saia hoje para tal lugar, daqui uns dias tinha tal lugar para ir, daí a gente não precisava ir, mas tinha que dar o dinheiro para cobrir para outra pessoa ir no ônibus, mesmo que não fosse tinha que ajudar a viagem.

Aí ficamos muito tempo debaixo de lona, desde Itapema, desde lá de Curiúva, fomos Curiúva, Monte Verde, vimos de beira de estrada, aí entramos ali na Itapema, aqui fizemos a casinha, mas até aqui foi só lona. Ali na beira da estrada ficamos mais ou menos um ano e pouco, para entrar dentro da Fazenda Itapema. Aí na Fazenda Itapema, ficamos acho que uns cinco anos e pouco, seis anos, né, Idiana?

**Idiana:** Isso mesmo!

**Pedro:** Cinco anos e pouco, seis anos. Daí veio o Incra, negociou a fazenda com o fazendeiro, mas só que não veio medir, só negociou, não veio medir. Só que depois, daí mediu, pegamos o papel, o documento certinho, nós sabíamos que tinha um lote, só não sabia onde que era, aí depois que vieram medir a gente sabia onde que era.

**Idiana:** Ainda demorou uns três anos ainda pra saber o número do lote, uns três, quatro anos ainda. Aí que nós fomos ver o número do lote, para a gente vir pra cima<sup>174</sup>. Se não, era para estar mais tempo em cima do lote.

**Idiana:** Eu estudei na escola.

**Pedro:** Ela frequentou um tempinho!

**Idiana:** Eu frequentei, eu tinha parado na quinta, né, aí eu fiz a sexta, oitava, nono, o primeiro, segundo, faltaram três matérias para terminar o segundo. Eu gostei muito, gostava, nossa, foi muito bom. Me ajudou muito.

---

<sup>174</sup> Seu Pedro e dona Idiana, são moradores do Assentamento do Companheiro Keno, localizado na Fazenda Cambará, e está a uma distância de 3 km da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Pedro:** Foi ótimo, né, no caso porque nosso desejo mesmo era o lote, daí veio o pessoal do Incra lá tirar foto da família inteira, do filho, da mulher, do marido, da família inteira, aí depois levaram o cadastro para Curitiba fazer a avaliação, e daí, antes disso, a direção do MST perguntou quem que queria ir para cima e quem não queria. E quem quisesse vir, já colocavam que vinha, daí na avaliação do MST passavam, daí tinha que passar na avaliação do Incra, daí o Incra veio fez o cadastro e levou para Curitiba, daí se não desse problema nenhum, passava. Nós passamos, aí várias famílias lá embaixo passaram na avaliação do MST e do Incra e daí ganharam o lote.

**Idiana:** Tinha essa parte, quem ficasse lá embaixo, ficava lá embaixo, né<sup>175</sup>? E quem ficasse aqui em cima ia ficar aqui em cima<sup>176</sup>! Então, como que faltaram mais umas dez, treze pessoas, daí eles escolheram as pessoas de lá para por aqui. Se não, nós estaria lá. Então, a nossa emoção que nós conseguimos o lote de terra, aí o dia que viemos aqui foi a maior alegria nossa, para mim foi especial.

**Pedro:** Aqui, nós estamos aqui já faz uns seis anos já!

**Idiana:** Não, faz mais, sete anos.

**Pedro:** Não faz! Cinco, seis anos, que conseguimos esse papel. Em 2014, nós estávamos lá embaixo, na Itapema. Pegamos em 2014, daí demorou um tempinho para medir o lote, nós sabíamos que tinha o lote, só não sabíamos onde que era. Aí mediu, aí nós já viemos para cima.

**Pedro:** Hoje em dia, produzimos aqui no lote soja, milho, mandioca.

**Idiana:** Nós plantamos de tudo um pouco, mamão, abacate e temos as nossas criações como: porco, galinha.

---

<sup>175</sup> Na Fazenda Itapema.

<sup>176</sup> As duas Fazendas (Itapema, referida por “embaixo”, e Cambará, referida por “em cima”, pela localização geográfica) estavam em processo de desapropriação, para realização da reforma agrária e posterior assentamento das famílias. À época, havia uma expectativa que a Fazenda Itapema demorasse menos que a Fazenda Cambará para ser desapropriada, cerca de seis meses. Por essa razão e considerando a localização e infraestrutura (com acesso à água encanada), a comunidade decidiu por realizar a construção da escola na Fazenda Itapema.

**Pedro:** Essas pessoas, por exemplo, igual nós e várias pessoas, eles falavam quem quer ir para cima, aí dava o nome, passava pela avaliação do MST. Nós passamos pela avaliação do Incra, daí ficou certo já para vir pra cima, daí quando saiu o lote, nós viemos para cima e ficamos acampado um tempinho ali na sede, para virmos para o lote. Aí depois, faltaram umas pessoas aqui no lote, e eles escolhiam as pessoas que queriam vir aqui para cima, lá de baixo, aí eles falavam quem queria ir, a pessoa que queria, daí fazia a avaliação com a pessoa, daí passava na avaliação, conseguia o lote aqui! Foi desse jeito.

**Idiana:** Foi isso mesmo! Foi a parte mais orgulhosa da minha vida!

#### 4.5. Narrativa: Jonathan de Campos Meireles

**Data da entrevista:** 25 de março de 2022.

**Local:** Biblioteca da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Tempo de duração:** Trinta e cinco minutos.

Apresentamos, na Figura 7, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida do colaborador até sua chegada na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Figura 7:** Linha do tempo Jonathan de Campos Meireles



**Fonte:** Produzida pelo autor



Meu nome é Jonathan, tenho 22 anos<sup>177</sup>, eu vim de Cascavel<sup>178</sup> para Jacarezinho<sup>179</sup>, minha trajetória, assim, na escola começou em 2016, 2017, quando eu fui convidado para vir ajudar aqui, para auxiliar na escola, e, como eu estava ajudando aqui na escola, eles me indicaram para fazer um curso de Pedagogia pelo Movimento. E, agora, eu estou no 3º ano do curso já e, atualmente, estou como educador<sup>180</sup> na escola, ajudando na Educação Infantil. Eu comecei, como um auxiliar, né, para ajudar na Educação Infantil, porque, em 2017, era uma turminha bem grande e, daí, eles pediram para mim se eu queria ajudar. Hoje em dia já estou dando aula, estou apenas há um ano na Educação Infantil. Eu ajudo também nas coisas necessárias para funcionamento da escola, quando precisa, por exemplo, mexer na documentação, entre outras coisas.

O nosso curso lá, pelo Movimento<sup>181</sup>, de Pedagogia funciona por alternância, a gente vai lá, faz uma etapa e volta, faz os nossos trabalhos tempo com a comunidade, que a gente tem que vivenciar esse momento de estar na escola, de aprender mesmo. E o curso nosso, que a gente tem lá, ele foge um pouco, assim, da Pedagogia tradicional, ele é voltado mais para a educação do Campo. Tanto é, que o nome do curso é Pedagogia do Campo, pelo Movimento, na Unicentro<sup>182</sup> de Guarapuava<sup>183</sup>. Cada etapa dura na base de um mês, aula em tempo integral.

Eu lembro que a gente se mudou para Cascavel, para o Acampamento 1º de agosto. A gente morava no Paraguai, daí minha vó já estava morando no Acampamento dela, aí ela convenceu a gente de mudar para o Acampamento. Mas eu lembro que a chegada foi muito estranha, porque a gente estava acostumado a morar em fazenda, meu pai trabalhava na fazenda e tudo. Daí, você chegar num lugar, morar num barraco, é muito estranho. A gente era acostumado, assim, criança né, com televisão, rádio, banho quente, tudo, né, tudo mordomia, aí chegar no Acampamento, sem luz, sem televisão, ter que tomar banho de canequinha, foi algo bem diferente. Nos primeiros dias, foi estranho, depois começou a chegar e conhecer a

---

<sup>177</sup> Idade do colaborador à época da entrevista (25/03/2022).

<sup>178</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

<sup>179</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>180</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP). Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

<sup>181</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>182</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste.

<sup>183</sup> O município de Guarapuava está localizado na mesorregião Centro Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e a uma distância de 256 km da capital Curitiba.

“parentaiada” que morava lá também, daí melhorou a situação. Assim, morar no Acampamento 1º de Agosto, que era um acampamento bem grande, com bastante criança.

Eu basicamente não tive participação quando eles fizeram a ocupação das terras aqui. Porque primeiro vem uma família, uma família não, vem um povo para ocupar, depois que foi chamando o pessoal que estava mais, assim, vamos dizer, os mais velhos de acampamento, né, para se juntar à luta aqui, para conquistar a terra. Eu estava lá em Cascavel e a gente estava acampado desde 2004. Daí, em 2008, teve a convocação para a gente vir para cá<sup>184</sup>. Eu moro em acampamento desde os meus cinco anos, 2004.

Eu cheguei aqui<sup>185</sup> em 2008, mas eles já tinham o Acampamento na estrada antes. Quando eu cheguei aqui, eles já não estavam mais na estrada, já estavam nesse local mesmo. Daí, depois que a gente chegou aqui, não sei se foi em agosto, não me lembro direito, eu lembro que a gente estudou algum período na cidade ainda, foi coisa de um mês, até que foi feita a escola, de forma improvisada mesmo, a gente estudava, tinha a sala lá embaixo no barracão, tinha turma no casarão, tinha várias salas improvisadas, enquanto isso, estava sendo construída esta daqui.

Foi em 2008 mesmo que começou a ter aula aqui, porque era uma necessidade, né? Eu lembro, na época, a gente ia estudar na cidade e tinha muito aquilo do preconceito contra nós, né, porque nós éramos do Movimento. Daí, tanto do pessoal mesmo daqui, que morava já na fazenda, que trabalhava na fazenda, filhos dos empregados, acabava tendo esse preconceito contra nós, porque a gente era do Movimento. Daí, veio essa necessidade de criar a escola aqui. Eu acho que ela começou a funcionar no finalzinho de 2008 para 2009 mesmo. Eu lembro da minha turma, eu estava no 4º ano, na época. Minha primeira sala foi lá no casarão e nossa turma era enorme, porque tinha muita criança, eu acho que tinha mais de 20, 25 alunos na sala, aqui tinha muita criança, por isso essa necessidade de ter uma escola aqui. Mas as primeiras aulas foram em salas de aulas improvisadas.

Eu lembro que, quando foi fazer a construção da escola, foi organizado e tanto o pessoal lá de cima, como o pessoal daqui, da Fazenda Itapema. Inicialmente, eram somente essas seis salas, com a secretaria e o refeitório. Não tinha a biblioteca ainda, a biblioteca era lá embaixo, onde tem aquela casa amarela ali. Basicamente foi isso, foi a união dos dois Acampamentos e a necessidade de ter uma escola, para depois ser construída aqui.

Os materiais para a construção da escola foram por meio de luta para conseguir a doação dos materiais, que eu lembro assim. Até que, depois de um tempo, ficou bastante tempo sem

---

<sup>184</sup> Para Jacarezinho.

<sup>185</sup> Na Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho.

ser reformada essa escola, porque não conseguia mais os materiais. A última reforma faz tempo que aconteceu, agora que a gente está conseguindo novamente reformar a escola, porque é mais por causa do pessoal do Assentamento<sup>186</sup> e do Acampamento<sup>187</sup> mesmo, porque, se for esperar pelos políticos ou por alguém, nossa escola não iria ser reformada nunca mais. Para reforma, estamos usando esses eucaliptos que foram retirados daqui, fizeram tábuas com eles.

No primeiro dia de aula, foi o que a gente costuma fazer sempre, né, que é uma apresentação, é conversar sobre o quão importante era ter uma escola dentro do Acampamento. E foi basicamente isso o primeiro dia de aula.

Assim, o número de crianças que precisavam de acesso à educação no início eu não lembro, mas era bastante criança, bastante, eu lembro que, na época, eu acho até que tinha EJA<sup>188</sup>. Tinha o EJA ainda, porque tinha um pessoal maior de idade que queria estudar, né, daí via a necessidade de estudar e ainda a aula era à noite, que é um horário bom para eles, porque eles trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Mas tinha bastante gente, porque eram dois Acampamentos, né, aqui e lá em cima. Então eram muitas famílias, era bastantes pessoas. Eu não lembro, mas veio bastante gente de Cascavel. Eu tinha nove anos na época que viemos para cá.

Teve bastante família que, assim, durante esse processo de luta, alguns acabam se cansando, né, daí eles acabam se mudando para outro lugar, ou é acostumado com a região e volta. Por exemplo, eu falo assim por questão de parentes meus, minha tia não se acostumou com a região daqui, ela era de Cascavel, ela gostava daquela região de Cascavel, Foz do Iguaçu<sup>189</sup> ali. Então, ela ficou um ano aqui e acabou voltando para lá. Eu creio também que tenha outras famílias assim, que deixaram o Movimento e não faz mais parte aqui. Inicialmente, vieram para cá, mas, agora, eu acho que nem fazem mais parte do Movimento. Nós chegamos aqui em 2008 e o sorteio dos lotes foi em 2014.

Em questão aos educadores, a gente vê quem está disposto a contribuir e que tenha uma ligação com o Movimento, né, que entenda a nossa proposta, saber que a pessoa está na luta. No início das aulas, quando tínhamos aulas em locais improvisados, eu não lembro o número exato de educadores, mas eu me recordo que tinha bastante.

A documentação da escola, eu acho que quem organiza é basicamente a equipe pedagógica aqui da escola, mas os educadores dão uma ajuda também. Em questão de limpeza,

---

<sup>186</sup> Assentamento Companheiro Keno.

<sup>187</sup> Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

<sup>188</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>189</sup> O município de Foz do Iguaçu está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Foz do Iguaçu, e a uma distância de 636 km da capital Curitiba.

nesses últimos tempos, quem está fazendo são pessoas da comunidade mesmo, elas vêm, elas lavam o banheiro, limpam as mesas, de sexta-feira. Na última sexta-feira, foi feita até uma limpeza nas salas, o pessoal lavou as salas, organizou tudo certinho, então o pessoal da comunidade mesmo que vem fazer esse serviço. Para fazer a limpeza, eu acho que, quando tem reunião dos grupos aqui no Acampamento, eles fazem essa divisão, porque sempre quem está vindo é uma pessoa de grupo diferente, então acho que eles fazem essa divisão nos grupos.

O acesso ao material didático, eu acho que quem fornece o básico para a gente, um pouco é o estado. Mas é bem básico, básico mesmo, que aqui a gente sofre um pouco com a questão de materiais. Os educadores aqui da escola hoje são remunerados, porém, no início, eram todos voluntários, os educadores que ajudam nas salas de aula como ajudante, eles recebem um salário simbólico, porque é válido como se fosse um estágio.

Eu não sei como anda essa relação do nosso colégio com o Colégio Marques dos Reis<sup>190</sup>, mas eu acho que está tendo uma boa relação, por ser um colégio próximo. Dá para o pessoal da equipe da coordenação ir ali fazer uma reunião com eles. Eu acho que a coisa, assim, mais difícil mesmo é eles entenderem um pouco da nossa proposta, né, porque o Colégio Iraci<sup>191</sup> é um colégio do Movimento, então ele já sabe como funciona a nossa proposta, tudo certinho, daí mudar para outro colégio que não entende muito bem como funciona, daí eu acho que teve só essa quebra, assim.

Em questão dos ciclos de formação, são três ciclos: tem o ciclo único (que é a Educação Infantil), o 1º ciclo que é o 1º, o 2º e o 3º ano do Ensino Fundamental, e o 2º ciclo que é o 4º e o 5º ano do Ensino Fundamental. Daí funciona assim, por exemplo: uma criança tem no 1º ciclo três anos para aprender aquilo que está dentro da proposta do ciclo, certo? Então, ela vai fazer o 1º ano, ela vai fazer o 2º ano, ela vai fazer o 3º ano, caso ela tenha dificuldade de enfrentar o 2º ciclo, daí a gente retém<sup>192</sup> ela, só isso. Mas ela tem esses três anos para a gente ver se ela vai avançar, quais são as dificuldades dela.

Com relação à avaliação, a gente entende que esse sistema de nota, dar número para as crianças, eu acho meio ruim, né, porque os alunos ficam lá: “Ah, eu sou nota 10, e você é 2”. Quer dizer que a outra é bem superior, isso se dá na criança também, ela falar eu sou melhor

---

<sup>190</sup> Colégio Estadual Marques dos Reis, localizado em Jacarezinho, que se tornou a escola base da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, em 2019.

<sup>191</sup> Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizado no município de Rio Bonito do Iguçu.

<sup>192</sup> “Como não há reprovação, ao final do ciclo, os educandos que não se apropriaram dos conhecimentos necessários são encaminhados para o ciclo seguinte, porém terão de, paralelamente, frequentar a classe intermediária, em contraturno” (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019, p. 271).

que você então. Com o parecer descritivo<sup>193</sup>, a gente analisa tudo o que a criança aprendeu, a escrita, a leitura, se ela tem uma boa coordenação. Por exemplo, na Educação Infantil, eu avalio a coordenação motora dela, eu avalio o comportamento, eu avalio se ela está tendo noção de higiene, tudo. A gente avalia através do parecer, não tem como eu dar uma nota em questão de higiene pessoal dela, ela está 7,5, em vez disso, eu vou descrever como ela está.

Com o retorno depois da pandemia, a gente notou que a educação a distância não funciona, porque você pegar, por exemplo, um aluno que, em casa, fazia todas as atividades certinho, aí você passava a mesma atividade para ele aqui na escola, ele não sabia responder, então quer dizer que você estando presencial ali, você consegue avaliar como que está a evolução do aluno, qual é a dificuldade dele. Então é isso, a educação a distância não funciona, pelo menos com as crianças, não funciona. Agora, com os adultos dá.

Foi definido para esse ano que trabalharemos com os núcleos setoriais<sup>194</sup>. Vai funcionar a equipe de Comunicação e Cultura, a de Memória, a de Finanças, a de Embelezamento, neste primeiro semestre, né? No segundo semestre, eles vão avaliar se dá para incluir os outros núcleos.

Dentro do Movimento, eu acho que o que me marcou bastante são as vivências e a gente ter a oportunidade de estudar perto de casa, ter a oportunidade de pegar e frequentar, por exemplo, a Jornada de Agroecologia, são coisas que o Movimento proporciona para a gente, que é incrível, ir à Jornada de Agroecologia, ir ao Festival de Artes. Quando a gente faz esses encontros, conhece pessoas de outros lugares, é incrível, coisas que a gente não teria oportunidade de fazer se estivesse fora do Movimento.

Quando a gente ganhou nosso lote de terra, a gente ficou muito feliz, né, porque, quando que a gente iria imaginar de ter nossa terra. Porque, no Brasil, para pobre a terra é cara, infelizmente, e daí você, mesmo que foi dura a luta, foi dura, muito dura, mas, mesmo assim, o resultado foi incrível, você ter a sua terrinha, ter um lugar para morar, é muito gratificante, a gente ficou muito feliz.

Eu lembro que a principal dificuldade que eu passei foi no tempo de lona, era quando chovia, fazia vento, você ver, às vezes, não aconteceu com a gente, mas, por exemplo, você ver o barraco do vizinho voando, é doído, e também a questão de morar no Acampamento. Aqui

---

<sup>193</sup> “O parecer descritivo descreve com fundamento científico os conhecimentos trabalhados e os objetivos previstos em cada período. É o documento oficial do resultado da aprendizagem” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 44).

<sup>194</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivenciam e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

no Acampamento<sup>195</sup>, a gente tinha água encanada, mas, no Acampamento 1º de Agosto<sup>196</sup>, não, daí ver, a gente com nove, dez anos, ver sua mãe andar um quilômetro para buscar um balde de água, era sofrido, para lavar roupa, fazer o almoço, essas coisas.

O pessoal do Assentamento<sup>197</sup> ajuda o pessoal do Acampamento<sup>198</sup>, eles ajudam aqui na escola também, porém, por ser assentado, ele faz a luta também, só que muitos já estão um pouco desgastados, né, muito tempo de estrada, daí acaba tendo um vínculo entre os dois, porque os dois são o Movimento, só que o pessoal se ajuda, só que tem aqueles que estão mais acomodados e tem aqueles que estão agora fazendo a luta deles mesmo. O objetivo é conquistar essa área aqui também, mas tem uma ligação entre os dois. Aqui, eu julgo que a umas 60 famílias.

Dentro do Movimento, eu estou realizando o meu sonho que era conseguir entrar em uma universidade, eu consegui graças ao Movimento, porque eu já tinha tentado antes e, infelizmente, não tinha conseguido entrar na universidade, mas o Movimento abriu a porta, eu consegui entrar, estou realizando o meu sonho de cursar Pedagogia, e meu sonho é que mais pessoas consigam, né, porque é muito gratificante fazer um curso pelo Movimento, e que mais pessoas tenham essa oportunidade de estudar. Para as pessoas que estão acampadas agora, dizer que a luta é difícil mesmo, mas que o resultado da luta vale a pena, chegar no seu tão sonhado lote, nas nossas conquistas.

#### **4.6. Narrativa: Franciela Ferreira Machado**

**Data da entrevista:** 08 de abril de 2022.

**Local:** Biblioteca da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Tempo de duração:** Trinta e cinco minutos.

Apresentamos, na Figura 8, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida da colaboradora até sua chegada no Assentamento Companheiro Keno.

---

<sup>195</sup> Acampamento Valmir Mota de Oliveira, localizado na Fazenda Itapema.

<sup>196</sup> Localizado no município de Cascavel.

<sup>197</sup> Assentamento do Companheiro Keno.

<sup>198</sup> Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

**Figura 8:** Linha do tempo Franciela Ferreira Machado

**Fonte:** Produzida pelo autor

Meu nome é Franciela Ferreira Machado, tenho 19 anos<sup>199</sup>, nasci no município de Tamarana<sup>200</sup>, mas fui criada em Ortigueira<sup>201</sup>. E lá começou a minha trajetória dentro do MST<sup>202</sup>. O primeiro Acampamento em que eu morei foi o Antônio Tavares, em Ortigueira, e o segundo foi o 1º de agosto, em Cascavel<sup>203</sup>. Morei em Ortigueira durante uns dois anos e, depois, fui para Cascavel. Fiquei um ano e meio com minha família no acampamento e, a partir de lá, viemos para Jacarezinho<sup>204</sup>, no ano de 2008, por aí, se eu não me engano.

Estudei minha vida toda aqui na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, desde a primeira série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, terminei, me formei e, hoje em dia, faço o curso de Pedagogia do Campo na Universidade Estadual do Centro-Oeste<sup>205</sup> e trabalho na minha antiga escola como auxiliar de bibliotecária, na parte da tarde, e, de manhã, eu

<sup>199</sup> Idade da colaboradora à época da entrevista (08/04/2022).

<sup>200</sup> O município de Tamarana está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião Londrina, e a uma distância de 414 km da capital Curitiba.

<sup>201</sup> O município de Ortigueira está localizado na mesorregião Centro Oriental Paranaense, microrregião de Telêmaco Borba, e a uma distância de 217 km da capital Curitiba.

<sup>202</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>203</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

<sup>204</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>205</sup> O município de Guarapuava está localizado na mesorregião Centro Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e a uma distância de 257 km da capital Curitiba.

contribuo na sala do primeiro ciclo<sup>206</sup> com a educadora<sup>207</sup> regente. Para mim, eu vejo, está sendo como um estágio eu coloco as minhas práticas em ação, o que eu aprendi e que venho aprendendo no meu curso e sempre tenho ajuda da coordenadora e da educadora regente que fica na sala. Eu ganho uma porcentagem por conta do trabalho que realizo dentro da escola. O estágio mesmo vai ser só no quarto ano, daqui a um ano e meio ainda. Mas o que eu estou aprendendo aqui já é válido como um estágio, pois são muitas trocas de saberes, de ensinamentos e aprendizagens, por isso está sendo importante para mim poder contribuir na escola.

A minha chegada, a minha história começou lá em Tamarana, mas minhas lembranças começam mesmo a partir de Ortigueira. Naquela época, ainda não tinha escola no Acampamento, eu tinha que estudar na cidade. Então, sempre eu mais um primo meu fazíamos o mesmo trajeto escolar. Estudávamos de segunda a sexta-feira e era bem complicado, porque éramos duas crianças misturadas entre os jovens, além também dos perigos. Porque, imagina, a gente tinha que sair do Acampamento para ir para estudar na cidade e, às vezes, a gente chegava lá e não era o que nós pensávamos. E daí, depois que a gente foi embora de lá, fomos para Cascavel e lá foi a minha primeira experiência e o meu primeiro contato com uma escola do campo, com uma escola do nosso Movimento, onde era uma realidade totalmente diferente. Porque todo dia você tinha que estar lá e cantar o hino do MST, falar o nosso grito de ordem<sup>208</sup>. E o MST também foi uma coisa nova para mim. Eu não conhecia muito bem o MST e lá comecei a ter contato com o Movimento, com as escolas itinerantes, com as crianças. Quando saí de lá, e vim para Jacarezinho, eu comecei a me inserir mais no nosso Movimento, tanto eu, quanto a minha família. Eu comecei a sair para encontros, conhecer mais. Desde que eu cheguei aqui, eu pude me aprofundar mais ainda.

Lembro que a saída de Cascavel para Jacarezinho, a gente veio de ônibus e nossas coisas vieram de caminhão. E de Ortigueira para Cascavel, foi um pouco mais complicado, pois viemos de caminhão e junto vieram nossas mudanças e mais os animais domésticos. Eu lembro

---

<sup>206</sup> Os Ciclos de Formação Humana são divididos por agrupamento das idades, sendo que a Educação Infantil é um ciclo único que atende crianças de 4 e 5 anos; o Ciclo I do Ensino Fundamental atende crianças de 6, 7 e 8 anos; o Ciclo II atende os estudantes de 9, 10 e 11 anos; o Ciclo III atende os estudantes de 12,13 e 14 anos; e o Ciclo Único do Ensino Médio atende os estudantes de 15, 16 e 17 anos.

<sup>207</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP). Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

<sup>208</sup> Geralmente, as palavras do grito de ordem são palavras que “têm aspecto de animação e principalmente de identificar os propósitos de luta do movimento ao identificar os opositores e chamar para a luta os trabalhadores que participam”. (VIEIRA, 2008, p. 05).



que veio muita gente lá de Cascavel morar aqui no Assentamento, muita gente mesmo. Hoje em dia, quem mora aqui são algumas famílias oriundas de Cascavel. A quantidade em números, assim, eu não sei, mas veio bastante família. Crianças, idosos e adultos.

Eu me recordo que a gente chegou aqui ainda à noite e ficamos no casarão. Ficamos lá e, daí, de manhã, a gente saiu para conhecer o local e nossas coisas já estavam chegando. Tivemos que morar lá, na cocheira por um tempo, que ficava na entradinha do Assentamento, tinha, porque agora foi demolida. Tivemos que tampar o local com lona, porque a gente chegou aqui em agosto, e fazia muito frio, moramos lá por uma semana, até que nossos barracos tivessem construídos.

Quando a gente chegou aqui, tinha umas famílias que já moravam no centro, onde é agora a nossa sede. Só que essas famílias não eram do Movimento, eram famílias que já moravam no local mesmo, essas famílias trabalhavam numa fazenda por perto. Do início, muitas famílias foram embora daqui, porque, naquela época, existiam pessoas que pensaram que nunca iriam conseguir a terra e acabaram desistindo e foram para outros lugares. Mas teve famílias que persistiram até conseguir pegar um pedaço de terra e teve quem pegou, mas, infelizmente, não gostou do lote e foi embora, deixando seu lote para trás.

A construção da escola começou em 2008. Antes, a gente estudava lá embaixo, onde é a cocheira. E, depois que terminou a construção, fomos estudar na nossa escola que está erguida até hoje. Antes da chegada nessa comunidade, já tinha um ônibus que vinha pegar as crianças da beira da estrada e do centro e levava até a cidade para estudar. Com a chegada do MST no local, foi organizado para estudar aqui em nossa comunidade. Daí, teve algumas crianças que começaram a estudar aqui, porque era mais perto de onde moravam e, com a minha chegada na comunidade, eu também passei a estudar nessa Escola Itinerante.

Aqui na escola, tinha da Educação Infantil até o quinto ano de manhã, e de tarde também tinha. Se eu não me engano, de noite, tinha o Ensino Médio, o primeiro, o segundo e o terceiro ano, e, bem mais tarde, teve o EJA<sup>209</sup> também, inserido aqui para jovens e adultos.

Eu não tenho muitas lembranças especificamente sobre a construção da escola, mas o que eu lembro muito bem é de estudar lá na cocheira e no casarão. Adorava lá, porque era um monte de crianças, de educadores e professores. Sobre a construção, eu lembro que meu pai vinha lá de cima, da Fazenda Cambará<sup>210</sup>, ajudar na construção da escola, vinham também mulheres, homens e até crianças ajudar no embelezamento da escola e para ajudar na construção. Foi um processo meio lento, meio rápido às vezes, mais foi muito bom.

---

<sup>209</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>210</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho.

Os materiais para a construção da escola foram um pouco de doação e um pouco as comunidades que ajudaram, foi um pouco de cada coisa. Eu lembro de uns madeirites, algumas telhas que doaram. Eu não sei a quantidade correta, mas acho que foi um pouco de cada coisa, doado pela comunidade e por pessoas de fora.

A estrutura de onde estudávamos no início era uma casa enorme, era de chão de tijolos e madeirite também, madeira, na verdade. E era bastante aluno, onde, às vezes, juntavam as turmas, então ficava bastante aluno numa sala só. O primeiro dia não vou lembrar como foi. Eu consigo lembrar de algumas coisas fragmentadas, meio que espalhado, mas uma coisa com clareza que vem na minha cabeça é que as aulas eram lá embaixo, na cocheira, daí umas turmas ficavam lá embaixo, as outra aqui no casarão. Era um pouco dividido no recreio mesmo, a gente tinha que pegar toda uma subida para lanchar no casarão. Eu lembro, também, que, às vezes, quando estava muito frio, a gente estudava para fora, por conta do sol, onde era mais quente, daí lá ficava um pouco de bicho, gado, cachorro. Mas fazer o quê, né, eram as nossas condições naquela época.

Eu não me recordo muito bem dos professores, mas uma professora de quem eu me recordo muito bem, que participava aqui, era a Denise<sup>211</sup>. Ela trabalhou aqui na escola por anos, em 2017, 2018, por aí, ela foi embora, ela foi para um outro espaço. Mas a quantidade de educadores, assim, eu não me recordo muito bem. Eu lembro que não eram professores da cidade, eram educadores do Movimento.

Aqui, a gente faz trabalho mesmo sem renumeração, porque é a nossa escola, ela faz parte da comunidade. Então nós, enquanto coletivo, não fazemos por dinheiro, mas porque nós queremos ver a escola organizada, transbordando conhecimentos a todos, mais bonita, porque a comunidade faz parte disso, e a escola é da nossa comunidade. Então a gente ter que ter solidariedade, respeito e ajudar de todas as formas possíveis.

A nossa relação hoje com o Colégio Estadual Marques dos Reis<sup>212</sup>, que é a nossa escola base<sup>213</sup>, tem uma grande diferença, porque lá é uma escola que está um pouco longe da nossa realidade, já o Colégio Iraci Salete<sup>214</sup>, que era a nossa escola base de antigamente, tinha uma

---

<sup>211</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>212</sup> Colégio Estadual Marques dos Reis, localizado em Jacarezinho, que se tornou a escola base da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, em 2019.

<sup>213</sup> Na escola base são arquivados os documentos dos educandos da Escola Itinerante e é ela responsável pelo suporte pedagógico à Escola Itinerante.

<sup>214</sup> Referência ao Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, localizado no Assentamento Marcos Freire, no município de Rio Bonito do Iguaçu. “O colégio foi escolhido para ser escola base das itinerantes por sua proposta pedagógica e por estar localizado num dos maiores assentamentos da América Latina. Isso foi regulamentado pelo Parecer n. 1.012/2003 do Conselho Nacional de Educação do Paraná” (SAPELLI, LEITE, BAHNIUK, 2019, p. 90).

ligação que era voltada para a educação no e do campo, onde também a relação era mais harmônica e os princípios também. Agora os princípios da escola base atual eu não sei se são iguais, por serem de uma realidade totalmente diferente da nossa.

Eu acho que, no início, não tinha educador suficiente para todas as turmas e ficavam umas turmas junto, se eu não me engano. Até hoje mesmo, acontece essa sala multisseriada<sup>215</sup>, porque, na sala em que eu estou contribuindo, tem três turmas para eu e mais a educadora regente.

Sobre o horário de funcionamento da escola, as crianças entram na sala às 7h30, o recreio é às 10h00 e as aulas terminam às 11h30. Bom, de tarde, começa às 13h25, o recreio é às 15h30 e termina às 17h25. Antigamente, tinha muito aluno e, hoje em dia, já não, a quantidade é bem menor do que antigamente. A nossa escola já chegou a ter uns 100 alunos ao ano. Hoje em dia, acho que está com uns 60, entretanto está tendo um aumento em nossa escola. Hoje, temos aqui as salas multisseriadas, pois a sala do quarto e do quinto ano também são juntas. Nessa falta de educadores, a gente não tem educadores para suprir as turmas, daí acontece isso. São quatro professores no período da manhã, um educador fica com a turma do quarto e o quinto, eu e mais uma educadora ficamos com a turma do primeiro ciclo e mais o educador que fica com a Educação Infantil.

Bom, eu cheguei aqui esse ano na escola, eu ainda estou aprendendo, algumas coisas aqui. Eu já sei a respeito do PPP<sup>216</sup>, que é voltado para a nossa realidade, a realidade daqui, do Acampamento e também da realidade das crianças. Também temos os núcleos setoriais<sup>217</sup> em que os alunos participam.

Nas aulas, tem que trabalhar com a realidade das crianças, quando a gente vai trabalhar com números, não pegar coisa abstrata, mas trazer para suas totalidades, trabalhar com a realidade mesmo, pois esse é um objetivo que a gente vem trabalhar também, até nos cursos a gente aprende isso. E no PPP também já traz isso de trabalhar com a realidade em que está inserido.

Bom, eu me recordo que antigamente, na escola, a gente tinha bastante gente trabalhando, cada um tinha sua função. Tinha pedagogas, diretora também, coordenação pedagógica, professores responsáveis pela turma. Hoje em dia, por conta de ter poucas pessoas

---

<sup>215</sup> Turmas multisseriadas ou turmas multianos são compostas por estudantes de séries ou anos diferentes atendidos pelo mesmo professor.

<sup>216</sup> Projeto Político-Pedagógico.

<sup>217</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivem e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

para isso, algumas coisas não têm funcionado muito bem, mas estamos constituindo isso de novo, reconstruindo, para ter uma educação boa para os educandos.

Nesse momento, a comunidade está bem presente aqui. Até há uns dois anos, tanto a comunidade do Acampamento<sup>218</sup> deu uma parada, como a comunidade do Assentamento<sup>219</sup> também. Não sei realmente qual foi o problema. Acho que um pouco disso tem a ver com certas famílias que eram contra nosso Movimento. Bem no começo, a comunidade era bem presente na escola, tinha a reunião de pais que antigamente vinha bastante pai, existia uma relação família-escola. Hoje em dia, essa ação de reunião encontra-se um pouco com dificuldade, pois nem todos os pais e responsáveis estão presentes. Mas, agora, ainda assim, a comunidade está participando, sim, vem o pessoal daqui do Acampamento, do Assentamento encontra-se com um pouco de dificuldade nesse aspecto. A comunidade do Acampamento contribui não só com a construção da escola, mas também com a organização, como a limpeza do espaço. Três vezes por semana, vem um NB<sup>220</sup> limpar o espaço escolar, os banheiros, o refeitório, as salas presentes no ambiente. O NB é um grupo de base. É dividido por famílias, cada grupo pode conter até seis famílias ou mais, depende da quantidade de famílias no local. Antigamente, lá em cima, era assim, cada grupo tinha um tanto de família. Toda semana, tinha alguma tarefa para ser realizada, aí, esses grupos tinham que participar no andamento dessas tarefas, que variavam na escola e no Assentamento também.

Quando conseguimos o nosso lote, foi uma alegria, porque a gente vem, desde que a gente entrou, eu não era nem nascida naquela época, e minha família vem tentando um lote, e já faz mais de 20 anos. Em 2014, saíram os lotes, imagina, foi uma felicidade enorme, porque o nosso objetivo era que a nossa família, não só nós quatro lá de casa, mais as duas famílias que estavam conosco, era para todos ficarem juntos, então isso a gente conseguiu, e foi uma alegria imensa ter o nosso sonho realizado depois de mais de 20 anos.

Um dos meus melhores momentos no Assentamento, que eu me recordo, foi quando eu consegui entrar para o curso de Pedagogia, porque era meu objetivo, entrar na faculdade o quanto antes, queria aproveitar que eu era nova, então eu queria participar dessa formação e realizar o meu sonho. Daí, eu consegui em 2021, esse era meu objetivo e eu consegui. Então esse foi meu sonho realizado.

---

<sup>218</sup> Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

<sup>219</sup> Assentamento Companheiro Keno.

<sup>220</sup> As famílias são divididas em grupos chamados núcleos de base (NB), de modo que, cada dia da semana, um NB é escalado para ajudar na reforma e no que for preciso realizar de trabalho na escola, sempre de forma voluntária.

O que eu tenho para dizer para as famílias acampadas hoje é para terem força, terem persistência e se inserirem no nosso Movimento mais e mais, mais a fundo assim, e esperança, né? Como Paulo Freire fala, “esperançar”. Acho que isso é a base, eu acho que a gente ter esperança, ter otimismo também para conseguir, porque não é fácil, tem família que consegue mais cedo, mas tem família que demora anos e anos para conseguir um pedaço de terra, e nosso caso não foi diferente, a gente está aí há mais de 20 anos e conseguimos um pedaço de terra. Mas eu acho que a base de tudo é a esperança, esperar que vai conseguir um pedaço de terra, que vai, sim, e nosso Movimento é capaz disso, e eu acho que todos têm oportunidade e todos vão ter essa oportunidade.

#### 4.7. Narrativa: José Pedro Oliveira

**Data da entrevista:** 29 de abril de 2022.

**Local:** Assentamento Companheiro Keno.

**Tempo de duração:** Vinte e um minutos.

Apresentamos, na Figura 9, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida do colaborador até sua chegada no Assentamento Companheiro Keno.

**Figura 9:** Linha do tempo José Pedro Oliveira



**Fonte:** Produzida pelo autor

Eu sou José Pedro Oliveira, tenho 57 anos<sup>221</sup>. Eu nasci em Minas Gerais, na cidade de Taiobeiras<sup>222</sup>. Ah, sou agricultor mesmo. Quando eu cheguei no Movimento Sem Terra<sup>223</sup>, foi uma chegada muito boa. Hoje eu tenho meu “sitinho” graças a Deus aqui, né? Está com 7 anos. Mas sofri bastante também, né? Para conquistar a terra, é através de luta, com organicidade do Movimento, organizando escola, organizando a criançada toda, levando daquele jeito simples de roceiro mesmo assim, né? Mas nós estamos vencendo, graças a Deus, até agora.

O primeiro acampamento que eu morei, foi em Cascavel, no Dorcelina Folador<sup>224</sup>. No município de Cascavel<sup>225</sup>, tem um patrimôninho mais perto, que era o Rio do Salto<sup>226</sup>. O primeiro acampamento meu foi lá. Tinha bastante família, no começo, tinha 600 famílias no acampamento, era muita gente. E a escola que nós fizemos lá foi de oito salas. Tudo no muque assim, arrancamos toco e construímos aquela escola. Depois, nós ocupamos mais uma outra área. Fizemos mais oito salas, no outro acampamento, na mesma luta. Depois de lá, eu vim aqui para Jacarezinho<sup>227</sup>. Eu cheguei aqui em Jacarezinho em 2008, né?

Nós viemos de Cascavel, nós viemos num ônibus. E não foi só o Movimento lá de Cascavel naquele ônibus, né? Veio de vários lugares do estado do Paraná. Na época, na hora que foi o final, quando ocupou, já tinha um tanto de gente aqui na fazenda acampada. Rapaz, na época, só quando nós viemos de Cascavel, vieram mais de cem famílias. Lá estavam umas duzentas famílias na época.

Aí teve o dia em que a gente veio reocupar de novo, porque tinha um companheiro fazendo coisa ruim para o povo que era acampado, que era um tal de Raul, né? Aí nós viemos para tirar ele, daí, aquele dia, em torno da organicidade do Movimento Sem Terra, acho que tinha umas 500 pessoas para reocupação. Na época, quando o Raul<sup>228</sup> entrou, ele fazia parte do Movimento, mas depois ele já não era do Movimento mais. É, ele estava fazendo é, tipo... fazendo bandeira branca, explorando o pessoal que trabalhava ali na fazenda<sup>229</sup>.

---

<sup>221</sup> Idade do colaborador à época da entrevista (29/04/2022).

<sup>222</sup> O município de Taiobeiras está localizado na mesorregião do Norte de Minas, microrregião de Salinas, e a uma distância de 686 km da capital Belo Horizonte.

<sup>223</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>224</sup> O Acampamento Dorcelina Folador está localizado no distrito de Rio do Salto, no município de Cascavel, Paraná.

<sup>225</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

<sup>226</sup> Distrito do município de Cascavel.

<sup>227</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>228</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>229</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho.

Nós chegamos ali na Fazenda Itapema, logo que nós entramos ali, eram 5 horas da manhã, estava escuro ainda. Para a gente tirar ele dali, foi foguete, saindo para todo lado, uns entravam por baixo, outros por cima, entramos lá e ficamos ali. E dali nós viemos para cá<sup>230</sup>, para ser assentado já.

A quantia de crianças que precisavam de transporte é duro lembrar, mas era muita gente, era bastante criança que já tinha. Para levar as crianças para a escola na cidade, acho que um ônibus só era suficiente.

Eu fiquei embaixo de lona, ali embaixo, na Itapema, eu fiquei uns 4 anos. Lá em Cascavel, o tempo que ficou lá, era só lona mesmo. Cascavel era só lona. Não tinha casa, um acampamento desse aqui, nós que passamos um processo lá em Cascavel, em seguida, no acampamento, porque aqui a turma tem luz, água encanada, ali tinha tudo, e lá para nós, em Cascavel, não tinha água encanada, não, tinha que buscar água na mina, no rio. E queimava com vela ou lampião de gás.

Aqui na Fazenda Itapema, o primeiro local onde foram realizadas as aulas, nós fizemos ali no... vou falar para você, essa Escola Itinerante, a primeira aula foi até debaixo de árvores, até que fazia a construção lá. E aqui nós fizemos as aulas naquele barracão, que era o barracão ali maior em cima até. Eu morava num pedaço de material de tijolo, que é perto do curral, ali embaixo, e as crianças estudaram ali também. Estudou naquele outro curralzão grande, até construir a escola.

Tinha vários educadores<sup>231</sup>. No começo não era muito, não, né? No início, parece que pegava, tinha de toda quantia de pessoas, da idade das crianças, né, uns era de cinco, seis, até dez crianças estudando. Rapaz, no intervalo, as crianças sentavam numa mesa lá dentro do barracão e ia tudo lá lanchar, né? Não era dentro da escola que ia. Ali, a criançada ia tudo lá, lanchar dentro no barracão, ali é um pasto! É um pasto. Os animais não atrapalhavam, não. Até eu fazia parte de cuidar do gado na época lá também, lá dentro. Até hoje tem gado lá!

O que eu me lembro um pouco das escolas itinerantes é desde o município de Cascavel, né? A primeira foi no acampamento Dorcelina Forlador. Desde 2002, e depois em 2004, fizemos outra escola itinerante no Acampamento 1º de agosto, no município de Cascavel

---

<sup>230</sup> Fazenda Cambará, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>231</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP). Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

também. Em seguida, em 2008, eu lembro quando eu vim para Jacarezinho. Nós construímos a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

Nós éramos formados na organização do Movimento Sem Terra, né? E com as pessoas que estavam acampadas, fazendo escola de lona, tiravam tábuas de pinus de madeira. E aqui nós iniciamos também, da mesma forma que foi em Cascavel. Tudo com organização, trabalhamos como voluntários.

Os materiais para construir a escola, nós pedíamos, a prefeitura também dava força para nós, brasilit, aquele de pôr na parede, como que fala? Madeirite! Fizemos com madeirite, e algumas madeiras nós tirávamos aqui mesmo, de eucalipto, fazia os caibros, tábua, pilar, assim, e os madeirites a prefeitura ajudou, deu para nós.

Bastante família ajudou a construir a escola, porque quando fazia a escola assim, a gente, nos grupos, selecionava, fazia, “hoje é o grupo um, amanhã é o grupo dois”, e, às vezes, iam quatro, cinco por grupo, assim. Não todo dia, né? Cada vez ia um pouco. É igual agora, que está fazendo a reforma lá, é assim, nós aqui vamos para lá ajudar, esses dias eu fui para lá! Aí escolhe tal grupo, aí o grupo do Zé Pedro, aí vai trabalhar na escola. Aí a gente sugere as pessoas que vão, se é três ou quatro, e leva no trabalho. Eu também estou ajudando na reforma da escola agora!

A construção da escola foi assim: nós adiantamos rápido fazer a escola, né? Porque estavam estudando numa casinha outra, assim. Não demorou muito tempo, não, há cerca de uns dois, três meses já estava pronto!

No início, aqui da escola, era ofertado só até o quarto ano, parece assim, no começo, no início. Aí, depois, foi ver, aí veio o educador, professor de fora também. Até de Ourinhos<sup>232</sup> teve professor! Aí foi aumentando o grau de estudo. Eu não frequentei as aulas aqui na escola.

Os educadores foram selecionados para trabalhar na escola, na época aqui, assim, em Cascavel, foi tirado assim, por pessoa que tinha mais estudo no Movimento, né? E já tinha um estudo mais leviano, aí foi tirando aqueles educadores, aí eles iam se formando também, né? Aí saindo, saiu para estudar fora, com a organicidade do Movimento Sem Terra, com gasto do Movimento. O que eles tinham que fazer no acampamento era pago pela organização do Movimento Sem Terra, né? Arrecadava de um, de outro, talvez dez reais, cinco de um, para aquela pessoa estudar fora, para formar, e ficar aqui dando aula na escola. De fato, nós temos educador formado aqui, e você sabe mais que eu. Através do Movimento Sem Terra. No

---

<sup>232</sup> O município de Ourinhos está localizado na mesorregião de Assis, microrregião de Ourinhos, e a uma distância de 372 km da capital São Paulo.



começo, o Júnior<sup>233</sup> foi um educador que estudou fora, bastante. O Cassiano<sup>234</sup> hoje está em Curitiba<sup>235</sup>. A Denise<sup>236</sup>, e mais criança que está se formando também aí, assim nesse modo de estudo.

Rapaz, para alimentação na escola, quando vinha a alimentação de fora, nós arrecadávamos nos grupos também. Inclusive, até hoje, poucos anos atrás, nós arrecadamos aqui, e levamos para a escola também. E teve trabalho de limpeza, até eu fui fazer a limpeza na escola, é escolhido assim por grupo também. “Tal grupo, hoje é dia da limpeza na escola”, iam lá e participavam para limpar. Eu continuo ajudando, precisou, a gente está correndo ali. Eu trabalho de reforma, assim, e o que for preciso, até para ir limpar, se precisar um dia, a gente vai.

É, tem bastante família aqui ainda do início, é igual essas que você entrevistou lá, a Marlene Araujo<sup>237</sup>, tem eu, o Marcão<sup>238</sup>, Valdivino<sup>239</sup>. E tem muita que foi para o Pau d’Alho<sup>240</sup>, assentado, foi lá para Londrina<sup>241</sup>, para outras terras, que pegou lote pra lá. Lá também foi dividido, lá é Londrina, no Pau d’Alho, e tem Carlópolis<sup>242</sup>. Tem gente que veio de Cascavel.

Nossa, foi uma alegria quando ganhei o lote, Deus é pai, é com muita alegria, e até foi naquele dia que foi sorteado o lote, eu não estava nem aqui no acampamento. Tinha ido lá no Pará<sup>243</sup>, visitar um irmão meu, e o meu filho ligou pra mim: “Pai, nós fizemos o sorteio do lote”, aí na outra semana eu já cheguei aqui. A primeira coisa foi vir aqui. Peguei o trator, que eu cuido do trator da organicidade também, já meti o trator fazendo a divisa ali, para fazer a cerca, que eu tinha uma criaçãozinha, já trouxe toda a criaçãozinha tudo para cá, para cima. Comecei a fazer esse barraquinho aqui<sup>244</sup>, e até hoje eu não terminei ainda. É verdade! Mas foi muito forte a alegria da gente, nossa, até hoje. Graças a Deus.

Agora, eu estou ajudando na reforma, né? Quando eu cheguei lá, eu fui lá esses dias também, a gente começa a lembrar desde os princípios atrás, que a gente está fazendo ali, eu

---

<sup>233</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>234</sup> Cassiano Kappes.

<sup>235</sup> Capital do estado do Paraná.

<sup>236</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>237</sup> Marlene Araujo, também entrevistada nesta pesquisa.

<sup>238</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>239</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>240</sup> O município de Pau D’Alho do Sul está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Assaí, e a uma distância de 392 km da capital Curitiba.

<sup>241</sup> O município de Londrina está localizado na mesorregião Norte Central Paranaense, microrregião de Londrina, e a uma distância de 386,1 km da capital Curitiba.

<sup>242</sup> O município de Carlópolis está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Wenceslau Braz, e a uma distância de 363,6 km da capital Curitiba.

<sup>243</sup> Estado do Pará, localizado na Região Norte do país.

<sup>244</sup> Lote no Assentamento do Companheiro Keno.

até eu falei assim: “Mas vamos fazer mais essa vez agora, aqui essa escola, e deixar para fazer no outro acampamento<sup>245</sup>”, no caso, assentamento, porque aquela nossa escola ali tem que terminar aquilo ali, né cara? Tanta garra e tanta luta, aí a gente correndo na prefeitura e todo lado, pedindo para ver se termina esse troço ali. Aí entra um, sai outro e nunca termina a escola, para essas crianças ter mais um sosseguinho ali, né? É que, ali, fica um espaço muito bom. A gente passa lá. Com coisa que está abandonado, um troço velho, uma coisa nova em construção, está parecendo uma coisa velha, um troço que é preciso para o povo, para as crianças, para a gente, não é mesmo?

Os materiais para a reforma, eu acho que, não sei se consegui. Ia ter uma doaçãozinha também de fora. Mas ali foram tiradas umas madeiras, que tinham derrubado uma madeirona ali, diz que a prefeitura doava um negócio, alguma coisa para a gente forrar por dentro, tipo uma lona, ou depois, sei lá se vamos reparar de madeira mesmo, com ripa.

Um ponto positivo que eu penso que marcou minha vida foi que eu cheguei no acampamento, é muita luta. Às vezes tinha dificuldade, né? Mas com a força da organicidade, a gente avança para a frente, porque com o avanço da pessoa no trabalho se conquista as coisas. É bom a gente relembrar o passado!

Eu acho que eu já falei tudo de construção. É tudo voluntário mesmo, com o pessoal mesmo, que a gente lá em Cascavel, nós não tirávamos dinheiro do bolso, não, era tudo braçal mesmo, usando motosserra assim, fazendo madeiramento e levantar, e cada um ajudando, e eu acho que era gostoso a gente participar, né? O povo todo unido para ver as pessoas, as crianças estudando ali dentro de casa. O que eu me lembro mais, que eu me recordo bem, porque aquele piá que é pai desse piázinho, ele começou a estudar lá. Hoje, ele já é um pai, está lá embaixo, acampado, e a criancinha está estudando na escola. Com a força da organicidade do Movimento Sem Terra. Para mim, é uma coisa muito boa demais, que a gente encontrou dentro Movimento, além da terra. Que a gente conquiste, é uma escola dentro do acampamento.

Eu quero dizer para as famílias que estão acampadas, assim, como a gente lutou, eles têm que ter força também. Lutar com garra, com organicidade, porque gente parada também não consegue nada, não. A gente tem que avançar trabalhando, né? E assim, com a ajuda do Movimento Sem Terra que vai à frente na luta.

---

<sup>245</sup> Referência a outra escola, no Assentamento do Companheiro Keno, que está em processo de construção há 8 anos, e que, até o ano de 2023, não foi finalizada.

#### 4.8. Narrativa: Ademar Herdt

**Data da entrevista:** 29 de abril de 2022.

**Local:** Assentamento do Companheiro Keno.

**Tempo de duração:** Trinta e oito minutos.

Apresentamos, na Figura 10, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida do colaborador até sua chegada no Assentamento Companheiro Keno.

**Figura 10:** Linha do tempo Ademar Herdt



**Fonte:** Realizada pelo autor

Meu nome é Ademar Herdt. Eu sou nascido lá em Manoel Ribas<sup>246</sup>, centro do Paraná, e estamos aí. Eu tenho 63 anos<sup>247</sup> e sempre fui agricultor. O primeiro acampamento onde eu morei foi em Jardim Alegre<sup>248</sup>, na beira da BR<sup>249</sup>, onde nós acampamos. Daí que nós fomos para essas Três Marias<sup>250</sup>, lá nessa área de onde nós fomos despejados. Três Marias é em Manoel Ribas,

<sup>246</sup> O município de Manoel Ribas está localizado na Mesorregião Central Paranaense, microrregião de Ivaiporã, e a uma distância de 261 km da capital Curitiba.

<sup>247</sup> Idade do colaborador à época da entrevista (29/04/2022).

<sup>248</sup> O município de Jardim Alegre, no estado do Paraná, ficaram acampados à beira da PR-466, no Acampamento 10 de fevereiro.

<sup>249</sup> Rodovia Federal.

<sup>250</sup> O Acampamento Três Marias está localizado no município de Manoel Ribas.

perto de Cândido Abreu<sup>251</sup>. Depois de lá, eu fui para Cascavel<sup>252</sup>. Eu fiquei quatro anos em Cascavel. Daí, de Cascavel, eu vim pra cá.

A minha chegada junto ao Movimento<sup>253</sup> foi sofrida, nós chegamos, nós embarcamos lá em Cascavel às 7h da noite, chegamos aqui<sup>254</sup> 4h da manhã. Só que já tinha um time aqui, que estava esperando nós, com café, alguma coisa para comer. Então você vem de um lugar para outro, você vê que nós viemos para cá, eu não conhecia os caras do Movimento, da direção. Na época, eu era da direção lá em Cascavel também, né? Aí eu fui um dos indicados, que me indicaram, falaram assim: “Tem uma área em Jacarezinho<sup>255</sup>, duas áreas”, que eram duas, que a Itapema<sup>256</sup> até hoje não saiu. Fui indicado. O cara chegou, falou: “Tem essa lá e você vai ajudar a coordenar, nós precisamos!”. Aí falei: “Vambora!”. Arrumei um time lá e viemos. Então é coisa braba mesmo, cara, é sofrido. Só que tem que ter coragem, né? Aí chega aqui, muita gente desiste também, que não gosta, que a realidade de um lugar e de outro é totalmente diferente. E eu rodei o Paraná inteiro. Você vê, eu acampeí lá no centro-oeste, em Manoel Ribas. De lá que eu fui despejado dessas Três Marias que eu estou falando pra você. E foi daí que fomos para Cascavel. Daí, de Cascavel, você vê, quase uma volta, só sair aqui, eu saio lá em Manoel Ribas.

Cara, quando chegamos aqui, tinha uma quantidade grande de crianças. Eu mesmo fui um que estudei na escola, né? Eu me formei no primeiro ano, que eu não tinha. O primeiro ano aí, eu estudei, estudei na escola aí, lá em Cascavel eu já estudava. Então a média, mais ou menos, só de criança, eu acho que eram mais de 300 crianças que estava aí estudando na época. Que nós viemos em 100 famílias e tinha 100 famílias aqui, né? E, daí, os que estavam fora da fazenda também tinham crianças que estudavam lá, né? Porque a escola ficou pertinho, ficou tudo junto, não precisava ir para Jacarezinho para estudar. Então era um fervo, era muita gente mesmo. Então, que nem eu estava falando, tinha aqui 200 famílias.

Nem todas as famílias que estavam aqui no início estão mais, porque se esparramou muito. Porque, aqui, começou a demorar, porque nós viemos para seis meses, nós estaríamos assentados nos lotes. Que o governo deu como improdutivas as áreas aqui, então era para sair

---

<sup>251</sup> O município de Cândido Abreu está localizado na mesorregião do Norte Central Paranaense, microrregião de Ivaiporã, e a uma distância de 296 km da capital Curitiba.

<sup>252</sup> O município de Cascavel está localizado na mesorregião Oeste Paranaense, microrregião Cascavel, e a uma distância de 491 km da capital Curitiba.

<sup>253</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>254</sup> Na Fazenda Itapema localizada no município de Jacarezinho.

<sup>255</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>256</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho.

rapidinho. Aí, como o Incra<sup>257</sup> não deu em cima e a coisa foi enrolando, essa área aqui, era a que estava mais difícil para sair, nós batemos em cima dela, nós corremos atrás dela, porque, às vezes, o cara fala: “Não é o governo”. Mas é um movimento, que se nós não nos mexermos, o governo não dá terra para você, cara. O Incra é tudo um rolo, né? E, daí, a Itapema, como estava saindo, que até a prefeita de Jacarezinho, a Tina<sup>258</sup>, era uma pessoa que vinha direta ali, né? Então ela tinha informação sobre e nós, do Movimento, também tinha né? Nós íamos no Incra direto. Aí, como demorou muito, teve família aqui que foi pra Congonhinhas<sup>259</sup>, para vários lugares que saiu, que sobrava um lote, e às vezes a família desistia, sobrava um lote ou tinha espaço para 10, 20 famílias, até para o Assentamento Eli Vive<sup>260</sup>, lá em Londrina. Lá até foi, era para ter ido 10 famílias, e acabou indo 8 só. Eu tenho um irmão meu que é assentado lá, tenho um irmão e dois sobrinhos. Eu até estive lá na Páscoa, eu tive lá, os caras estão bem lá, rapaz, aí eles ficam bravo comigo, é porque eu e meu irmão, quando fomos acampar, nós prometemos um para o outro, a área que nós formos, nós vamos juntos. Aí, como meu irmão pegou lá em Cascavel, tinha um tal de 7 de Setembro lá, que não tinha saído a área, mas ele conseguiu quatro alqueires para tocar, e eu morava no “1º de agosto”<sup>261</sup>. E eu tocava um alqueire de terra lá. Aí, como eu estava ali num... que sempre teve pressão de despejo ali no 1º de Agosto. Aí, quando foi para vir para cá, eu fui lá no meu irmão falar: “o negócio é o seguinte, cara, se você é...”, ele também foi indicado para vir pra cá. Ele não quis vir. Porque ele estava lá em cima de quatro alqueires de terra, né? Aí, como tinha vários amigos meus, porque você acaba pegando uma amizade muito grande aí no Movimento e aprende muito também, né? Então, a hora que eu vi os amigos vindo tudo para cá, eu falei: “Não, vou embora”. Eu não queria sair de lá, não. Você vê, no 1º de Agosto, é uma área que eu fiquei quatro anos, sem ver uma televisão, que nós não tínhamos energia nenhuma lá, a água nós buscávamos a 300 metros, nas minas d’água que tinha. Então era um lugar seco e não tinha energia também. Eu acho que até hoje não tem energia lá ainda. Deve ter o acampamento lá, que a área do 1º de Agosto não saiu até hoje ainda. Saiu só uma área encostada, que era a área do Neto<sup>262</sup>. E eu já saí fora da prosa, que eu nem sei o que estava falando! (Risos)

---

<sup>257</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

<sup>258</sup> Tina Toneti, prefeita eleita por dois mandatos, no município de Jacarezinho.

<sup>259</sup> O município de Congonhinhas está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Cornélio Procópio, e a uma distância de 353 km da capital Curitiba. Depois de 15 anos de ocupação, em 2014, foi criado o Projeto de Assentamento Carlos Marighella, na Fazenda Pompeia, com 67 lotes, oficialmente instituído em 2021.

<sup>260</sup> Os Assentamentos Eli Vive I e II estão localizados no distrito de Lerroville, do município de Londrina, na mesorregião no Norte do Paraná, microrregião de Londrina, a 339 km da capital Curitiba. Foram instituídos no ano de 2013, após quatro anos de ocupação.

<sup>261</sup> Acampamento 1º de Agosto, localizado em Cascavel.

<sup>262</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

Então, nós hoje estamos aqui, neste aqui, no assentamento<sup>263</sup>, nós estamos em 63 famílias assentadas, né? Aí, lá embaixo, do 1º de Agosto, daquelas famílias, tem poucas ali. Eu não sei quantos tem. Hoje acampado lá, tem os filhos dos assentados, que tem gente que está acampada lá, mas é pouca gente. O mais foi distribuído, outros desistiram também, que chegou aqui. Até os próprios aqui da região mesmo, né? Daí, tem muita gente, aqui tinha 100 famílias, então não tinha uma organização séria, né, aqui dentro. Até foi expulso um cara aqui, um tal de Raul, não sei se alguém comentou contigo. Então, essas famílias não tinham ideia do que era o Movimento Sem Terra. Aí para eles entrar, né? Porque tem que ter uma união, tem que ter, tem todas as normas, para se trabalhar, para ser viver dentro do Movimento Sem Terra, e os caras, às vezes, falam: “Não, é só vagabundo, que não sei o quê”. Mas o maconheiro, o bandido, cara, ninguém fica dentro de uma organização que tem os setores funcionando. O cara vem, vem fazer o cadastro ali. E os caras falam: “as regras são essas e você vai ter que contribuir nesse sentido”. O cara não vem fazer um barraco ali e ficar lá esperando sair a terra. O cara tem que ajudar a organizar. Aí essas pessoas, tem muita gente que acha que para ele não serve. Daí tem muitas famílias, daqui mesmo, que desistiram e foram embora, por causa disso. Mas hoje não, hoje tem uma média de 100 famílias das 200 famílias, deve ter umas 100 famílias por aqui ainda, no máximo.

O Raul era um cara que, aqui em Jacarezinho, era muito isolado, né? A central da Brigada<sup>264</sup> é em Congonhinhas, aqui é um braço da Brigada de Congonhinhas, então ficou muito isolado e ele começou a bagunçar. Ele era do Movimento, era não, era mais ou menos, né? O cara não tinha muito entendimento do Movimento, mas ele que estava organizando. Aí ele começou a mexer em muita coisa aqui na fazenda, tanto aqui, como mais lá embaixo. Na época, o Lula<sup>265</sup> dava muita cesta básica, né? Vinha muita cesta básica e vinha muita coisa boa para nós, o grosso do alimento sempre vinha. E ele começou a desviar cesta básica, esse Raul, né? Aí o Movimento veio, a Brigada veio para organizar e, quando chegou para obrigar a organizar, ele tinha um time aqui, tinha um cara bom aqui. Daí esse pessoal não conseguiu tirar ele daqui. Aí foi obrigado a organizar o estado, que nós viemos para cá para organizar. Que, na frente nossa, veio um pessoal para tirar o Raul e as pessoas que estavam fazendo mal às famílias que

---

<sup>263</sup> Assentamento Companheiro Keno, localizado na Fazenda Cambará.

<sup>264</sup> Miranda e Cunha (2013) explicam que as organizações dos acampamentos e dos assentamentos do MST são feitas por meio dos núcleos de base (NB), setores e brigadas. Geralmente, os núcleos de base são compostos por dez famílias, podendo variar de acordo com a quantidade de famílias acampadas ou assentadas; os setores são compostos por dez pessoas, sendo que cada representante fica responsável por três até cinco famílias, com dois representantes, sendo um homem e uma mulher; e as brigadas são compostas por dez representantes, sendo um de cada setor.

<sup>265</sup> Luiz Inácio Lula da Silva era presidente da República Federativa do Brasil à época.

estavam aqui dentro, né? Então, eu, na época, quando foi para tirar o Raul daqui, eu não estava, eu vim depois, com as 100 famílias. Então esse Raul é um cara que eu não conheço bem. Hoje, acho que ele até já morreu. Parece que eu ouvi falar que morreu, eu não tenho muito o que dizer do Raul, porque eu não convivi com ele, eu não sei, só sei dizer que ele saiu fora da casinha, então aí nós viemos para organizar aqui, como hoje está. Está mais ou menos organizado. (Risos)

Você quer que eu conte a história da escola daqui de embaixo<sup>266</sup>, né? Então nós viemos de Cascavel com essa ideia já, que veio muita criança junto na época e já tinha aqui as famílias e a ideia era construir mesmo uma escola. Eu fazia parte da infraestrutura, era da produção. Aí eu fui um cara que entramos junto ali na escola, correndo atrás da fulana, na prefeitura, ver com o pessoal, porque nós viemos do Movimento dos Sem Terra. Um Movimento que não tem recurso, né, a família tem que se virar. Então nós começamos ali a mexer sem nada mesmo. Daí que, na época, a Tina era prefeita de Jacarezinho e foi ela que doou o material, a maioria do material. E daí, como tinha alguma madeira também no centro ali da fazenda<sup>267</sup>, nós pegamos bastante madeira da fazenda, aí fomos construindo, foi até onde nós chegamos. No que, em 20 dias, a escola já estava montada, que o povo todo foi, ajudou, né? Tinha os setores que trabalhavam, foi mexendo com todos os setores e todo dia era uma multidão que estava trabalhando lá.

Quando nós chegamos aí, não tinha escola, né? Até construir, as crianças não ficaram sem aula. Vieram vários educadores<sup>268</sup> junto, que não tinham bem uma formação, mas depois começaram a estudar. Mas as crianças nunca ficaram sem aula, fazia aula debaixo das árvores, no espaço que tinha, né? Então, foi desse jeito aí.

No primeiro dia, nós chegamos, até ajeitar tudo... Porque, você vê, nós viemos de Cascavel. Os barracos que nós tínhamos em Cascavel foram jogados em cima de carretas, vieram umas par de carreta, aí quem conseguia, que tinha um carro velho, ficou para estrada (risos), porque é longe. Cascavel daqui lá, não é fácil. Aí deu trabalho. O primeiro dia de aula no começo ali, não teve aula, né? Mas o primeiro dia de aula na escola mesmo, foi uma alegria. Nós fizemos festa, inauguramos a escola, tudo, e aí fizemos o maior ferveo ali. Pois ficou muito

---

<sup>266</sup> Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada na Fazenda Itapema, no município de Jacarezinho.

<sup>267</sup> Fazenda Itapema.

<sup>268</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP). Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

bacana mesmo, com mística<sup>269</sup>. Então sempre evoluiu a escola. Que, na realidade, essa escola aqui, até hoje, está formando muita gente. Já formou muita gente até hoje! Aluno que está dando continuidade fora ainda, né?

Quando chegamos aí, foi um estalo, foi numa semana só ajeitando as coisas nossas. E a primeira ideia foi organizar a escola, que as crianças precisavam estudar. Apesar que elas não pararam de estudar, porque eles ficaram estudando ali, como eu te falei, embaixo de árvore, em algum lugar, alguma casa que estava lá, um casarão que tem lá, não sei se você já esteve naquele casarão, então, ali tinha umas salas de aulas. Eu até estudei naquela sala de aula. Então a ideia foi as crianças começarem a estudar, desde a primeira semana, já começarem a estudar aqui. Vieram os educadores, já vieram de lá, porque, quando é indicado, onde cada família está vindo, eles já dividem, escolhem a família que tem um educador ou uma educadora, né? Como teve família que veio com dois, duas, educadores, então essas pessoas já vieram junto, para as crianças não ficarem sem aula. Daí veio o pessoal com estudo formado já para dirigir Jacarezinho, que vem dar aula para os maiores. Eu nem sei qual das séries, da quinta, sexta, a oitava, eu não entendo muito bem. Sou analfabeto até hoje quase! (Risos)

No início, o ensino era oferecido na escola, foi primeira à quarta, né? Era dado até construir a escola, mas depois que construiu a escola, aí já foi até da 1ª à 4ª série e da 5ª à 8ª série, que era o que se fazia aqui. Até hoje, eu acho que está funcionando nesse sentido aí, eu não sei, não tenho acompanhado a sala de aula mais hoje.

O acesso aos materiais didáticos, eu acho que foi uma equipe da educação daqui que foi em Jacarezinho e conseguiu com a escola lá de Jacarezinho. O que era para fazer, eu não posso te dar a ideia, porque eu não fazia parte da educação nessa época aí, e nunca fiz. Eu trabalhava na produção, mas veio através da escola de Jacarezinho.

A educação, eu sei que foi uma luta e era um incentivo. Até hoje é um incentivo, né? A questão da educação, é se quer crescer na vida ou fazer alguma coisa na vida, você tem que estudar né, tem que ter formação, educação. Eu mesmo fui um cara que, quando eu entrei no Movimento Sem Terra, eu só sabia trabalhar para os outros caras. Eu não tinha noção do dinheiro que eu ganhava. Eu jogava fácil meu dinheiro fora, porque você não tinha noção, não

---

<sup>269</sup> A mística “consiste em acontecimentos sócio-políticos que se manifestam em práticas discursivas e não discursivas através das quais os sem-terra identificam-se e reidentificam-se com os saberes do MST” (INDURSKY, 2014, p. 109). “As místicas costumam acontecer nos mais diferentes espaços como acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, tomando a forma de hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás. Diria que esses rituais, por outro lado, dão sustentação às ações e demandas do MST, servindo como elementos potencializadores da capacidade de luta [...]” (INDURSKY, 2014, p. 113).



tinha ideia. Então, dentro do Movimento Sem Terra, o Movimento Sem Terra foi que me deu a formação, não tanto, mas no dia a dia mesmo, né? Até hoje. Cara, eu trabalhei, eu corri muito. Eu ia, nós íamos para Curitiba<sup>270</sup>. Olha, eu tive aula de formação mesmo com pessoas que têm entendimento de gabarito para a coisa. Deus me livre, nessa agroecologia mesmo, não sei se você ouviu falar em agroecologia. Então, ali, eu nunca perdi uma agroecologia, porque tem muita gente que vai lá para vender as coisas. Hoje está meio, meio quase nesse sentido. Mas a agroecologia era uma coisa super... Eu aprendi muito. Tinha plenária mesmo, que era todo dia a plenária. Vinham professores dar palestra para nós, n? Eu até estava olhando o Facebook hoje, tem um professor, um barbudo, que você deve conhecer, um cara muito famoso, e eu esqueci o nome dele, mas aquele cara, ele ia direto nas agroecologias dar formação para nós lá.

Cara, eu hoje eu estou meio parado com a escola, no que precisar lá, esses dias mesmo. Não sei se vocês estiveram lá agora, há poucos dias, eu estive lá ajudando, que agora estão fazendo de madeira, de tábua, né? Então eu tive ajuda, até hoje eu participo, se precisar de alguma coisa. Só que hoje está bem menos, as crianças que estudam, mas a escola está andando, tem um pessoal da educação aí e que estão trabalhando para que dê continuidade na escola, né?

Cara, a dificuldade é grande, mas nunca podemos perder a esperança, né? Eu acredito que, se houver mudança de governo, mesmo que não houver, a pessoa tem que acreditar. Porque eu fui um cara que acreditei, que quando eu fui acampar, nós fomos em 12 famílias acampar, ficou eu e esse irmão meu hoje que tem aí, daí tem meu sobrinho, eles estudaram dentro do Movimento. A agroecologia mesmo foi um deles que estudou. Hoje tem a cooperativa, até onde o Lula esteve lá agora, há pouco tempo. Eu fui lá. Fui lá ver o Lula também. Fui lá no Eli Vive. Hoje, eles estão desenvolvendo um processo lá, a coisa mais linda, rapaz, que são as fábricas, né? Então o Lula deu muita esperança para os Sem Terra, né? Tomara que ajude, porque precisa só de uma força. Se existe um agricultor, um camponês, se existe, está no Movimento Sem Terra hoje. Você que correu, aqui no Assentamento, tem cara aí, que não está merecendo, né? Mas a maioria aqui é camponês. Cara que está lutando aí, não está dando trabalho para o governo mais (risos), não é fácil, não, a corrida. E o cara que está acampado aí. Ainda mais agora, com essa pressão do Bolsonaro<sup>271</sup>. Não tem nem como muito pôr a cara para fora, né, porque o homem está... O Movimento Sem Terra mesmo deu aquela freada<sup>272</sup>, né? Ele está vivo, mas é forte o Movimento Sem Terra, é muito forte. Por isso que o cara bate muito em cima, porque tem medo mesmo, né? Que o Movimento, eu participei de muita, muita ação do

---

<sup>270</sup> Capital do estado do Paraná.

<sup>271</sup> Jair Messias Bolsonaro era presidente da República Federativa do Brasil à época da entrevista.

<sup>272</sup> Referência ao momento político do país, no governo Bolsonaro.

Movimento, muita mobilização. Nós estivemos em Brasília<sup>273</sup> mesmo. Eu fui três vezes em Brasília fazer mobilização lá. E nós chegávamos a 20 mil pessoas cara, entrar lá, naquele negócio lá, daquela esplanada. E se pode notar, que geralmente a mídia mostra, é, os caras vão lá só pra quebrar as coisas, mas geralmente quando acontecia algum ato lá em Brasília, que é de provocação, quem provocava eram os próprios guardas que estavam lá, que provocavam as pessoas para dar um tumulto, fazer o tumulto. Mas o Movimento, a direção que existe no Movimento, por isso que as pessoas que iam lá era todo selecionado, que tem gente muito simples, outros com algum conhecimento. Então ele levava aquele povo lá para não dar rolo. O João Pedro Stédile mesmo lá. Aquele cara é muito gente boa, demais. Uma vez, nós fomos lá e fizemos seis barracos lá na frente. Em 10 minutos, fizemos seis barracos, uma mobilização que teve lá. Aí esse João Pedro Stédile foi um e a mídia em cima, né, e esse João Pedro pregando, e um vento que estava arrancando lona, deu trabalho, mas é muito bacana. Mas se não fizer essa pressão, nada acontece, cara. Então mesmo que sendo no governo Lula ainda, foi no governo Lula que foi feito isso. Que tal, se fosse no governo de hoje atual, você pode notar, não existe mobilização lá em Brasília, não tem nem como entrar lá. Eu acredito que vai dar muito, muito pau, né? Só que, hoje, se os caras me chamarem para ir com a mobilização, eu vou mesmo. É uma coisa boa, né, uma coisa certa o que está sendo feito, né? Mas eu andei nos “fervos” aí, que tá louco, rapaz! Ocupar a área mesmo, nossa, despejo, bater de frente com aquele time todo ali, rapaz. Eu aprendi muito, eu agradeço ao Movimento, que eu sou hoje, sério mesmo. Que eu era um cara muito tapado, que hoje eu tenho meus irmãos que estão fora do Movimento, são tudo bolsonaristas, cara pobre, que não tem nada e batendo boca, piá. Tem região aí que o cara não pega, não tem conhecimento, tem visão, você tenta explicar, quanto mais se explica, mais o cara bravo com você fica, né? Então, pelas redes sociais, eu tenho, eu sou meio “simprão”, mas ainda puxo alguma coisa ali, né? Aí, de vez em quando, nós damos umas debatidas, mas não está fácil, não (risos), não tira das ideias de ninguém, né? É, amigos meus que ficaram para trás lá. Eu até tive uma época, um tal de Vila Nova em Pitanga<sup>274</sup>, que eu fiquei, morei 7 anos lá, para daí entrar no Movimento Sem Terra, né? Nos últimos sete anos, eu ainda trabalhei para um irmão meu lá, que tenho um irmão rico lá, tem mercado, tem um monte de coisa e eu trabalhei sete anos com ele. Rapaz, chegava a época da eleição, e eu era um cara que, na política, eu não me envolvia. Se eu visse ali uma santinha de uma mulher bonita, eu votava nela, cara (risos), olha, pra você ver a consciência. Onde é que estava a consciência, né? Você foi criado

---

<sup>273</sup> Capital do Brasil.

<sup>274</sup> O município de Pitanga está localizado na mesorregião Centro Sul Paranaense, microrregião de Pitanga, e a uma distância de 341 km da capital Curitiba.

num meio que não existia e tem muita gente nesse sentido hoje ainda, né, que não está nem aí pra política. Fala em política, o cara pula longe. Mas, se nós não entrarmos na política, nós nunca vamos mudar o Brasil, né? Nunca vão mudar as coisas. Então, esses meus irmãos lá, Deus me livre. Briga com você. Ele até esteve aqui, logo que eu entrei no lote, ele teve aqui passeando. Até nós ficamos meio isolados um do outro que não tem conversa. Tem um filho meu em Manoel Ribas, a minha filha não, a minha filha mora em Ourinhos<sup>275</sup>, aqui. Ela se criou junto comigo, bem dizer, ela só não foi acampar na época comigo. Ela tinha 15 anos quando eu fui acampar. Ela foi embora para a casa da avó dela em Curitiba, que até eu também não conhecia Movimento Sem Terra. Eu tinha medo e falei: “vou levar minha filha de 15 anos, no meio de bandido, de tranqueira?”. Mas eu estava consciente que era a única solução para mim, parar de trabalhar de empregado. Eu tinha essa noção comigo, né? Que eu tirava leite para meu irmão lá, eu tirava em média de 250 a 300 litros de leite para o meu irmão lá, e eu ganhava 20% desse leite, cara. Então, ele embolsava R\$ 3.000,00, R\$ 4.000,00, e eu pegava R\$ 500,00. Eu falei: “que saber de uma coisa?”. Daí o Lula... Eu sempre fui esquerda, eu, mesmo fora da política, os caras vinham lá na época da eleição, com meu irmão lá, ele sempre foi de direita. É, eles vinham lá em casa, querendo fazer minha cabeça para votar nos caras. Eu não votava, eu caía fora, eu não tinha consciência de política, mas eu sempre fui esquerda. Então eles iam lá até comprar, porque hoje em dia, sempre foi, né, os caras: “eu dou isso, eu dou aquilo”. Eu falei: “Rapaz, eu não preciso disso, desse tipo de coisa”, né? Eu sempre fui consciente desse lado. Então eu entrei no Movimento Sem Terra, foi onde eu aprendi muito nessas caminhadas doidas, e eu aprendi muito, cara. E, hoje, pela esquerda aí nós lutamos bastante. (Risos)

Rapaz, foi uma alegria enorme quando consegui o meu lote, e a primeira coisa aqui era água, né? A primeira coisa que você pensa é em água. Aí, meu vizinho ali, nós já éramos vizinhos de barraco lá embaixo<sup>276</sup>. Aí nós fomos selecionados, porque tem toda uma seleção de família para pegar a terra, né? Faz uma seleção tal, quem quer. Eu morava lá embaixo, morei seis anos lá embaixo, atrás do casarão lá. Eu adorava aquele lugar. Eu sempre gostei da Itapema, que ali é muito bom de água, de mata. E aqui, apesar que aqui também tem, mas água aqui é menos, né? Só que você pode olhar, hoje tem o poço artesiano, mas aquele povo ali sofreu. Agora que foi funcionar esse poço. Aí eu e meu vizinho chegamos aqui e era por grupo. Um grupo de 10, 12 famílias, que foram feitos os taião, que foi dividindo a terra. São seis grupos, joga seis números, lá dentro da bagaça e nós queríamos pegar aqui, que começava aqui o grupo

---

<sup>275</sup> O município de Ourinhos está localizado na mesorregião de Assis, microrregião de Ourinhos, e a uma distância de 372 km da capital São Paulo.

<sup>276</sup> Referência à Fazenda Itapema.

1, daí 2, 3, 4, 5 e 6. Aí, o que aconteceu? Na época lá, nós reunimos o grupo, todo mundo reúne as famílias, era aquela festa, teve festa, nossa, foi um fervo, aí teve várias autoridades. É uma coisa muito legal! Aí os seis grupos, mexia lá, aí começou. Como eu nem sei por que grupo que começou, eu acho que foi, quem que topava de pegar a pedra, né? Deus o livre de pegar lá em cima. Não tinha água, né, pegar por outro lado também, em outro lugar, o melhor era o grupo 1. Mas até nos lotes 5 e 6, naquele tal Joãozinho<sup>277</sup> ali, até lá do José Pedro<sup>278</sup>, você vê, hoje no Zé Pedro lá é seco, né? Só que hoje tem água do poço, mas ele sofreu muito ali. Daí nós queríamos o grupo 1. Queria pegar, nós éramos do grupo 1 e queríamos pegar o grupo 1, o número 1, né, que era a pedra número 1. Eu falei: “mas eu sou azarado!”. Eu que era coordenador do grupo. Eu falei: “Mas eu sou azarado para pegar a pedra, cara”. Aí os caras, então não mexe, deixa quieto. E foi indo, foi indo, e o grupo 1 foi ficando, a pedra 1 foi ficando. Aí, no final, tinha o 6 e o 1. Aí até o grupo do Júnior<sup>279</sup> lá. Aí o Junior era coordenador do grupo dele, o 6 lá, ele que estava à frente, aí eu fui para pegar lá, que era dentro de um saquinho, né? Fui para pegar a pedra, os cara falaram: “deixa quieto esse negócio”, aí o Júnior falou: “Ah, vocês estão se amarrando demais”, e já meteu a mão e pegou o grupo 6 lá, o lote do taião 6, que era esse fundão aí, ele pegou uns lotes compridos lá, ele falou que até no mapa do Incra, nós acompanhávamos muito aqui a medição do lote e tal, então, no mapa, vinha certinho, né, que eles tiram, e fica bacana, daí depois dos lotes, que já é tudo dividido por computador. Eles fazem um negócio. Aí o Junior disse: “Deus me livre, se eu pegar esse lote aí, eu vou embora”. E você acredita que, no final, ele estava naquele lote, cara, está até hoje lá! (Risos). Daí caiu aqui, o taião 1, aqui para nós, né? Que é o grupo 1, daí vai 10 pedras lá dentro, daí é dentro daquele globo lá, 10 pedras, de 1 a 10, aí fizemos uma fila, as famílias, né, eu acho que eu era o terceiro ou o quarto que estava, eu não queria estar muito lá na frente e nem muito lá para trás. Eu falei: “Deus me livre de pegar um lote lá pra cima”. Aí eu com o Ademir<sup>280</sup> aqui, que é outro amigo meu, o Ademir falou: “Ô nego, eu queria o lote 1 lá embaixo, lá é água, e eu gosto muito de mexer”. Eu até tinha aquela ideia de criação, eu até mexi muito com criação, mas abandonei tudo aqui (risos), o leite ficou um preço miserável de ruim. Aí o Ademir falou assim para mim: “Ô nego, o negócio é o seguinte, cara, se você pegar o lote 4 e eu pegar o lote 1, aí nós trocamos”. Porque podia trocar, né? Aí eu era o terceiro, eu acho que era o terceiro, o cara rodou, rodou, deu vontade de correr lá para traz de novo, para não ser sorteado, aí eu falei:

---

<sup>277</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>278</sup> José Pedro Oliveira, entrevistado nesta pesquisa.

<sup>279</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

<sup>280</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

“Ah, não, vou correr nada”. Que a chance de pegar o 7, 8, 9 e 10 era grande, né, cara? Porque era meio a meio quase, até do Joãozinho ali, já é mais embaixo, né? Até o 6 era mais ou menos. Falei: “Ah, vou correr é nada, já que estou aqui, vou ficar, né?”. Aí o cara rodou lá e a pedra caiu, e eu não consegui ver o número da pedra que caiu embaixo. Aí o cara me puxou, 4, eu falei “beleza pura”, porque eu já aqui, mais ou menos, já tinha ideia de onde que era o lote. Aí eu até falei para o meu companheiro, “o negócio é o seguinte, eu peguei o 4, agora se você pegar o 1 lá embaixo, nós fazemos rolo”. Daí ele pegou o 5, ficou do lado, daí eu falei “agora não tem como trocar, né cara?”. Porque eu já estava mais embaixo aqui, eu não conhecia nada do mato aqui. Daí eu e meu vizinho aqui, o Jacir<sup>281</sup>, o Jacir foi um dos últimos caras, tinha só o lote 3 e os do 6 para cima, o Jacir estava com a mulher dele. Eu falei: “esse coitado vai pegar lá pra cima”. Nós éramos amigos, nós somos amigos até hoje. Aí o Jacir foi e não é que pega o lote 3 aqui, cara? Isso foi numa sexta-feira. Aí eu falei: “Ô Jacir, o negócio é o seguinte, cara: amanhã de manhã, vamos atrás de água”. Porque nós precisávamos construir, porque, sem água, e ele até ele construiu a casa dele puxando água lá de baixo, até nós comprarmos os encanamentos. Pegamos até uma reta aí do mato, sabia que tinha água aqui dentro, pelo mapa dava pra ver. Você acredita que a primeira água que tem aqui, todas as minas aqui são boas. Dá 800 metros daí de longe para dentro da mata, e nós começamos a andar, andar, eu falei: “rapaz, nós não vamos achar água nesse negócio aqui!”. Só que nós estávamos subindo demais, aí eu falei: “vamos descer, qualquer coisa, nós achamos algum ‘correguinho’, tem que ter!”. Quando nós descemos, tinha um plaino lá, que tem um alqueire, até hoje, quase ninguém conhece, de pupunha, é palmito, tem um alqueire mais ou menos de palmito, mas palmito um em cima do outro assim, coisa mais linda. Aí, quando nós chegamos naqueles palmiteiros ali, eu falei: “palmito sempre gosta de um pouco de água”. Aí eu já sou meio cego mesmo, né, no meio do mato ainda, aí o Jacir falou: “Ah lá, rapaz, a aguinha escorrendo lá!”. E eu falei: “Onde, rapaz?”. Um “correguinho” assim, rapaz, mas era uma época bem de chuvarada que tinha dado, então, quando eu cheguei mais perto, eu já escutei a buia d’água, eu falei: “rapaz do céu, agora sim, né? Agora vamos ver onde é que nasce essa mina!”, para ver se vem por gravidade, a água vem por gravidade, né? Rapaz, a água de 800 metros, para sair lá em cima no lote, então daí fomos lá, na mina d’água. Aí fizemos a metragem, deu 800 metros até sair aqui, aí o Jacir tinha que puxar lá. Daí eu fui, comprei 400 metros, sem dinheiro nós estávamos, estava feio na foto, mas conseguimos. Eu consegui 400, não sei como eu comprei 400 metros de cano, aí puxei, nós fizemos a instalação e hoje está aí, fizemos a proteção da mina, porque tinha uns técnicos aí

---

<sup>281</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

que ensinaram como fazer, até ajudou a fazer. Você limpa bem, cavuca bem, enche de pedra e faz um cimento e terra e faz uma proteção, e deixa só a caída d'água. Está até hoje fumegando. Estamos com água aí. Eu até tenho um tanquinho de peixe e aí, depois eu puxei outro encanamento do riozinho mesmo, e joguei ali, e tem uns peixes que eu crio.

#### 4.9. Narrativa: Varlete Ines Calixto

**Data da entrevista:** 06 de maio de 2022.

**Local:** Em sua casa, no município da Barra do Jacaré.

**Tempo de duração:** Trinta e três minutos.

Apresentamos, na Figura 11, uma linha do tempo, contendo alguns acontecimentos importantes na vida da colaboradora até sua chegada na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

**Figura 11:** Linha do tempo Varlete Ines Calixto



**Fonte:** Realizada pelo autor

Meu nome é Varlete Inês Calixto. Eu sou da Barra do Jacaré<sup>282</sup>, sou professora, sou pedagoga e estou secretária da Assistência Social. Sou formada em Letras Francês e Espanhol,

<sup>282</sup> O município da Barra do Jacaré está localizado na mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 393 km da capital Curitiba.

em Pedagogia, e sou pós-graduada em quatro áreas: Educação Especial, Psicopedagogia, Educação do Campo e Pedagogia Empreendedora.

Sobre minha vinda para a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, para resumir, eu vi na internet que tinha uma vaga para Jacarezinho<sup>283</sup> e eu, como iniciante, a gente não escolhia vaga naquele tempo. Na verdade, foi meio que falta de opção mesmo. Eu vi que eram 20 aulas. Era uma proposta boa e era em uma escola só. Aí eu resolvi arriscar e vi onde era, levei a benção de ser na fazenda<sup>284</sup>. Na Escola Itinerante, onde eu fui, já fui para assinar o contrato e ficar lá, porque eu sabia o que eu queria. Então foi uma coisa assim. Eles me escolheram e eu escolhi ficar na Escola Itinerante, mais ou menos isso.

A minha ida para a Escola Itinerante, eu me lembro que eu tinha uma moto e eu era recém aprendiz de direção. Eu tinha a carteira havia muito tempo, mas não dirigia. Aí, eu fiquei um ano com a moto, mas eu tinha medo. Nessa época, lecionava só em Jacarezinho, lecionava no Celem<sup>285</sup> Francês. Depois, no final do ano, eu peguei a escola ali das Irmãs Imaculadas<sup>286</sup>, para lecionar Língua Portuguesa. Foi onde eu comprei essa motinha para ir trabalhar. E aí, eu já fui para assinar o contrato na escola com essa moto. Eu sabia que era no Sem Terra<sup>287</sup>, porque alguém me ligou e falou que era uma Escola Itinerante. E aí alguém me ligou e falou: “Se você quiser, já vem para ficar”. E eu perguntei: “Mas ficar como?”. Aí eles falaram: “Acampada!”. Eu falei: “Então eu estou indo!”. Eu coloquei na garupa da minha moto, um colchão, porque foi a única coisa que eles pediram, um colchão, um cobertor, roupa de cama e a minha roupa para a semana, que eu já ia para ficar. E assim foi. Até Jacarezinho, eu fui sozinha, de Jacarezinho para lá, foi um carro na frente, mas ele, assim, se foi longe. Até uma altura, ele ficou perto, depois ele sumiu e eu fui. Fui arriscando na estrada e aí a gente conseguiu chegar no destino, com uns atropelos no meio do caminho. Mas eu consegui chegar lá.

Sobre a minha primeira aula, eu tenho bastante lembrança. Os alunos não cabiam no casarão, né? Eu cheguei lá, já tinha, já funcionava da 1ª à 4ª série. Os pequenininhos já estavam dentro do casarão, usando alguns quartos, salas e a área de serviço. Aí não sobrou muita opção para a gente. A gente tinha duas turmas que ficavam no casarão e duas turmas que ficavam numa cocheira de vaca, no meio do pasto. Então, a gente dava aula sempre de duas em duas aulas, por causa da trajetória, que levava uns sete minutos para a gente descer ou subir. Então,

---

<sup>283</sup> O município de Jacarezinho está localizado na mesorregião Norte Pioneira Paranaense, microrregião de Jacarezinho, e a uma distância de 385 km da capital Curitiba.

<sup>284</sup> Fazenda Itapema, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>285</sup> Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, instituído em algumas escolas da rede estadual paranaense.

<sup>286</sup> Escola das Irmãs Imaculadas, localizada no município de Jacarezinho.

<sup>287</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

era uma média de 12 a 16 alunos por sala. A menor sala tinha 12 e a maior sala tinha 22 alunos, que era a 6ª série, que era lá embaixo, na coqueira da vaca. Então eram duas turmas, 6ª série e 7ª série, lá embaixo, 8ª série e 9ª série, que era a menor quantidade de alunos, na casa. E essa era a trajetória. A gente tinha que passar e correr do boi. Tinha um touro muito bravo que corria atrás da gente, mas era bom, era muito bom. Foi um tempo muito bom mesmo, só o frio que não era bom lá, no frio, a gente não tem boas lembranças, porque gelava tudo, o pasto congelava. Então, o frio foi meio cruel. A gente começou enfrentando o frio lá.

Eu creio que eu participei da construção da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira de todas as formas, né? Eu participei da construção da formação das turmas. Eu participei antes da escola. Aí, depois da formação da escola, eu participei desde mutirão para ajudar na estrutura mesmo, na parte física, até na separação de sala, os projetos, onde ia ser cantina, onde ia ser biblioteca, onde iam ser as salas. Tinha uma sala que a gente rebocou de barro, com bosta de vaca e bambu, casa de pau a pique. Essa parte eu não ajudava, não. Mas, assim, participei de tudo, da construção da horta. Tinha a horta comunitária e depois teve um projeto de uma horta redonda, horta mandala. Foi muito bom. Colhemos muita coisa boa ali, muito, muito, muito.

E era muito, muito precário, porque, não tinha alimentação para todos os alunos. Para os alunos do turno da manhã, das séries iniciais do Ensino Fundamental, não era disponibilizada alimentação pela prefeitura ou pelo estado. Para os alunos do turno da tarde, das séries finais, o estado enviava. Então o que o governo mandava para a escola, de 5ª à 8ª série, tinha que todo mundo comer, porque a prefeitura não mandava para os pequenininhos lá também. Então, assim ficou um tempo, muito difícil, muito mesmo. A gente arrecadava alimento, eu arrecadei. Aqui na Barra do Jacaré, tinha uma fábrica de macarrão. Levei muito macarrão na garupa da moto, de saco. Levei muita coisa para poder ajudar, porque era o nosso alimento e eu também ficava lá. Então eu comia o que eles comiam. Foi um tempo muito difícil. E, aí, a comunidade é que se dividia com o que plantava e eles plantavam e produziam muito. Na parte de agricultura familiar, eu digo, né, eles plantavam muito. O que se produzia na horta era o que salvava. Aí vinha, né, do estado as cestas básicas do MST. Então, uma parte, era um acordo, ficava na escola, cada um cedia um pouquinho da cesta para ficar na escola. A comunidade fazia reuniões, aí cada aluno levava o que se produzia em seu lote, e os professores também ajudavam no que podiam. Foram uns três anos que tivemos essa dificuldade. E assim a gente tocava, não tinha merendeiro, não tinha ninguém. Era o pessoal da comunidade que fazia merenda e foi uns dois anos assim, até tudo isso ir se estruturando como é hoje.



O processo de arrecadação dos materiais, nossa, eu me lembro, que a prefeita<sup>288</sup> ajudou com um pouco. Na época era um prefeito, não era a prefeita. A comunidade ajudou com a maior parte. Porque era simplesmente eucalipto, que fez a estrutura toda da sala, a telha, a prefeitura deu, e o madeiramento de volta foi arrecadado com doação mesmo. Aí veio uma verba do MST para comprar um pouco de madeirite. Aí colocou, ficou muito bonita a escola, muito, muito, muito. Mas era muito fraquinho. Um ano já estava tudo deteriorando. Na época, a gente teve na escola o projeto de fazer com o professor de Ciências, o professor Franco<sup>289</sup>, de Jacarezinho, o forro de caixinha de leite para diminuir o calor. A gente teve uma sala inteirinha, tudo grampeadinho. Ficou muito, muito bom, mas também não durou, porque lá venta muito. Chovia muito dentro da sala. Quando chovia, era um caos, né? Não ia o professor para lá e eu ficava sozinha com todas as turmas, segurando todo rojão sozinha. Fiz isso muitos e muitos anos. Porque a ponte cai, a ponte rodava, fazia muito buraco na pista quando a chuva era grande. Acho que até hoje ainda faz, desce pedra dos morros. Então, assim, se chover forte não dá para ir ninguém e muitas vezes não deu pra eu vir embora nem no final de semana.

Eu não quis participar como acampada, não quis. Recebi proposta e insistência, porque, na verdade, eu não escondo e nunca escondi isso deles, eu estava lá pelo dinheiro, mas eu não concordava com o MST. Eu não concordo com a meta deles. Eu trabalhei para ter a minha terra, eu perdi minha terra, eu trabalhei e comprei de novo. Então eu não achava certo. Eu sempre achei bonito o Movimento. Eu sempre achei bonito, eles falam da organicidade, que é a organização da organização, a organicidade deles é impecável. Só que eu não concordava com a luta. Então, assim, muitas vezes eles iam para a manifestação sem nem saber o que estavam indo fazer. Então eu não achava certo aquilo e eu não achava certo ensinar aquilo também para os alunos. Só que eu tinha que ensinar, entendeu? Então, muitas vezes, eu bati de frente com eles lá, quando eles vieram perguntar para mim se eu queria. Só que eu teria que ficar fins de semana e teria que produzir lá. Aí eu falei: “Não é nem por ficar aqui no fim de semana e produzir, o problema é que eu não concordo”. Eu não concordo. Eles falavam: “Mas a terra está perdida”. Então por que até hoje não saiu a segunda fazenda? Então, quer dizer, o dono está se batendo porque aquela terra é dele e ele também deve ter pago. Então eu não achava justo. Eu não participei. Eu ia a todos os manifestos que era para a escola ir, eu ia, levava os alunos. Eu ensinava, eu falava, o que que era para fazer, mas, assim, para mim, eu não concordava. Então eu nunca quis.

---

<sup>288</sup> Tina Toneti, prefeita eleita por dois mandatos, no município de Jacarezinho.

<sup>289</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

Com a chegada das famílias a essas terras, eu me recordo que muitas crianças precisavam de acesso à educação. Quando chegaram aqui nas fazendas, eram umas 65 crianças, de 1ª à 4ª série. Esse dado eu acho que eu lembro, eram mais ou menos uns 80 menorzinhos, que eram desde a Educação Infantil até o adulto, e EJA<sup>290</sup>, eu trabalhei com eles também. Era uma média de uns 25 alunos por turma, tinha duas turmas de EJA, uma de Ensino Médio e uma de Fundamental, que funcionava à noite no casarão. No segundo ano, não no primeiro. No primeiro ano, foi só de 1ª série à 4ª.

Quando eu cheguei na Escola, os pequenininhos já estavam estudando. Então, quando a gente chegou, a escola já estava montada, só que não tinha estrutura certa. A gente chegou mais ou menos em março, abril, foi aquele ano todo na escola improvisada. Foi rapidinho para construir. Foram dois, três meses e já foi concluído. Aí foi em 2009 que iniciaram as atividades na escola mesmo.

No início, eram oferecidas, aqui na escola, só a 1ª, a 2ª, a 3ª, 4ª e a 5ª série. Depois, 6ª série, 7ª série e 8ª série. Isso no primeiro ano de escola. Quando foi para o segundo ano, já teve a EJA à noite. Depois, teve um ano em que teve uma turma de alfabetização de adultos, à noite também, no próximo ano, e depois entrou o ensino de 5ª série ano do Fundamental. Aí aumentou uma turma, dali uns 4 anos que a gente estava lá, mais ou menos, aí entrou Educação Infantil. Tudo ficou normal, funcionando, tudo certinho. E eu acho que até hoje tem o Ensino Médio lá.

Olha, tinha uma distinção ali de educadores e professores<sup>291</sup>. Educadores que eles falavam eram do MST, professores eram dos anos finais do Ensino Fundamental e do Médio para a frente. No geral, era um educador por sala, da 1ª à 4ª série. No Ensino Médio, era uma escola normal, no Médio e nos anos finais do Ensino Fundamental, um professor para cada disciplina.

No segundo ano depois que a gente entrou, a gente lutou muito e teve a sala de reforço, que diz reforço nas escolas estaduais normais. Lá era uma sala para recuperar também os alunos, mas tinha outro nome: sala intermediária. Isso eu também cuidei, durante todo o tempo em que eu estava lá. Era eu que dava Língua Portuguesa. Então ainda teve mais essa. Eram duas turmas, era Português e Matemática. Depois, teve mais uma turma, de Humanas.

---

<sup>290</sup> Educação de Jovens e Adultos.

<sup>291</sup> Na Escola Itinerante, há uma diferença de nomenclatura para aqueles que atuam como professor: os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são chamados de “educadores” e, geralmente, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP). Já os profissionais da educação contratados pela SEED-PR, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio são chamados de “professores”.

A documentação da escola a gente fazia diretamente com o Núcleo<sup>292</sup>, de 5ª à 8ª série para frente, né? A de 1ª à 4ª série era, no início, um núcleo que tinha perto de Porto Rico<sup>293</sup>, em Querência do Norte<sup>294</sup>, era o núcleo da Escola Itinerante da 1ª série à 4ª série. A documentação era toda por lá. Inclusive, fizemos cursos, dois cursos lá. Depois mudou para pra onde é hoje, em Rio Bonito do Iguaçu<sup>295</sup>. Depois mudou para lá.

A limpeza da Escola era feita pela comunidade. Era a comunidade que vinha limpar o banheiro. Era a comunidade que vinha limpar o entorno da escola. Era a comunidade que fazia a merenda escolar. Era a comunidade que ajudava na merenda escolar. Nós ficamos três ou quatro anos lá sem nem merendeiro. Aí, depois, conseguimos uma merendeira, mas não limpava a escola. No início, a gente tinha o grupo dos Núcleos Setoriais de Base<sup>296</sup>, que, além de vir com eles, a gente criou o nosso, que era de limpeza das salas. Então, a limpeza das salas era a cargo do professor e dos alunos. Chegava no fim da aula, eram 10 minutos antes do horário para a limpeza. Um limpava a carteira, um ia varrendo, fazia aquele poeirão que você não imagina, que quase matava a gente, o outro já ia tirando o pozinho das carteiras. Na hora que o ônibus encostava, tinha que estar tudo limpo e pronto para a noite, porque, à noite, tinha aula de novo. À noite, a mesma coisa. Então, assim, a organicidade deles de limpeza também era diferente da escola convencional, em que os alunos não estão nem aí. Não estão nem aí para jogar lixo no chão. Lá sempre tem, que vocês sabem que o Joãozinho está em todas as salas. Mas, então, um cuidava do outro, quando era tudo separadinho. Cada dia, tinha uma equipe que ficava até mais tarde para limpar a sala. Então era tudo, a comunidade mesmo que fazia.

O material didático da Escola Itinerante, de 1ª à 4ª série, vinha do núcleo deles, que era em Querência do Norte, depois, em Rio Bonito do Iguaçu. Então vinha de lá. E do estado, cada um se virava, como sempre, né? Eu ia, no início do ano, a todas as salas de aula. Pedia para todo mundo dar o restinho que sobrou do ano anterior, todos os cadernos, bolsa, estojo, lápis, borracha. Eu reformava tudo, eu reciclava tudo em casa, arrumava as bolsas na máquina de costura, arrancava as folhas dos cadernos. E, no primeiro dia de aula, eu levava para todo mundo. Aí, quando eu comecei a ganhar um dinheirinho, quando começou a melhorar para a

---

<sup>292</sup> Núcleo Regional de Educação, vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná.

<sup>293</sup> O município de Porto Rico está localizado na mesorregião Noroeste Paranaense, microrregião de Paranavaí e a uma distância de 613 km da capital Curitiba.

<sup>294</sup> O município de Querência do Norte está localizado na mesorregião Noroeste Paranaense, microrregião de Paranavaí e a uma distância de 630 km da capital Curitiba.

<sup>295</sup> O município de Rio Bonito do Iguaçu está localizado na mesorregião do Centro Sul Paranaense, microrregião de Guarapuava, e a uma distância de 381 km da capital Curitiba.

<sup>296</sup> “O Núcleo Setorial é uma célula organizativa da Escola Itinerante, espaço central de organização dos estudantes, que corresponde ao espaço no qual os estudantes vivenciam e praticam a auto-organização e o trabalho real, concreto” (MARIANO, 2016, p. 201).

gente também, para minha disciplina, eu exigia um caderno separado, que eu levava no começo do ano, então era da minha disciplina. Se quisessem usar para outra coisa, poderia. Mas aquele caderno era da minha disciplina, porque eles esqueciam o caderno em casa, eles não tinham caderno, não tinham nada. Então eu comecei a fornecer. No primeiro dia de aula, eu dava uma caneta azul, uma caneta vermelha, um lápis com uma borracha na ponta e um caderninho de espiral, de espiral para eles não estragarem, para arrancar as folhas. Então eu cuidava desse material deles. Quando eles falavam “não tenho”. “Cadê o seu? Eu te dei um!”. Porque lá, nem no bar, não tinha um lápis e uma caneta para vender. Quando ficava sem, tinha que esperar o pai ir à cidade. Aí a gente lutou, começou a levar lápis e borracha para vender no bar, que era a única coisa que eles tinham, né? Então, assim, foi difícil, mas foi prazeroso ver cada conquista que a gente tinha com eles. Eu trabalhei na escola por nove anos.

Os professores da 5ª série para frente, eram remunerados pelo estado. Mas de 1ª à 4ª série, nem todos, tinha um remunerado por sala e um, assim, com um valor simbólico. Eles tinham o salário que vinha lá da escola, só que eles dividiam entre eles. Um da sala tinha dinheiro, tinha o pagamento, mas uma parte daquele pagamento também ficava para a escola. Ele não recebia tudo. Todos eles eram registrados com pagamento, os regentes da sala, né, os donos da sala. Só que ele dividia uma parte para ficar na escola e uma parte para pagar dois a quem pagavam um salário menor. Aí tinha duas pessoas para auxiliá-los nas salas. Agora, da 5ª série à 8ª série, não, era tudo pagamento normal. Modéstia à parte, todo mundo reclamava, mas eu achava muito bem pago. Eu nunca, nunca tinha ganhado um dinheiro igual àquele que eu ganhei lá. E eu também não concordava, nunca fui em greve de professor, porque eu achava que era muito bem pago, porque se eles soubessem o que era uma Escola Itinerante para reclamar do salário ali, eles iam ver o que é um salário baixo. Os educadores da Escola Itinerante, sim, tinham um salário baixo, mas os professores do estado não, do estado sempre foi um salário justo.

As salas eram normais, acompanhando do estado, tudo acompanhando. Só que a gente tinha mais tarefa que uma escola convencional, porque nós tínhamos que dar conta do horário convencional e mais o horário do MST. E então eles tinham o horário mais puxado, porque aí tinha que ir mais cedo. Tinha que, às vezes, ir no sábado, por um Núcleo Setorial de Base, tinha que ter um tempo disponível maior para os Núcleos. Então eles tinham um horário mais puxado que o convencional da época.

Sobre a proposta educacional, eu arrisco falar hoje, mas na época eu não podia. Eu achava um pouco, sinceramente, encher linguiça, porque nadava, virava em círculo. Eu fiz formação a vida inteira. Cada formação que tinha, tinha um grupo de doutor fazendo pesquisa.

No outro ano, tinha outro, no outro ano, tinha outro. A gente não conseguia concluir o trabalho, a gente não conseguia concluir. Então, assim, ficava, ficava, ficava andando em círculo. Eu não gostava do sistema. Do parecer descritivo<sup>297</sup>, sim, opa, era ótimo. Ao invés de dar nota para o aluno, você descrevia como ele foi. Mas eu não concordava muito com o método de ensino do complexo de estudo<sup>298</sup>. Com isso eu não concordava. Mas, enfim, a gente fazia o trabalho direito. Mas, agora, com o parecer descritivo eu nunca tive dificuldade. Eu tenho dificuldade de dar nota, eu não sei, ele fez uma prova e tirou 5, vou dar 5 para ele. E se ele colou tudo do outro e o outro, que não sabe escrever direito, que sabe mais do que ele, não vai ganhar nota. Então, isso aí, nossa, foi muito bom, muito trabalhoso, mas muito bom.

O que marcou na minha chegada foi a dificuldade encontrada de viver sozinha, numa casa, onde eu não conhecia ninguém, as portas não tinham tranca, nem a porta de entrada do casarão tinha tranca, era tudo aberto. Então, assim, na primeira semana, eu fiquei apreensiva. E a gente sabia, né, a fama do Sem Terra, a gente conhecia o que a Rede Globo falava, que era tudo bandido, que era tudo foragido. Então, assim, eu tive essa dificuldade, sim. Mas, com uma semana, acabou tudo. Aí não tive dificuldade nenhuma. Nunca tive dificuldade de entrar no barraco, tomar chimarrão, tomar café, contar causos, escutar os causos de lobisomem. Ali, eu acreditava no lobisomem. Ali, eu acreditava na mula sem cabeça. Ali, eu gostava. Então a dificuldade foi só na primeira semana e, depois, não tive dificuldade nenhuma. Cada ano que mudava, eu me adaptava. Às vezes, dava uma batida de frente, mas a gente via que não adiantava. Mas, assim, o que mais marcou foi o trajeto mesmo. Tem muita coisa que eu acho que eu devia ter feito um livro. Eu deveria ter feito um livro, cada semana escrever um pouquinho, porque hoje eu esqueço tudo, né? Só numa conversa dessa, que a gente começa a se lembrar, muitos desafios, desafios de percurso, de estrada, desafios de não concordar com algumas coisas, desafio de tudo novo, tudo diferente. Era uma realidade diferente do que eu vivia aqui. E, lá, eles me chamavam de burguesa, porque eu não concordava, eu não queria morar no barraco para querer terra. Então eu falava: “Não, eu sou burguesa porque eu gosto de dinheiro. Eu vim aqui atrás do meu dinheiro, mas eu, tudo o que vocês me disserem, eu faço”. Falavam: “Você é burguesinha”. Eu falava: “eu sou”. Eu acho que sim, porque burguês que gosta de dinheiro, né? E capitalista. Eles me chamavam de capitalista, eu falava: “Eu sou, eu

---

<sup>297</sup> “O parecer descritivo descreve com fundamento científico os conhecimentos trabalhados e os objetivos previstos em cada período. É o documento oficial do resultado da aprendizagem” (COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA, 2020, p. 44).

<sup>298</sup> Os complexos de estudo “articulam teoria e prática, de forma interdisciplinar. Os complexos são construídos a partir de “porções da realidade”, isto é, temas que se relacionam com as vivências nos acampamentos e assentamentos” (SACHS; ALVES, 2021, p. 39).

vivo em torno do dinheiro. Se eu não vier buscar ele aqui, eu não pago minhas contas no fim do mês”. Nunca tive dificuldade de relacionamento com nenhum deles, nem com a direção, nem com nada, com nada. Eu só não consegui pegar a direção da escola, porque eu era PSS<sup>299</sup> e o PSS não podia. Se não, eu teria pego. Mas, de pedagogo, na época, eu poderia ter pego, porque eu poderia ter continuado lá mais tempo, porque de pedagogo teria. Mas eu tinha um medo tão grande de assumir como pedagoga, num lugar onde eu estaria sozinha, né? Aí eu resolvi arriscar me inscrever para Andirá<sup>300</sup>, porque aí eu teria outras pessoas para me auxiliar. Mas tenho vontade de voltar. São dois lugares onde eu tenho vontade de voltar, a Escola Itinerante e a APAE<sup>301</sup>. Porque, durante o tempo em que eu trabalhei em Andirá, trabalhei em APAE e eu ainda penso em voltar ainda para a APAE.

Eu registrava tudo da escola, fotos, vídeos. Era atrás de mim que vinham atrás de vídeo, era atrás de mim que vinham atrás de foto. As festas, era eu que estava à frente, porque eu estava ali. E, outra coisa, eu nunca me senti diferente deles. Enquanto o pessoal da cidade vinha, dava aula e voltava, eu ali ficava, sem uma televisão para assistir. O que eu ia fazer depois das 17h? Eu ia para os barracos, ia tomar café, eu ia brincar com as crianças, eu ia andar a cavalo. Tanto que eu andei a cavalo lá, caí e fraturei a coluna, andando com os alunos. Então, assim, eu não me sentia diferente deles e nunca deixei eles me verem como professora, eu sempre passava que eu era gente igual a eles. Fui criada no sítio, dialeto feio, dialeto errado, mas na escrita eu sou correta. Nunca tive vergonha de falar no meio dos doutores. Quando era para ir, era eu que ia, porque eu não tinha medo de falar. Falo errado, não tenho vergonha. Então era isso que eles gostavam em mim. Na verdade, um enchia o saco de que eu era burguesa. Na verdade, na verdade, burgueses eram os da cidade, que vinham, pegavam aula e iam embora, acabou. E teve um professor que ficou um pouco comigo lá. O professor Érick<sup>302</sup>, teve um tempo grande lá comigo, no casarão, também era difícil a vida dele. Mas ficar lá mesmo, foi só eu.

Mas eu tenho mais lembranças, sabe, como o dia em que eu caí do cavalo, a nossa horta comunitária, nossa horta mandala e tenho fotos dessa horta, era muito, muito, muito bom. As mudanças da escola, as festas juninas, era divino. O pessoal da cidade não dava valor nenhum, porque estava acostumado com coisa de luxo. Mas, para eles lá, era o máximo. Então eu passava que era o máximo. Aquilo era o máximo para nós. E nós entramos, no começo, numa equipe

---

<sup>299</sup> Referência à contratação temporária, via processo seletivo simplificado (PSS).

<sup>300</sup> O município de Andirá está localizado na mesorregião Norte Pioneira Paranaense, microrregião de Cornélio Procopio, e a uma distância de 402 km da capital Curitiba.

<sup>301</sup> Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

<sup>302</sup> Não foi possível encontrar o nome completo mencionado.

muito boa. Os três primeiros anos lá foram muito marcantes. Aí, depois, já não, aí já começou a abrir para concursado. Aí já começou a fazer, porque nós, PSS, dançávamos conforme a música, se eles falassem que era assim, nós fazíamos assim. E já o pessoal que era concursado, tinha sua postura: “Eu venho, dou aula até às 16h, isso aqui eu não posso”. Então foi impondo regras lá dentro. Mas os três, quatro primeiros anos foram os melhores. Foram os tempos mais difíceis e foram os melhores. Não é luxo, não é dinheiro que traz a felicidade, é o bem estar. E foi muito boa essa época.

## 5. UM OLHAR SOBRE AS NARRATIVAS

Apresentamos, nesta seção, um exercício de olhar para as narrativas com as memórias do processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, visando destacar pontos que nos chamaram a atenção. Não se trata de uma análise, no sentido de categorizar trechos das textualizações ou de contrapor versões entre si ou com o referencial teórico adotado; mas, sim, um movimento de trazer à tona discussões possíveis a partir do que os colaboradores relatam em suas entrevistas.

As narrativas possuem, em comum, algumas memórias compartilhadas sobre o Acampamento Valmir Mota de Oliveira e a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Os colaboradores, ao concederem suas entrevistas, falaram do passado por eles vivido, mas também do presente e do futuro almejado. Cada um “faz vir à tona todo um conjunto de percepções, comparações, semelhanças, divergências, todo um entorno metafórico que escapa à mera constatação da imagem do monstro e do herói” (GARNICA, 2008, p. 70).

Nessas singularidades, há contraposições, conflitos e contradições, que nos interessam e que abordaremos nas subseções seguintes. Os temas não são esgotados, mas, de algum modo, são destacados. A primeira subseção trata da oposição entre escolas itinerantes e escolas urbanas, a partir, principalmente, da fala de um colaborador, que valoriza essas últimas como sendo superiores às primeiras. A segunda subseção aborda que a escola inicia suas atividades antes mesmo de existir uma construção que possa ser chamada de escola. Esse foi um relato comum aos colaboradores, que relatam os espaços improvisados para a realização das aulas, enquanto a escola era construída pela comunidade. Por fim, a terceira subseção refere-se às dificuldades de colocar em prática a proposta educacional das escolas itinerantes.

### 5.1 Escolas itinerantes *versus* escola urbana

Um trecho da entrevista realizada com Pedro Cândido do Rosário chamou-nos a atenção, quando ele diz: “Eu acho que tem diferença, né, tem muita diferença da escola aí do acampamento do acampado da escola da cidade, a diferença é grande. Aí teve muita mãe e pai que tirou os alunos daí e levou para a cidade. Aí eles ensinam mais sobre terra, e na cidade não, na cidade eles ensinam o ensino verdadeiro mesmo”.



Por destoar de todas as outras entrevistas, que valorizam a qualidade da educação oferecida pelas escolas itinerantes, essa fala traz à tona uma comparação recorrente entre campo e cidade, no que diz respeito às pessoas e ao acesso a direitos nesses espaços.

Segundo Le Goff (1998, p. 47), a ideia de que as pessoas que vivem nas áreas urbanas são mais sociáveis do que os camponeses tem origem na Idade Média, “o camponês é menosprezado, na Antiguidade, ele é o grosseiro, o rústico, em oposição ao homem da cidade”. Além disso,

[...] a grande valorização do trabalho se dá na cidade. Esta é uma das funções históricas fundamentais da cidade: nela são vistos os resultados criadores e produtivos do trabalho. Todos esses curtidores, ferreiros, padeiros... são pessoas que produzem coisas úteis, boas e, às vezes, belas, e tudo isso se faz pelo trabalho, à vista de todo mundo (LE GOFF, 1998, p. 49).

Segundo Martins-Salamdim (2007, p. 174), “esta dicotomia campo-cidade vai ocorrer mais claramente com o processo de industrialização, quando se intensifica a urbanização no período colonial”. Ainda, ao tratarmos especificamente do Brasil, que “sempre teve como base o latifúndio, com predominância da monocultura de produtos como cana e café, ou extração de minérios destinados à exportação” (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 174), com mão-de-obra escravizada, esse tipo de visão tem um viés de cunho racista. “Este preconceito estabeleceu-se a partir da defesa de um ponto de vista que julgavam tais comunidades rurais avessas aos processos civilizadores (dentre eles a Educação)” (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 174).

A histórica negligência ao acesso à educação pelas populações rurais permite que se coloque em questão a qualidade das escolas situadas no campo. Estudos como o de Leite (1999) e o do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2007) escancaram problemas persistentes nessas escolas.

Não é sem razão que Pedro se posiciona dessa forma. Ele também sabe da precarização das condições das escolas itinerantes, no que se refere à infraestrutura física principalmente, que é vista a olhos nus.

O descaso da SEED-PR com relação às escolas itinerantes não aparece na entrevista dele, mas em outras. Esse descaso refere-se à estrutura da escola, à contratação de profissionais, à alimentação e a materiais didáticos.

Sobre a infraestrutura, Dahiane Inocência Silveira afirma: “o estado usa a situação de que, como não tem o registro da terra, não pode reformar, não pode fazer, não pode dar, mas a gente continua sendo escola do estado, o professor recebe salário do estado, mas esse é o nosso único vínculo com o estado”.

Ela também diz sobre a falta de profissionais para atuarem na escola: “mas a gente continua sem pedagogo, continua sem alguém para ajudar na limpeza, continua sem alguém na secretaria, então, infelizmente, ainda existe um grande descaso do estado com relação à escola itinerante”. E ainda relata sobre o não envio ou envio insuficiente de livros didáticos para a escola: “eu me lembro que, em 2012, principalmente 2011 já, quando eu vim para atuar na EJA, e em 2012, a gente nunca tinha livro e todas as escolas recebiam os livros didáticos, e a escola itinerante nunca tinha recebido o livro didático até então. Então, cada professor se movia como podia, para ir às outras escolas, buscar livro, buscar material, porque nós não tínhamos impressora para fazer cópias, então o acesso aos materiais era cada professor indo atrás do seu material. Eu acho que, a partir do momento que a escola base tornou-se Colégio Estadual Marques dos Reis, foi a primeira vez que a gente recebeu o livro didático do ano corrente, mas nós não recebemos a quantidade adequada para os nossos alunos, vieram somente os que sobraram na outra escola”.

Varlete Ines Calixto também afirma a respeito da alimentação insuficiente: “e era muito, muito precário, porque, não tinha alimentação para todos os alunos. Para os alunos do turno da manhã, das séries iniciais do Ensino Fundamental, não era disponibilizada alimentação pela prefeitura ou pelo estado. Para os alunos do turno da tarde, das séries finais, o estado enviava. Então o que o governo mandava para a escola, de 5ª à 8 série, tinha que todo mundo comer, porque a prefeitura não mandava para os pequenininhos lá também. Então, assim ficou um tempo, muito difícil, muito mesmo. A gente arrecadava alimento, eu arrecadei”.

Alguns problemas não são exclusivos das escolas itinerantes; as escolas estaduais, de uma forma geral, sofrem com o baixo investimento e a sistemática precarização da educação pública. Possivelmente, Pedro ao fazer a comparação entre escolas itinerantes e escolas urbanas não tenha dimensão da questão estrutural da educação no estado do Paraná, por estar distante de outras escolas com problemas semelhantes. Contudo, é necessário perceber que as escolas itinerantes sofrem de maneira mais cruel com o descaso governamental.

Em resposta a isso, vê-se nas escolas itinerantes algo que não é comum ocorrer nas escolas urbanas: o trabalho da comunidade para construção e manutenção da escola.

Franciela Ferreira Machado conta: “eu não tenho muitas lembranças especificamente sobre a construção da escola, mas o que eu lembro muito bem é de estudar lá na cocheira e no casarão. Adorava lá, porque era um monte de crianças, de educadores e professores. Sobre a construção, eu lembro que meu pai vinha lá de cima, da Fazenda Cambará, ajudar na construção da escola, vinham também mulheres, homens e até crianças ajudar no embelezamento da escola e para ajudar na construção”.

Por sua vez, José Pedro Oliveira fala do que a comunidade faz para manter a escola funcionando: “rapaz, para alimentação na escola, quando vinha a alimentação de fora, nós arrecadávamos nos grupos também. Inclusive, até hoje, poucos anos atrás, nós arrecadamos aqui, e levamos para a escola também. E teve trabalho de limpeza, até eu fui fazer a limpeza na escola, é escolhido assim por grupo também. ‘Tal grupo, hoje é dia da limpeza na escola’, iam lá e participavam para limpar. Eu continuo ajudando, precisou, a gente está correndo ali. Eu trabalho de reforma, assim, e o que for preciso, até para ir limpar, se precisar um dia, a gente vai”.

Por fim, há ainda uma preocupação de Pedro Cândido do Rosário com o acampado ou assentado que vá procurar por uma vaga de trabalho fora dali ou que pretende seguir os estudos. Ele diz: “Aí, se a pessoa vai fazer um curso ou procurar um emprego, lá eles não querem saber o ensino de terra, eles querem saber o ensino verdadeiro mesmo, né?”.

Ele contrapõe o “ensino da terra” ao “ensino verdadeiro”, dando a impressão de que há um ensino de verdade, que ocorre nas escolas urbanas, e outro, alternativo, menos verdadeiro, incompleto, insuficiente, “da terra”, realizado nas escolas itinerantes. Há, nessa visão de senso comum, um pressuposto de que haja neutralidade no currículo escolar predominante. Mesmo em meios acadêmicos, esse tipo de entendimento é recorrente. A defesa por uma base comum curricular, muitas vezes, ancora-se nesse pressuposto.

A elaboração de uma proposta pedagógica distinta da mais comum nas escolas, “da terra”, coloca luz sobre essas discussões mais profundas a respeito da elaboração de um currículo e as intenções que se tem com ele. Por vezes, como é o caso de Pedro, chega-se à conclusão de que há um currículo correto e outro desviante.

## **5.2 A escola começa antes mesmo de ter escola**

Nas memórias de alguns colaboradores desta pesquisa, está presente a época em que não havia uma estrutura física própria para a escola, mas que as aulas já aconteciam no Acampamento Valmir Mota de Oliveira.

Antes disso, as crianças e jovens frequentavam escolas urbanas, em Jacarezinho, onde sofriam discriminação. Karina Aparecida da Silva relata, em um trecho de sua narrativa: “éramos chamados de ‘fedorzinho de fumaça’, umas coisas bem pesadas, tanto por parte dos alunos quanto de professores, também, a gente percebia que tinha uma discriminação por parte deles. Então, um dia, as crianças daqui não estavam mais entrando nas salas de aula. Elas

chegavam na escola, normal, e não entravam na aula, algumas ficavam no portão esperando dar o horário de retornar para casa ou, até mesmo, ficavam escondidas dentro do ônibus. Não só por esses motivos, mas isso também que desencadeou a necessidade da construção da escola aqui no Acampamento”.

Marlene Araujo explica que esse foi um dos fatores importantes na decisão de construção de uma Escola Itinerante, juntamente com a consciência da relevância de uma proposta pedagógica própria: “e a gente trabalhando e estudando, a gente também sentiu a necessidade da criação da escola, porque os nossos educandos eram muito discriminados na escola, porque quando chegava à beira da estrada pegava ônibus, e os outros já começavam, que não eram Sem Terra, já começavam a criticar, a falar que eles estavam cheirando a poeira, estava cheirando a fumaça, e as crianças não queriam estudar. Aí, a partir dessa iniciativa de a gente criar a escola itinerante, que foi uma coisa muito boa dentro do Movimento Sem Terra, porque a gente tinha essa proposta diferente do Movimento Sem Terra, né? De a criança não aprender somente a ler e escrever, mas também aprender a se valorizar como ser humano, isso foi muito bom e a gente ajudou a construir essa escola, a gente tem orgulho disso”.

Entre a decisão de ter uma Escola Itinerante e a inauguração de um espaço físico para as atividades, a comunidade do Acampamento Valmir Motta de Oliveira decidiu que, até que a escola ficasse pronta, as aulas seriam realizadas em outros espaços. Jonathan de Campos Meireles relata: “foi coisa de um mês, até que foi feita a escola, de forma improvisada mesmo, a gente estudava, tinha a sala lá embaixo no barracão, tinha turma no casarão, tinha várias salas improvisadas, enquanto isso, estava sendo construída esta daqui [...], minha primeira sala foi lá no casarão e nossa turma era enorme, porque tinha muita criança, eu acho que tinha mais de 20, 25 alunos na sala, aqui tinha muita criança, por isso essa necessidade de ter uma escola aqui. Mas as primeiras aulas foram em salas de aulas improvisadas”.

Marlene Araujo detalha, na perspectiva de educadora: “então foi como eu já falei para você, a gente começou debaixo das árvores, lá tinha o casarão, a gente foi para o casarão, foi para a cocheira e tinha um outro barracão lá, e era dessa forma, onde dava certo, a gente estava dando aula, se o vento estava bom, a gente ia para debaixo da árvore. Se chovia, a gente procurava o casarão, o barracão para poder fazer as aulas”.

Para a construção da escola, foram muitas dificuldades, relatadas pelos colaboradores. Uma delas foi a arrecadação de material, que não foi fornecido pelo poder público municipal ou estadual. Marlene comenta a esse respeito: “Bom, os materiais para construir a escola, a gente pedia na prefeitura, mas nem sempre quando a gente pedia a gente ganhava. Aí a gente fazia vaquinha, os pais ajudavam, a gente comprava lona, comprava prego, as madeiras a gente

catava por aí, e era assim. A gente tinha uma dificuldade muito grande mesmo na construção da escola, em termos de material. Mas, em mão de obra, era sempre a gente mesmo que construía. Eu fiquei muito chateada que uma vez eu fui na assistente social com a coordenadora da escola, e a gente foi pedir lona, e a assistente simplesmente falou que não podia dar lona, eu falei: ‘nossa, uma escola que é quase municipal e o prefeito falar que não pode dar lona! Ah, vamos embora daqui!’”.

Sobre isso, Sapelli (2013, p. 84) afirma: “nos arquivos da Secretaria do MST, em Curitiba, encontramos muitos documentos encaminhados a órgãos do governo, solicitando materiais. Muitos desses pedidos não foram atendidos e uma das justificativas para isso era a ilegalidade da situação de ocupação”.

Além disso, sem o trabalho dispendido pelos membros do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, não haveria escola. Todo esse trabalho de construção da escola foi realizado de forma voluntária. Também foi assim com parte dos educadores. Marlene Araujo relata: “eu trabalhei como voluntária na escola itinerante, né? Porque, naquele tempo até, não tinha educador formado pela escola itinerante”.

Os educadores, responsáveis pela Educação Infantil e pelos anos iniciais do Ensino Fundamental, são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP), que tem um convênio com o governo do estado do Paraná. Assim, são selecionados entre os acampados aqueles que podem atuar como educadores, mesmo que, muitas vezes, não tenham formação para tal. Marlene diz de sua experiência: “eu mesma tinha só o quinto ano, e depois que eu fui continuar os estudos. A gente ajudou a levar esses educadores à formação, a estudar, ficava substituindo”.

Uma prática comum é a ACAP contratar dois educadores (muitas vezes, ambos sem formação para a docência) para cada turma, e, assim, um deles pode realizar formação inicial enquanto o outro assume as aulas, além de haver sempre um ajudante em sala. Mas, para que isso seja possível, é feita uma divisão de um único salário entre eles. Jonathan de Campos Meireles explica: “os educadores aqui da escola hoje são remunerados, porém, no início, eram todos voluntários, os educadores que ajudam nas salas de aula como ajudante, eles recebem um salário simbólico, porque é válido como se fosse um estágio”. Varlete Ines Calixto também diz: “os professores da 5ª série para frente, eram remunerados pelo estado. Mas de 1ª à 4ª série, nem todos, tinha um remunerado por sala e um, assim, com um valor simbólico. Eles tinham o salário que vinha lá da escola, só que eles dividiam entre eles. Um da sala tinha dinheiro, tinha o pagamento, mas uma parte daquele pagamento também ficava para a escola. Ele não recebia tudo. Todos eles eram registrados com pagamento, os regentes da sala, né, os donos da sala. Só

que ele dividia uma parte para ficar na escola e uma parte para pagar dois a quem pagavam um salário menor. Aí tinha duas pessoas para auxiliá-los nas salas”.

Há alguns relatos de episódios em que esses trabalhadores ficaram com salários atrasados por mais de 120 dias. Apesar disso, os educadores continuaram a realizar seu trabalho (SAPELLI, 2019).

Os demais trabalhos necessários para o funcionamento da escola também são bastante precarizados. Segundo Sapelli (2019, p. 94), “as funções de auxiliar de serviços gerais, cozinheira e administrativos tiveram retrocesso e foram extraídas do convenio a partir de 2015”. Assim, cabe à própria comunidade assumir essas funções de forma voluntária para manter o funcionamento da escola.

Sobre isso, Marlene relata: “na mesma hora em que eu estava na sala, eu estava dentro da escola, de repente: “Marlene, nós precisamos de você na cozinha!”. Aí, a Marlene corria para a cozinha. “Marlene, você tem que sair da cozinha e correr na horta!”. Então a gente estava ali num todo. E a gente começou essa trajetória, essa correria, essa participação lá em 2003 e 2004, quando a gente ainda dava aula embaixo das árvores, né? Porque a gente não queria que as nossas crianças fossem para a cidade, e a gente não tinha juventude formada”.

Varlete também diz: “a limpeza da Escola era feita pela comunidade. Era a comunidade que vinha limpar o banheiro. Era a comunidade que vinha limpar o entorno da escola. Era a comunidade que fazia a merenda escolar. Era a comunidade que ajudava na merenda escolar. Nós ficamos três ou quatro anos lá sem nem merendeiro. Aí, depois, conseguimos uma merendeira, mas não limpava a escola”.

Ela complementa tratando da importância da organização dos educandos e do trabalho por eles realizado: “no início, a gente tinha o grupo dos Núcleos Setoriais de Base, que, além de vir com eles, a gente criou o nosso, que era de limpeza das salas. Então, a limpeza das salas era a cargo do professor e dos alunos. Chegava no fim da aula, eram 10 minutos antes do horário para a limpeza. Um limpava a carteira, um ia varrendo, fazia aquele poeirão que você não imagina, que quase matava a gente, o outro já ia tirando o pozinho das carteiras. Na hora que o ônibus encostava, tinha que estar tudo limpo e pronto para a noite, porque, à noite, tinha aula de novo. À noite, a mesma coisa. Então, assim, a organicidade deles de limpeza também era diferente da escola convencional, em que os alunos não estão nem aí. Não estão nem aí para jogar lixo no chão. Lá sempre tem, que vocês sabem que o Joãozinho está em todas as salas. Mas, então, um cuidava do outro, quando era tudo separadinho. Cada dia, tinha uma equipe que ficava até mais tarde para limpar a sala. Então era tudo, a comunidade mesmo que fazia”.

Esses relatos mostram, por um lado, o poder da auto-organização de uma comunidade, a força de um movimento social e da coletividade diante das adversidades; por outro lado, denunciam a negligência do poder público em garantir o direito à educação à população do campo.

### **5.3 Dificuldades de se colocar em prática a proposta educacional**

A proposta educacional das escolas itinerantes do Paraná tem várias especificidades se comparada com a prática pedagógica das demais escolas. Conforme descrito no Plano de Estudos (MST, 2013), propõe-se uma organização por Ciclos de Formação Humana, avaliação por pareceres descritivos, um currículo composto por complexos de estudo, auto-organização dos educados em núcleos setoriais e outras diferenças. Colocá-la em prática não parece tarefa simples; necessita-se para isso formação própria para os professores que atuam nessas escolas, infraestrutura, tempo para planejamento e outras condições materiais. Como já discutido anteriormente, porém, a realidade dessas escolas está bastante distante disso.

Os relatos dos colaboradores desta pesquisa mostram os problemas que dificultam que essa proposta educacional seja, de fato, desenvolvida. Dahiane Inocência Silveira, por exemplo, comenta sobre a rotatividade de professores: “uma das dificuldades é a grande rotatividade de professores, porque não é uma proposta simples, que você vai entender em um mês, ela é uma proposta que, mesmo vivenciado tantos anos, eu ainda paro e me pergunto: será que é isso? Será que está correto? Será que é melhor fazer de outro jeito? Então ela é uma proposta que chega para a gente, mas vai sendo integrada à nossa realidade, e a gente vai se integrando, a realidade vai moldando. Para mim, conseguir sentar e conversar com o professor de Matemática, de Português, de História, e a gente fazer um planejamento único, em que a gente faz todas as discussões do semestre, a gente tem que ter uma sintonia”. Ela complementa: “[...] quando você consegue uma equipe, no próximo ano, vai e muda tudo, então você precisa começar do zero”.

Segundo Sapelli (2013, p. 169),

O que chama a atenção é que muitos estão em início de carreira e acabam indo para as escolas itinerantes porque estavam no final da lista de classificação, feita pela SEED, a partir do Processo Seletivo Simplificado e não tinham outra opção. Alguns atuam fora da área de formação. Há uma rotatividade muito grande, pois, assim que abre vaga em escolas da cidade ou mais próximo de suas casas, muitos acabam pedindo transferência. Como grande parte é contratada pelo Processo Seletivo Simplificado, ou seja, tem contrato temporário, mesmo querendo permanecer na

escola itinerante, quando começam novo contrato, acabam indo para outras escolas. Poucos são os que permanecem de um ano para outro nas escolas itinerantes.

Trata-se de um problema geral das escolas itinerantes – e não apenas da Valmir Motta de Oliveira. Além da rotatividade, há professores que assumem aulas na escola, mas que não se identificam com a proposta, como afirma Dahiane: “e, querendo ou não, essa escola é de difícil acesso [...]. Então, além da gente ter todas as questões físicas e estruturais, às vezes, acontece de a gente esbarrar nessas situações também, de você tenta manter a proposta como ela é e você tem colegas que não estão dispostos a dobrar a camisa e falar ‘ah, vamos fazer’. E aí você acaba ouvindo mais crítica do que apoio. Então eu acredito que, neste momento, uma das maiores dificuldades, além da infraestrutura, é mesmo a questão de parcerias e de profissionais que estejam engajados a levar a proposta adiante e cumprir a proposta da escola”. Nesse sentido, Sapelli (2013, p, 169) diz:

Há ainda casos em que o educador apresenta rejeição ao Movimento, o que o impede de “adotar” a proposta pedagógica em seus fundamentos, principalmente, no que diz respeito à formação política. Houve casos em que o educador, quando chamado para assumir aulas, sabendo que se tratava de escola de acampamento do MST, não assumia a vaga.

#### Outra dificuldade encontrada para o desenvolvimento da proposta educacional

é a própria itinerância da escola é definida pelo movimento da luta, ou seja, se há despejo no acampamento, há despejo na escola; se há fim de um acampamento, há fim da escola; se há mudança para outro espaço, há mudança da escola. Essa natureza de itinerância é necessária e possibilita que a escola seja parte da luta e por outro lado, dificulta a consolidação de qualquer proposta pedagógica (SAPELLI, 2013, p. 172).

Com a impossibilidade de realização de aulas presenciais por mais de um ano, devido à pandemia de Covid-19, ficou ainda mais difícil manter a proposta.

Dahiane relata: “pela questão da pandemia, quando tudo passou a ser online e os alunos não tinham acesso, uma outra situação, a gente foi perdendo a proposta e isso deixou de acontecer. A partir do momento em que deixa de acontecer, o professor que é avaliado, o pai que pode vir e avaliar, o pai que pode vir e falar, e que a comunidade deixa de estar dentro da sala, essa comunidade que tem essa vivência do Movimento, perde muito da proposta, e aí a gente acaba ficando engessado e sendo uma escola da cidade dentro do madeirite da escola itinerante”.

Jonathan de Campos Meireles também diz: “[...] a gente notou que a educação a distância não funciona, porque você pegar, por exemplo, um aluno que, em casa, fazia todas as atividades certinho, aí você passava a mesma atividade para ele aqui na escola, ele não sabia responder, então quer dizer que você estando presencial ali, você consegue avaliar como que está a evolução do aluno, qual é a dificuldade dele”.



Com a retomada das aulas presenciais, após o avanço na vacinação no país, a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira teve algumas dificuldades para voltar a desenvolver a sua proposta educacional, como, por exemplo, os educandos estarem desacostumados com as atividades que fazem parte dela.

Dahiane relata: “Quando eu voltei para a escola em novembro, foi um choque maior do que eu imaginava, porque eu cheguei e não existia mais proposta, não existia mais mística, não existia mais tempo de formatura, não existia mais complexo, era cada professor trabalhando o seu currículo, numa realidade engessada igual à escola da cidade, com mais dificuldade por causa da questão estrutural. Então eu me deparei, assim, com choque, eu fiquei em choque. Como assim? Aquela escola que eu vim conhecer em 2010, que eu me apaixonei, que, na primeira oportunidade que eu tive para vir enquanto professora, eu abracei e vim, e sempre quis estar aqui”.

No caso dos professores que foram entrevistados para esta pesquisa, nota-se um envolvimento grande com a proposta educacional, tanto no sentido de acreditar na sua potencialidade, quanto em fazê-la acontecer na prática. Não é possível afirmar que essa é uma constante entre os professores que lá atuaram, mesmo porque os colaboradores foram selecionados pelo critério de rede, em que são indicadas pessoas que possam contribuir com a pesquisa – o que pode contribuir para que sejam pessoas mais engajadas com a proposta.

Isso fica claro neste trecho da entrevista da Dahiane: “Eu acredito que, desde o momento que eu vim para cá, eu sempre levei muito a sério as questões da proposta, de como trabalhar os complexos, de como é e por que é importante fazer o parecer descritivo com os detalhes do que o aluno apresentava, porque, por exemplo: dando aula na outra escola, eu dou uma avaliação valendo nota. [...] Então, eu acredito que a minha constituição e participação no funcionamento da escola sempre foi de somar, somar com a equipe, somar com os alunos, somar com a comunidade, tanto que, até hoje, mesmo não estando aqui, eu me sinto participante, eu me sinto como parte da escola”.

Mesmo uma professora que diz não concordar com a proposta, desenvolve seu trabalho com vistas a colocá-la em ação: “Mas eu não concordava muito com o método de ensino do complexo de estudo. Com isso eu não concordava. Mas, enfim, a gente fazia o trabalho direito”.

Vários colaboradores relatam que utilizavam a avaliação pelo parecer descritivo. É o caso de Varlete Ines Calixto, que diz: “Mas, agora, com o parecer descritivo eu nunca tive dificuldade. Eu tenho dificuldade de dar nota, eu não sei, ele fez uma prova e tirou 5, vou dar 5 para ele. E se ele colou tudo do outro e o outro, que não sabe escrever direito, que sabe mais do

que ele, não vai ganhar nota. Então, isso aí, nossa, foi muito bom, muito trabalhoso, mas muito bom”.

Jonathan de Campos Meireles, que foi aluno lá e foi avaliado por esse meio, também afirma: “Com relação à avaliação, a gente entende que esse sistema de nota, dar número para as crianças, eu acho meio ruim, né, porque os alunos ficam lá: ‘Ah, eu sou nota 10, e você é 2’. Quer dizer que a outra é bem superior, isso se dá na criança também, ela falar eu sou melhor que você então. Com o parecer descritivo, a gente analisa tudo o que a criança aprendeu, a escrita, a leitura, se ela tem uma boa coordenação”.

Karina Aparecida da Silva também diz: “Sobre os pareceres descritivos, eu vou avaliar os meus educandos de maneira diferente, porque eles são seres diferentes, cada um adquire o conteúdo de forma diferente, temos os cadernos de avaliações, que são feitos semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, vai da organização da escola. No nosso caso, é de 15 em 15 dias. Funciona assim: eu vou sentar e analisar todos os conteúdos que eu dei nesses 15 dias. [...] Então eu registro esse momento para que, no final do semestre, esse caderno de avaliação seja fundamental para criação do parecer. Porque eu tenho que registrar todos os conteúdos que eu passei, relatando as dificuldades dos alunos, sendo de cada educando individualmente naquele conteúdo, ressaltando o desenvolvimento dele, como ele conseguiu desenvolver, qual foi a metodologia que eu trabalhei, e não somente dos conteúdos, porque, no final do parecer, temos a avaliação mais humana, que é do comportamento. [...] Então toda essa vida da criança na escola, na rotina dela, é descrita nesse parecer. Se são seis crianças, serão seis pareceres completamente diferentes, esse é o desafio, porque não é fácil, nada é fácil, é muito difícil escrever. Parece uma coisa simples, mas é muito difícil. Então, a gente começa com esse caderno de avaliação e passa para o parecer descritivo”.

Jonathan também comenta sobre os Ciclos de Formação Humana: “Em questão dos ciclos de formação, são três ciclos: tem o ciclo único (que é a Educação Infantil), o 1º ciclo que é o 1º, o 2º e o 3º ano do Ensino Fundamental, e o 2º ciclo que é o 4º e o 5º ano do Ensino Fundamental. Daí funciona assim, por exemplo: uma criança tem no 1º ciclo três anos para aprender aquilo que está dentro da proposta do ciclo, certo? Então, ela vai fazer o 1º ano, ela vai fazer o 2º ano, ela vai fazer o 3º ano, caso ela tenha dificuldade de enfrentar o 2º ciclo, daí a gente retém ela, só isso. Mas ela tem esses três anos para a gente ver se ela vai avançar, quais são as dificuldades dela”.

Sobre os núcleos setoriais, Karina expressa sua animação: “Os núcleos setoriais são a minha parte favorita da escola, a parte que eu mais gosto”. Ela complementa: “Os núcleos setoriais, eu falo que são um espelho da organização da comunidade, porque, na comunidade,

temos essa organização, são cinco grupos, cada pessoa tem uma função então, não temos o suficiente, mas é para ser dois coordenadores, um homem e uma mulher. Tem coordenação, tem setor da saúde, tem setor da disciplina, tem da infraestrutura, tem educação, então eu vou atuar nessas áreas”.

Essas várias características particulares da Escola Itinerante produzem uma educação diferente, modificando práticas pedagógicas, mas também modos de se colocar na sociedade e de compreender os problemas da atualidade.

Nesse sentido, “uma escola itinerante educa principalmente através das novas relações sociais que produz e reproduz, problematizando e propondo valores, alterando comportamentos, desconstruindo e construindo concepções, costumes, ideias” (MST, 2005, p. 202).

As memórias narradas nesta pesquisa apresentam relatos de uma escola diferente do modelo predominante; trata-se de uma escola com seus conceitos próprios, suas metodologias, sua forma de avaliar, seus ritos, as místicas etc., tornando-a uma escola única.

## 6. PRODUTO EDUCACIONAL

Juntamente à realização da pesquisa relatada nesta dissertação, foi desenvolvido um livro paradidático com o objetivo de apresentar uma história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira principalmente às crianças que lá estudam. Esse produto educacional<sup>303</sup> tem o formato de um livro de história em quadrinhos e registra a constituição da escola, tratando do acampamento nas Fazendas Itapema e Cambará, dos lugares improvisados para a realização das aulas e o grande trabalho coletivo que a comunidade fez para erguer a escola e manter o seu funcionamento.

Foram utilizadas como fontes para a elaboração da história em quadrinhos as nove entrevistas realizadas com dez colaboradores na pesquisa e as fotografias cedidas por eles e aquelas registradas pelo autor. Com esse material e com uma narrativa ficcional de diálogo entre crianças, o ilustrador Wesley Vieira criou uma narrativa visual para a história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, que está disponível para uso nessa escola e em outras que queiram abordar o tema em suas práticas educativas.

O enredo da história em quadrinhos dá-se pela conversa entre três crianças que devem realizar um trabalho escolar para apresentar a história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Para isso, elas realizam pesquisas com seus familiares e outros conhecidos visando reunir relatos e, então, compreender o processo de constituição e funcionamento da escola.

A seguir, apresentamos as páginas da história em quadrinhos e algumas fotografias utilizadas como base para criação dos desenhos.

A Figura 12 representa a capa do livro em quadrinhos, inspirada na fotografia da estrutura física da escola, presente na Figura 13.

---

<sup>303</sup> Os cursos de mestrado profissional na área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), como é o caso do curso em que esta pesquisa se insere (do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná) exigem que, além da dissertação, seja desenvolvido um produto ou processo educacional, como requisito para sua conclusão.

Figura 12: Capa do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 13:** Fotografia da estrutura física da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.



**Fonte:** autoria própria (2022).

As Figuras 14 e 15 representam as páginas 5 e 6 do produto educacional, em que está o início da história em quadrinhos, com as três personagens, Joana, Fábio e Marina, conversando. Elas fazem menção ao trabalho solicitado pela educadora Ana sobre a história da escola. Para a criação do desenho, foi utilizada como inspiração a fotografia da paisagem próxima ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira, presente na Figura 16.

Figura 14: Página 5 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

Figura 15: Página 6 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).



**Figura 16:** Fotografia da paisagem próxima ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira



**Fonte:** autoria própria (2022).

A página 7 do produto educacional, presente na Figura 17, relata a conversa entre Marina, Fábio e Joana, sobre a pesquisa realizada por eles, com seus familiares e outros conhecidos, sobre o início das atividades da escola, que, mesmo antes de serem construídas as salas de aula, ocorriam em lugares inusitados. Para a criação do desenho foi utilizada como inspiração a fotografia presente na Figura 18.

Figura 17: Página 7 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 18:** Fotografia de um espaço improvisado para realização de aulas na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** Autoria própria (2022).

As páginas 8 e 9 do produto educacional, presentes nas Figuras 19 e 20, contêm relatos inspirados naqueles feitos pelos colaboradores que concederam entrevistas, que tratam do início da ocupação organizada pelo MST, quando cerca de 250 famílias acamparam na beira da estrada, próximo à Fazenda Itapema. À época, as crianças e jovens estudavam em uma escola de Jacarezinho, onde sofriam discriminação de outros alunos e chegavam até a se esconder dentro do ônibus que fazia o transporte escolar para não entrar na escola. Para a criação dos desenhos, foram utilizadas como inspiração as fotografias presentes nas Figuras 21 e 22, que mostram o acampamento e o ônibus de transporte escolar.

Figura 19: Página 8 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

Figura 20: Página 9 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 21:** Fotografia do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, em 2010



**Fonte:** Martins (2010).

**Figura 22:** Fotografia do ônibus para transporte escolar utilizado no Acampamento Valmir Mota de Oliveira



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Na página 10 do produto educacional, presente na Figura 23, Fábio, Marina e Joana falam de uma situação descrita nas entrevistas: as famílias acampadas se reuniram e resolveram arrecadar materiais para a construção da escola e, enquanto ela não ficasse pronta, as aulas aconteceriam na sede da fazenda, em locais improvisados, como por exemplo no próprio pasto. Para a criação do desenho foi utilizada como inspiração a fotografia presente na Figura 24, cedida pela colaboradora Varlete Ines Calixto.

Figura 23: Página 10 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).



**Figura 24:** Fotografia da aula ocorrendo junto ao pasto no Acampamento Valmir Mota de Oliveira



**Fonte:** Cedida pela colaboradora Varlete Ines Calixto (2011).

Na página 11 do produto educacional, presente na Figura 25, o personagem Fábio conta para Marina sobre as conversas que teve para saber mais sobre a história da escola, sendo uma delas com a Dona Marlene – uma das colaboradoras desta pesquisa. A fotografia de um espaço do lote da colaboradora, presente na Figura 26, serviu como inspiração para os desenhos.

Figura 25: Página 11 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 26:** Fotografia do lote da colaboradora da pesquisa, Marlene Araújo



**Fonte:** Autoria própria (2022).

A página 12 do produto educacional, presente na Figura 27, relata um diálogo entre os personagens sobre como era a rotina escolar no início da escola. O lanche era servido aos educandos no casarão da Fazenda e eles precisavam subir um morro para poderem se alimentar.

O caminho passava dentro de um pasto com alguns animais. Para a elaboração do desenho foram utilizadas como inspiração as fotografias do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, presentes nas Figuras 28 e 29.

Figura 27: Página 12 do produto educacional



**Figura 28:** Fotografia do casarão da Fazenda Itapema, onde era servido o lanche



**Fonte:** Cedida pela colaboradora Varlete Ines Calixto (2011).

**Figura 29:** Fotografia das cocheiras, que eram um espaço improvisado para realização das aulas.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Na Figura 30, consta a página 13 do produto educacional, em que há um diálogo entre os personagens sobre a construção da escola. Esse relato apareceu nas entrevistas realizadas para esta pesquisa; as famílias foram organizadas em cinco grupos, sendo que cada grupo ficava responsável por trabalhar na construção um dia da semana. Os materiais utilizados foram, em parte, doados pela prefeitura de Jacarezinho e o restante comprado pela comunidade. No mesmo ano, foi inaugurada a escola. Para a criação do desenho foi utilizada como inspiração a fotografia presente na Figura 31.

Figura 30: Página 13 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 31:** Fotografia da estrada em frente à Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Na página 14 do produto educacional, presente na Figura 32, há uma descrição de como era a escola no início: havia cinco salas de aula, um refeitório com cozinha e uma secretaria. À época, eram ofertadas as turmas da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Pela falta de espaço, usava-se uma das casas da sede da Fazenda para a biblioteca e a sala intermediária. Para a criação do desenho, foi utilizada como inspiração a fotografia presente na Figura 33.



Figura 32: Página 14 do produto educacional



**Figura 33:** Fotografia da construção da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** Cedida pela colaboradora Karina Aparecida da Silva (2022).

Na página 15, presente na Figura 34, os personagens explicam o nome da escola, do acampamento e do assentamento – todos em homenagem a uma liderança do MST que foi assassinada. Para criação do desenho, foi utilizada como inspiração a fotografia de um espaço da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, presente na Figura 35.

Figura 34: Página 15 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 35:** Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** A autoria própria (2022).

Na Figura 36, referente à página 16 do produto educacional, há uma imagem de Valmir Motta de Oliveira, inspirada na fotografia presente na Figura 37. Também, um diálogo entre os personagens sobre a ampliação da escola, que, em 2010, passou a ter todos os anos do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, além de uma turma de Educação de Jovens e Adultos, e sobre um temporal que destruiu parte da escola em 2011, registrado nas fotografias das Figuras 38 e 39. Após a reforma que precisou ser realizada, a escola foi reinaugurada – o que aparece na Figura 40, referente à página 17 do produto educacional, que teve como inspiração uma fotografia recente da estrutura física da escola, presente na Figura 41.

Figura 36: Página 16 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 37:** Fotografia de um quadro com a imagem de Valmir Motta de Oliveira.



**Fonte:** Autoria própria (2022).

**Figura 38:** Fotografia externa da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira parcialmente destruída após temporal, em 2011.



**Fonte:** Cedida pela colaboradora Karina Aparecida da Silva (2011).

**Figura 39:** Fotografia do telhado da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, que foi parcialmente destruída após temporal, em 2011.



**Fonte:** Cedida pela colaboradora Karina Aparecida da Silva (2011).

Figura 40: Página 17 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).



**Figura 41:** Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Nas páginas 18 e 19 do produto educacional, presentes nas Figuras 42 e 43, os personagens explicam e conversam sobre a reforma agrária e a insegurança de estar acampado – que é o caso daqueles que fazem parte do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, existente há mais de 10 anos, na Fazenda Itapema. A fotografia de um espaço da escola, presente na Figura 44, serviu de inspiração para a elaboração dos desenhos.

Figura 42: Página 18 do produto educacional

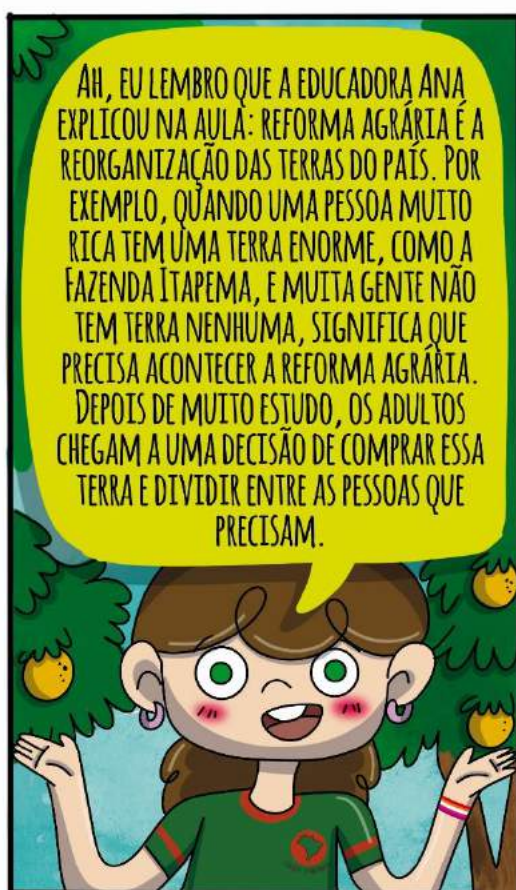


Figura 43: Página 19 do produto educacional



Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

**Figura 44:** Fotografia da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira



**Fonte:** Autoria própria (2022).

Na página 20 do produto educacional, presente na Figura 45, estão os três personagens, Fábio, Joana e Marina, em uma ilustração final da história em quadrinhos. Para a criação dos personagens, foi considerado o uniforme verde da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

Figura 45: Página 20 do produto educacional



20

Fonte: Produzida pelos autores e pelo ilustrador Wesley Vieira (2023).

O produto educacional, intitulado “Contando uma história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, consta na íntegra como Apêndice D desta dissertação. Além disso, foram

entregues alguns exemplares da versão impressa<sup>304</sup> deste material à direção da escola, para que ele possa ser utilizado nas práticas pedagógicas, caso os educadores tenham interesse.

---

<sup>304</sup> A impressão do material foi possível pela disponibilização de um recurso financeiro específico pela Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no Edital de Seleção de Propostas de Projeto de Incentivo à Prática Pedagógica aos Cursos de Licenciatura da UTFPR – Licenciando, do qual a orientadora desta pesquisa, professora Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, participou no ano de 2022 e teve sua proposta contemplada.

## 7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante da escassez de fontes historiográficas sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, assim como de outras escolas itinerantes do estado do Paraná, justifica-se a realização desta pesquisa. Ademais, por se tratar de uma história recente, a História Oral apresenta-se como uma alternativa teórico-metodológica viável e pertinente para a constituição dessas fontes.

Os dez depoimentos considerados nesta pesquisa contribuem para a escrita de uma narrativa que detalha o início do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, a decisão sobre a abertura de uma Escola Itinerante nesse espaço, o processo de construção e reformas nas estruturas físicas da escola, os diversos espaços de realização de aulas (antes mesmo da primeira construção de um espaço próprio) e o funcionamento das atividades escolares – contemplando, entre outros aspectos, a contratação de professores, a proposta educativa dos complexos de estudo e as formas de avaliação da aprendizagem, por meio de pareceres descritivos.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que vivenciaram esse processo – seja como acampadas, estudantes ou professoras da escola. Com isso, espera-se que a história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira fique registrada e contribua para o desenvolvimento de futuras pesquisas e para a construção e preservação da memória de uma comunidade e, também, do próprio MST, enquanto um movimento social com forte atuação para a redução das desigualdades no país.

Diante das fontes historiográficas constituídas, poderia ter sido construída uma narrativa final a respeito da história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira – o que, de algum modo, foi feito por meio do produto educacional, no formato de uma história em quadrinhos. Essa opção não foi escolhida por duas razões: a primeira delas é que as textualizações produzidas a partir das entrevistas se repetem com relação às principais informações a respeito dessa história – o que, por um lado, dá mais força a tais fatos, mas, por outro, poderia tornar a dissertação muito repetitiva; e a segunda razão é a singularidade das opiniões e vivências dos entrevistados, que possibilita debates sobre temas específicos.

Quando se trabalha com História Oral, utilizando entrevistas, abrem-se possibilidades múltiplas de leitura, de análise ou de discussão. Assim, a opção, nesta dissertação, foi por abordar três temas que chamaram a atenção durante a realização das entrevistas e após a realização da textualização. Muitos outros poderiam ter sido abordados e essa é uma potencialidade da constituição de fontes historiográficas: outros pesquisadores podem utilizá-las para investigações futuras.

Ter tido a oportunidade de realizar esta pesquisa na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, chegou, em certo modo, a ser transformador. Foram momentos de muito aprendizado vivenciado no tempo em que estive em campo. Conhecer um pouco mais a fundo a história de um acampamento, de uma Escola Itinerante, a força da organização do MST, vendo que é possível erguer e manter em funcionamento uma escola com uma proposta educacional específica sem ou com pouco apoio do poder público, me fez refletir a respeito da vida em sociedade e da educação de uma forma mais ampla.

A escola vem resistindo junto com a comunidade, com o lema “Desistir Jamais”, sempre na esperança de que dias melhores possam vir e que, logo, os acampados possam ser assentados e realizar o sonho do tão sonhado lote.

Por fim, espero ter contribuído, de alguma forma, com as narrativas sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.



## REFERÊNCIAS

- BEZERRA NETO, L. **Sem-Terra aprende e ensina**: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BRASIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. 1850. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L0601-1850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm). Acesso em 12 de setembro de 2022.
- BÔAS, R. L. V. Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 11, n. 13, p. 156-165, jul./dez. 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm). Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.
- CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.
- CALDART, R. S. O MST e a formação dos Sem Terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 207-224, dez. 2001.
- COLÉGIO ESTADUAL MARQUES DOS REIS; ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA **Projeto Político-Pedagógico**. Jacarezinho, 2020.
- DIEESE; MDA. **Estatísticas do Meio Rural 2010-2011**. São Paulo: DIEESE; NEAD; MDA, 2011.
- FERNANDES, B. M. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro**: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1979-1999). 1999. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FRAZÃO, G. A. F.; LOPES, W. R.; SACHS, L. Complexos de estudo: levantamento bibliográfico e análise de pesquisas realizadas no Brasil. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 23, n. 3, p. 171-187, set./dez. 2020.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. *In*: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 6. ed. São Paulo: Autêntica, 2019. p. 85-105.
- GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 20-35, 2010.
- GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto**: metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Unesp, 2008.
- GERMANI, G. I. Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 115-147, 2006.

HAMMEL, A. C.; FARIAS, M. I.; SAPELLI, M. L. S. Complexos de Estudo – do inventário ao Plano de Estudos. In: SAPELLI, M. L. S. FREITAS, L. C.; CALDART, R. (Org.). **Caminhos para transformação da escola: organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo**: ensaios sobre complexos de estudo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 67-96

INDURSKY, F. O Ritual da Mística no Processo de identificação e resistência. **Rua**, Campinas, v. 20, p. 109-125, 2014.

INEP. **Panorama da educação do campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.

LEITE, S. C. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LEITE, V. J. **Educação do Campo e Ensaio da Escola do Trabalho**: a materialização do trabalho como princípio educativo na escola itinerante do MST Paraná. 2017. 305 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

MARIANO, A. S. **Ensaio da escola do trabalho no contexto das lutas do MST**: a proposta curricular dos ciclos de formação humana com complexos de estudo, nas escolas itinerantes do Paraná. 2016. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, 2016.

MARTINS, M. Incra desapropria primeira área em 2010. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 mai. 2010. Vida e cidadania. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/incra-desapropria-primeira-area-em-2010-1gokdyif2pal8codup4z9fyvi/>. Acesso em 26 mar. 2023.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática**: história, práticas e Marginalidade. 2007. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MIRANDA, R. S.; CUNHA, L. H. H. A estrutura organizacional do MST: lógica política e lógica prática. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 363-376, ago. 2013.

MOLINA, M. C; FREITAS, H. C. A. Avanços e Desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85. p. 17-31, abr. 2011.

MST. **Dossiê MST Escola**: documentos e estudos 1990-2001. Veranópolis: ITERRA, 2005.

MST. **Escola itinerante do MST**: história, projeto e experiência. Curitiba: SEED, 2008.

MST. **Escola Itinerante**: Plano de Estudos. Cascavel: Unioeste, 2013.

OLIVEIRA, A. U. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, 2001.

- PAIÃO, C. A. **Memórias da Escola Itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”**: histórias do fazer uma outra escola no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio/Londrina, 2019.
- PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PRIORI, A. *et al.* **História do Paraná**: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012.
- PRONZATO, C. **19 Poemas Sem Terra**. MST, 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/download/19-poemas-sem-terra>. Acesso em 19 de setembro de 2022.
- SACHS, L.; ALVES, W. L. L. A construção coletiva do inventário da realidade na Educação do Campo, **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 1-17, 2021.
- SACHS, L.; ALVES, W. L. L. Inventário da realidade. Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber Escola Municipal do Campo Egídio Domingos Brunetto. 2020, p. 39.
- SANTOS, J. G. C.; SACHS, L. A avaliação da aprendizagem matemática a partir de pareceres descritivos em uma Escola Itinerante do Paraná. *In*: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 16., 2022. **Anais...** Foz do Iguaçu, 2023, p. 1-14.
- SANTHIAGO, R. S.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica. 2015.
- SAPELLI, M. L. S. **Escola do campo - espaço de disputa e de contradição**: análise da proposta pedagógica das escolas itinerantes do Paraná e do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina. 448 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SAPELLI, M. L. S. Escola itinerante: uma história ocultada, forjada no contexto da luta de classes no Paraná. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 61, p. 333-354, jul. 2015.
- SAPELLI, M. L. S; LEITE, V. D. J; BAHNIUK, C. **Ensaio da escola do trabalho na luta pela terra: 15 anos da escola itinerante no Paraná**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- SERRA, E. Colonização, uso da terra e conflitos rurais no Paraná. *In*: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu. **Anais...** Montevideu, 2009, p. 1-15.
- SERRA, E. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrária no Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, ano 10, n. 1, p. 61-95, 1992.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. *In*: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

SILVEIRA, D. I. **Um olhar para a agroecologia e a educação ambiental no ensino de ciências na escola itinerante do MST**. 2020. 164 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2012.

VIANNA, C. R. Sem título. *In*: Garnica, A. V. M. (Org.). **Cartografias contemporâneas**. Curitiba: Appris, 2014. p. 67-85

VIEIRA, L. C. A Mística no MST: um ritual político. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH, 18., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008, p. 1-10.

**ANEXO A – FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL**

## Ficha de Avaliação de Produto/Processo Educacional

Adaptado de: Rizzatti, I. M. *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. *ACTIO*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

<b>Instituição de Ensino Superior</b>	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
<b>Programa de Pós-Graduação</b>	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGMAT)
<b>Título da Dissertação</b>	Uma investigação historiográfica sobre a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira
<b>Título do Produto/Processo Educacional</b>	Contando uma história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira
<b>Autores do Produto/Processo Educacional</b>	<b>Discente:</b> Bruno Elias Domingues
	<b>Orientador/Orientadora:</b> Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa
	<b>Outros</b> (se houver):
<b>Data da Defesa</b>	05/05/2023

FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)	
Esta ficha de avaliação deve ser preenchida pelos membros da banca do exame de defesa da dissertação e do produto/processo educacional. Deve ser preenchida uma única ficha por todos os membros da banca, que decidirão conjuntamente sobre os itens nela presentes.	
<p><b>Aderência:</b> avalia-se se o PE apresenta ligação com os temas relativos às linhas de pesquisas do Programa de Pós-Graduação.</p> <p><u>*Apenas um item pode ser marcado.</u></p> <p>Linhas de Pesquisa do PPGMAT:</p> <p><i>L1: Formação de Professores e Construção do Conhecimento Matemático</i> (abrange discussões e reflexões acerca da formação inicial e em serviço dos professores que ensinam Matemática, bem como o estudo de tendências em Ensino de Matemática, promovendo reflexões críticas e analíticas a respeito das potencialidades de cada uma no processo de construção do conhecimento matemático nos diferentes níveis de escolaridade);</p> <p><i>L2: Recursos Educacionais e Tecnologias no Ensino de Matemática</i> (trata da análise e do desenvolvimento de recursos educacionais para os processos de ensino e de aprendizagem</p>	<p>( ) Sem clara aderência às linhas de pesquisa do PPGMAT.</p> <p>(x) Com clara aderência às linhas de pesquisa do PPGMAT.</p>

matemática, atrelados aos aportes tecnológicos existentes).	
<p><b>Aplicação, aplicabilidade e replicabilidade:</b> refere-se ao fato de o PE já ter sido aplicado (mesmo que em uma situação que simule o funcionamento do PE) ou ao seu potencial de utilização e de facilidade de acesso e compartilhamento para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.</p> <p><u>*Apenas um item pode ser marcado.</u></p> <p>A propriedade de aplicação refere-se ao processo e/ou artefato (real ou virtual) e divide-se em três níveis:</p> <p>1) aplicável – quando o PE tem potencial de utilização direta, mas não foi aplicado;  2) aplicado – quando o PE foi aplicado uma vez, podendo ser na forma de um piloto/protótipo;  3) replicável – o PE está acessível e sua descrição permite a utilização por outras pessoas considerando a possibilidade de mudança de contexto de aplicação.</p> <p>Para o curso de Mestrado Profissional, o PE deve ser aplicável e é recomendado que seja aplicado.</p>	<p>(x) PE tem características de aplicabilidade, mas não foi aplicado durante a pesquisa.</p> <p>( ) PE foi aplicado uma vez durante a pesquisa e não tem potencial de replicabilidade.</p> <p>( ) PE foi aplicado uma vez durante a pesquisa e tem potencial de replicabilidade (por estar acessível e sua descrição permitir a utilização por terceiros, considerando a possibilidade de mudança de contexto de aplicação).</p> <p>( ) PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade (por estar acessível e sua descrição permitir a utilização por terceiros, considerando a possibilidade de mudança de contexto de aplicação).</p>
<p><b>Abrangência territorial:</b> refere-se a uma definição da abrangência de aplicabilidade ou replicabilidade do PE (local, regional, nacional ou internacional). Não se refere à aplicação do PE durante a pesquisa, mas à potencialidade de aplicação ou replicação futuramente.</p> <p><u>*Apenas um item pode ser marcado e a justificativa é obrigatória.</u></p>	<p>( ) Local  ( ) Regional  (x) Nacional  ( ) Internacional</p> <p>Justificativa (<i>obrigatória</i>): O PE refere-se a uma escola específica, mas pode ser utilizado como uma inspiração para o desenvolvimento de materiais semelhantes em outras escolas, itinerantes ou não, em âmbito nacional.</p>
<p><b>Impacto:</b> considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado no sistema relacionado à prática profissional do discente (não precisa ser, necessariamente, em seu local de trabalho).</p> <p><u>*Apenas um item pode ser marcado.</u></p>	<p>(x) PE não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente (esta opção inclui a situação em que o PE foi utilizado e/ou aplicado em um contexto simulado, na forma de protótipo/piloto).</p> <p>( ) PE com aplicação no sistema relacionado à prática profissional do discente.</p>
<b>Área impactada</b>	( ) Econômica;

<p><u>*Apenas um item pode ser marcado.</u></p>	<p>( ) Saúde;  (x) Ensino;  ( ) Cultural;  ( ) Ambiental;  ( ) Científica;  ( ) Aprendizagem.</p>
<p><b>Complexidade:</b> compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do PE.</p> <p><u>*Podem ser marcados nenhum, um ou vários itens.</u></p>	<p>(x) O PE foi concebido a partir de experiências, observações e/ou práticas do discente, de modo atrelado à questão de pesquisa da dissertação.</p> <p>(x) A metodologia apresenta clara e objetivamente, no texto da dissertação, a forma de elaboração, aplicação (se for o caso) e análise do PE.</p> <p>(x) Há, no texto da dissertação, uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e metodológicos empregados na dissertação.</p> <p>( ) Há, no texto da dissertação, apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p>
<p><b>Inovação:</b> considera-se que o PE é inovador, se foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original. A inovação não deriva apenas do PE em si, mas da sua metodologia de desenvolvimento, do emprego de técnicas e recursos para torná-lo mais acessível, do contexto social em que foi utilizado ou de outros fatores. Entende-se que a inovação (tecnológica, educacional e/ou social) no ensino está atrelada a uma mudança de mentalidade e/ou do modo de fazer de educadores.</p>	<p>( ) PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito).</p> <p>(x) PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos preestabelecidos).</p> <p>( ) PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimentos existentes).</p>
<p><b>Membros da banca examinadora de defesa</b></p>	
<p><b>Nome</b></p>	<p><b>Instituição</b></p>
<p>Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa</p>	<p>Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) <i>campus</i> Cornélio Procópio</p>
<p>Mirian Maria Andrade Gonzalez</p>	<p>Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) <i>campus</i> Curitiba</p>
<p>Silvana Matucheski</p>	<p>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná</p>



## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

### *Questão inicial:*

1. Você pode iniciar esta entrevista se apresentando, dizendo seu nome, idade, município de origem, formação e trajetória profissional?

### *Questões referentes ao movimento social:*

1. Conte um pouco sobre sua chegada e história junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).
2. Você participou do processo de ocupação das Fazendas Cambará e Itapema e da organização dos acampamentos? Se sim, conte sobre esse processo.
3. Quantas pessoas ou famílias participaram do processo de ocupação das terras e organização dos acampamentos? Todas essas famílias ainda vivem no Acampamento Valmir Motta de Oliveira ou no Assentamento Companheiro Keno?
4. Com a chegada das famílias a essas terras, você se lembra da quantidade aproximada de crianças, jovens e adultos que precisavam de acesso à educação?

### *Questões referentes à constituição e ao funcionamento da escola:*

1. Quais são suas lembranças sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira?
2. De que modo você participou/participa da constituição e/ou funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira?
3. Após a chegada nas terras das Fazendas Cambará e Itapema, quanto tempo foi necessário para realizar a construção da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira? Quando ela iniciou suas atividades?
4. Você tem alguma recordação de como foram realizadas as primeiras aulas (local, estrutura, número de estudantes)? Você se lembra do primeiro dia? Se sim, poderia falar um pouco a esse respeito?
5. No início, quais níveis de ensino eram oferecidos na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira? Como isso foi mudando ao longo do tempo?
6. Como se deu/dá o acesso a materiais didáticos pela Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira?

7. De que forma foram/são selecionados os educadores da escola? Com quantos educadores a escola iniciou suas atividades? De que forma eram/são realizadas as outras tarefas para o funcionamento da escola (serviços de limpeza e alimentação, documentação da escola)?
8. Os trabalhadores da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira eram/são remunerados? Você poderia detalhar?
9. Como era/é a organização da escola (salas seriadas e/ou multisseriadas, níveis de ensino, horário de funcionamento, quantidade de estudantes)?
10. Como se deu/dá a relação da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira com a Escola Base? Como isso mudou com a alteração da Escola Base (do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak para o Colégio Estadual Marques dos Reis)?
11. Você poderia falar sobre as especificidades da proposta educacional adotada pela Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira (complexos de estudo, ciclos de formação humana, pareceres descritivos, núcleos setoriais etc.)? Quais são as principais dificuldades em colocar em prática essa proposta?
12. Gostaria de dizer algo mais sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira?

**APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_, portadora/portador do RG \_\_\_\_\_, cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo, ao pesquisador **Bruno Elias Domingues**, a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e de imagem sobre o depoimento oral prestado, no(s) dia(s) \_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_(local), e sobre a textualização revisada por mim no dia de hoje. Estou ciente que essa autorização inclui a revelação da minha identidade.

Jacarezinho, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura da/do participante da pesquisa

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA UTILIZAÇÃO DE  
IMAGEM, SOM E VOZ (TCUISV)**

**Título da pesquisa:** Uma investigação historiográfica sobre uma Escola Itinerante por meio da História Oral

**Pesquisadores:**

Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

[linlyabarbosa@utfpr.edu.br](mailto:linlyabarbosa@utfpr.edu.br)

Av. Alberto Carazzai, 1640 – Vila Seugling, Cornélio Procópio-PR  
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Bruno Elias Domingues

[brunodomingues.2012@alunos.utfpr.edu.br](mailto:brunodomingues.2012@alunos.utfpr.edu.br)

**Local de realização da pesquisa:** a combinar (presencialmente, em local de escolha do participante)

Este documento está dividido em duas partes:

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE: as principais informações sobre o projeto de pesquisa são apresentadas à pessoa que está sendo convidada a participar da pesquisa.

B) CONSENTIMENTO: caso a pessoa aceite o convite para participação da pesquisa, deverá preencher suas informações e assinar o consentimento.

## **A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

### **1. Apresentação da pesquisa.**

O Brasil é um país marcado por desigualdades diversas, entre elas de acesso à terra. Diante disso, constituiu-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) oficialmente em 1984, no Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra do Estado do Paraná. Desde então, o MST tem liderado grande parte da luta por uma distribuição mais igualitária da terra no país, travando embates com entidades governamentais para que uma reforma agrária popular seja realizada.

Além disso, o MST e outros movimentos sociais têm lutado para melhorar as condições de vida de populações camponesas, que costumam ter direitos negligenciados. Entre essas lutas, está a que se refere a uma educação de qualidade. Nesse sentido, foram constituídas as Escolas Itinerantes do estado do Paraná, com o intuito de garantir o acesso à educação para crianças durante períodos, muitas vezes longos, de ocupação de terra em acampamentos rurais.

Essa necessidade surgiu por algumas razões: muitas vezes, os acampamentos são distantes das escolas municipais e estaduais da região de ocupação; quando ocorre a chegada de muitas famílias para a ocupação de terra, em várias situações, as escolas não possuem vagas para todos os estudantes; e as crianças e os adolescentes sofrem, frequentemente, com discriminação por serem Sem Terra.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada no município de Jacarezinho, pertencente à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, que iniciou suas atividades em 2008, que seguem até os dias atuais. Por isso, convidamos você a participar da pesquisa, concedendo uma entrevista sobre essa temática.

### **2. Objetivos da pesquisa.**

Realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada no município de Jacarezinho, pertencente

à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, que iniciou suas atividades em 2008, que seguem até os dias atuais.

### **3. Participação na pesquisa.**

A participação na pesquisa será por meio da realização de uma entrevista semiestruturada presencial, de modo que o pesquisador se deslocará (com recursos próprios) ao Acampamento Valmir Motta de Oliveira, de modo que o participante não precisará se deslocar, com duração estimada de até duas horas. O dia e horário da entrevista serão negociados entre o pesquisador e o participante.

### **4. Confidencialidade.**

A respeito dos dados pessoais do participante, pontuamos que a História Oral preconiza que os sujeitos da história sejam identificados. Assim, procederemos da seguinte forma: os convidados que aceitarem participar da pesquisa o farão assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de consentimento para utilização de imagem, som e voz (TCUISV), em um único arquivo. Esse documento garante a participação mantendo o anonimato da pessoa. Após a realização da entrevista, da transcrição do áudio e da textualização, o participante poderá permitir que seu nome seja divulgado, com a assinatura da carta de cessão de direitos. Caso o participante não assine a carta de cessão de direitos, os dados obtidos não serão publicados ou utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

### **5. Riscos e Benefícios.**

**5a) Riscos:** Os riscos previsíveis desta pesquisa para o participante referem-se a possíveis constrangimentos que ele possa ter para responder as perguntas da entrevista. A forma de lidar com esses riscos será possibilitando a ele não responder a essas perguntas que não queira, seguindo para as próximas (sem nenhum tipo de problema decorrente).

**5b) Benefícios:** Benefícios indiretos e potenciais para a sociedade, já que os resultados da pesquisa poderão contribuir para a historiografia da educação e dos movimentos sociais.

### **6. Critérios de inclusão e exclusão.**

**6a) Inclusão:** pessoa que tenha relação com a constituição e/ou funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, indicada pelo critério de rede (exceto a primeira pessoa), maior de 18 anos e alfabetizada.

**6b) Exclusão:** não há.

### **7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.**

O participante da pesquisa tem direito de:

- a) deixar o estudo a qualquer momento, com liberdade para recusar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalização;
- b) receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa.

### **8. Ressarcimento e indenização.**

Não haverá ressarcimentos de gastos, pois não há gastos previstos para participação na pesquisa. Caso haja algum dano decorrente da pesquisa, o participante poderá ser indenizado, nos termos da legislação em vigor.

### **ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:**

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N,

Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br).

## B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, os benefícios, o ressarcimento e a indenização, relacionados a este estudo.

Após reflexão em um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos, periódicos científicos e dissertação e apresentados em aulas, palestras e eventos científicos.

Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Referente ao acesso aos resultados desta pesquisa, informo que:

quero receber os resultados da pesquisa por e-mail.

não quero receber os resultados da pesquisa.

Nome completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para sair da pesquisa, o participante poderá se comunicar com:

Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

e-mail: [linlyabarbosa@utfpr.edu.br](mailto:linlyabarbosa@utfpr.edu.br)

### **Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:**

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

**Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **E-mail:** [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)